



ESCOLA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Sítio Arqueológico do Mascarro –
Um modelo para o povoamento antigo no concelho de
Castelo de Vide**

Sílvia T. Monteiro Ricardo

Orientação: André Miguel Serra Pedreira Carneiro

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2015

Sítio Arqueológico do Mascarro –
Um modelo para o povoamento antigo no concelho de
Castelo de Vide



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Sítio Arqueológico do Mascarro –

**Um modelo para o povoamento antigo no concelho de
Castelo de Vide**

Sílvia T. Monteiro Ricardo

Orientação: André Miguel Serra Pedreira Carneiro

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2015

Sítio Arqueológico do Mascarro – Um modelo para o povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide

Palavras-Chave: Povoamento rural romano, Mascarro, estruturas agrárias

Resumo:

Este trabalho destina-se à investigação e interpretação dos vestígios arqueológicos existentes no Monte do Mascarro, concelho de Castelo de Vide, território do Norte Alentejo.

Este sítio compreende um conjunto de estruturas de carácter funcional, que as escavações arqueológicas efetuadas na década de 80 revelaram como parte de um lagar e de uma oficina metalúrgica. Estas estruturas foram sempre compreendidas como correspondentes à *pars rustica* de uma *villa* romana e demonstram uma continuidade ocupacional do sítio de cronologia romana e tardia, ou seja, de meados do século III d.C. até ao século V d.C.

Apesar de limitações ao nível da área conhecida, este estudo tem como objetivo aprofundar o conhecimento deste sítio, reconhecer elementos novos e perceber as cronologias de ocupação que ocorreram no Mascarro, bem como tentar contextualizar estes vestígios num povoamento rural no atual concelho de Castelo de Vide e no antigo território da *civitas* de *Ammaia*.

Archaeological Site Mascarro - A model for the old settlement in the municipality of Castelo de Vide

Keywords: Roman rural settlement, Mascarro, agrarian structures

Abstract

This work is intended for research and interpretation of existing archaeological remains on Mount Mascarro, county of Castelo de Vide, territory of Northern Alentejo.

This site comprises a set of functional character structures, the archaeological excavations carried out in the 80s revealed as part of a mill and a forge. These structures have always been understood as corresponding to the *pars rustica* of a Roman villa and demonstrate an occupational continuity of Roman and late chronology site, ie the middle of the third century AD to the fifth century AD

Despite limitations in terms of known area, this study aims to deepen the knowledge of this site recognize new elements and understand the chronology of occupation that occurred in Mascarro and try to contextualize these traces in a rural settlement in the current Castelo de Vide municipality and the former territory of the *civitas Ammaia*.

Agradecimentos

Em primeiro lugar um grande agradecimento ao meu orientador, Professor André Caneiro, pela sugestão do tema, incentivo e exigência, sempre.

Agradecer também à Professora Leonor Rocha e ao Professor Jorge de Oliveira, que me forneceu importantes dados e fotografias das escavações de 1984 e 1985 no Mascarro. À Câmara Municipal de Castelo de Vide por ter apoiado o meu trabalho, na pessoa do Sr. Presidente António Pita. Um reconhecimento também aos colegas da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide. Ao Carlos Grande pela boa disposição e ao Nuno Félix, que me facilitou e ajudou em tudo o que necessitei em relação ao Monte do Mascarro, do qual é proprietário.

Um agradecimento muito especial ao João Magusto, pela ajuda em todos os momentos, companhia, conselhos, profissionalismo, ensinamentos e acima de tudo, amizade.

Também a Carolino Tapadejo pelos esclarecimentos.

Um agradecimento ao MNA, em especial a António Carvalho, Luís Raposo e Luísa Guerreiro por terem atendido ao meu pedido de estudo da ara do Mascarro, à muito “perdida”.

À Direção de Cultura do Alentejo, onde pude consultar o processo do Mascarro e ter acesso à biblioteca.

À professora Teresa Baptista pela paciência e ajuda com os SIG e à professora Cláudia Teixeira que me incentivou e ajudou neste projeto.

Aos professores José Fernando Borges e Bento Caldeira do Centro de Geofísica de Évora, que possibilitaram os trabalhos de prospeção com Geo-radar no Mascarro. E obviamente um grande obrigado aos colegas Rui Oliveira e Samuel Neves, colaboradores do Centro de Geofísica de Évora e do Instituto de estudos da Terra, que fizeram vários quilómetros para apanhar o máximo de área possível com o Magnetrómetro. Foram incríveis e uma boa companhia.

Um agradecimento muito especial ao José Ruivo, arqueólogo do Museu Monográfico de Conímbriga, por toda a simpatia e grande ajuda com a identificação dos numismas do Mascarro.

A Yolanda Peña Cervantes pelas explicações acerca do setor A e dos pesos de lagar do Mascarro.

Em especial, um obrigado ao José Carlos Quaresma pela ajuda com as cerâmicas e pela troca de ideias.

Queria também agradecer a Lídia Fernandes pelo auxílio e esclarecimentos acerca do capitel inédito do Mascarro.

A Mário da Cruz pela compreensão, simpatia demonstrada e dicas acerca dos vidros do Mascarro.

Gostaria também de agradecer aos meus colegas da Fundação cidade de *Ammaia*, que ainda acompanharam o início da minha tese de mestrado. Em particular ao meu colega João Aires, que me ajudou com os modelos em 3D e, à colega e grande amiga, Carina Maurício por tudo o que me ensinou na área da conservação e restauro e sobre metais arqueológicos.

À Sara Prata, colega e amiga, que estudando o território de Castelo de Vide me deu importantes achegas e sugestões.

Agradecer aos meus amigos, que de uma forma geral, me ouviram falar até à exaustão deste projeto e dos meus planos.

Ao Pedro, pela grande amizade e por ouvir os meus desabafos e dúvidas.

Para finalizar, há minha família fantástica, de uma maneira geral.

Um grande, grande obrigado há minha madrinha Vanda que para mim é o modelo a seguir em tudo, sempre.

Aos meus pais Rita e Luís, que são um exemplo para mim. Obrigado por terem acreditado sempre.

Como não poderia deixar de ser há minha maninha Mariana que, apesar de ter 11 anos, acompanha os meus trabalhos e projetos com grande entusiasmo!

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Introdução	viii
Definição do objeto de estudo	viii
Opções metodológicas e limites à investigação	2
Problemáticas e estudos anteriores.....	4
1. Um concelho no Norte Alentejo – Castelo de Vide.....	10
2. Presença romana em Castelo de Vide.....	11
3. Povoamento rural romano	14
4. Sítio Arqueológico do Mascarro	20
4.1. Localização e integração espacial.....	20
4.2. Topónimo.....	21
4.3. Cronologia.....	21
4.4. Informações orais	22
4.5. Prospeções.....	23
4.6. Escavações	25
5. Descrição e Interpretações.....	29
5.1 Estruturas.....	30
5.1.1. Sector A.....	32
5.1.2. Sector B/D.....	38
5.1.3. Sector C.....	41
5.1.4. Sector E.....	44
5.1.5. Sector F.....	44
5.2. Materiais.....	45
5.2.1. Elementos arquitetónicos	46
5.2.2. Cerâmica comum e de construção	46
5.2.3. Vidros.....	49
5.2.4. Elementos metálicos	50
5.2.5. Ara.....	51

5.2.6. Numismática.....	52
5.2.7. Contrapeso	56
6. Ocupação romana, reocupação tardia	57
7. Pontos de povoamento	60
7.1. Santo Amarinho.....	61
7.2. Tapada do Ribeiro de Carvalho – Machoquinho	61
7.3. Vale da Bexiga VI	62
7.4. Tapada Cruzes Lameira.....	63
7.5. Tapada da Pedreira.....	63
7.6. Tapada do Laranjo	63
7.7. Cangão	64
Conclusão.....	66
Bibliografia.....	73
Anexos	80
Anexo I - Cartografia.....	81
Mapas	81
Anexo II – Documentação.....	87
Transcrição da <i>Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide</i> - 1975	87
Transcrição do Relatório de Escavação - 1983	91
Transcrição do Relatório de Escavação - 1984	94
Transcrição do Relatório de Escavação - 1985	98
Transcrição do Caderno de campo Mascarro - 1984	100
Transcrição do Caderno de campo Mascarro - 1985	106
Transcrição do Levantamento Arqueológico do Cangão aos Lavradores - 1991	110
Anexo III – Apêndice Gráfico	113
Plantas dos Setores.....	113
Levantamento Topográfico	118
Levantamento Pré-Escavação – 1983.....	118
Levantamento Escavação Final – 1983.....	118

Levantamento Escavação Final – 1984.....	118
Levantamento Escavação Final – 1985.....	118
Levantamento Final - 1986.....	118
Fotografias e Imagens	119
Tabela de Inventário.....	128
Desenhos e fotografias dos materiais	146
Modelos 3D.....	162
Fichas de Sítio	163

Introdução

Definição do objeto de estudo

Esta dissertação centra-se no estudo do “*sítio arqueológico do Mascarro*”, baseado nas escavações da década de 80 do século XX, nos documentos, espólio e análise da envolvente.

Neste sítio são conhecidos, desde os anos 70 do século XX, alguns vestígios arqueológicos de cronologia romana e tardia. Através da intervenção arqueológica foram dadas a conhecer um conjunto de estruturas que compõem compartimentos destinados à transformação de produtos. Devido a estes achados, este local foi sempre tido como correspondendo à *pars rustica* de uma *villa* romana.

Assim, os objetivos deste trabalho prendem-se com a reinterpretação deste local e da paisagem, bem como da integração do mesmo numa rede de povoamento rural romano na periferia de uma cidade – *Ammaia*.

Apesar de neste concelho terem sido desenvolvidos vários projetos no que respeita à arqueologia verificou-se uma lacuna no estudo do período romano. Existem sítios escavados e registados, e outros prospetados com recolha de material à superfície, mas posteriormente o estudo e interpretação destas realidades não foram concretizados. Quanto à organização interna desta dissertação de mestrado, a mesma começa com um capítulo dedicado à caracterização de determinados aspetos geográficos e geomorfológicos do concelho de Castelo de Vide, no contexto do Norte Alentejo. A presença romana neste município remete para o contexto administrativo e para os limites existentes do atual concelho, em época antiga.

Segue-se um capítulo dedicado ao povoamento rural romano, ou seja, às redes de colonização em meio rural. Neste tratam-se questões como a variedade, a terminologia e as dificuldades de leitura consoante as características dos diferentes locais.

Após a contextualização principal, segue-se o estudo sobre o Sítio arqueológico do Mascarro propriamente dito, dentro do qual são abordados a localização do sítio no concelho, o topónimo, a exposição de informações orais de alguns intervenientes, uma breve cronologia dos principais acontecimentos e estudos sobre o Mascarro e, para terminar, os dados reunidos após os trabalhos de prospeção e de escavação, que são o suporte para este estudo.

Posteriormente, as descrições e interpretações dos setores são baseadas nos relatórios de escavação e caderno de campo. O mesmo acontece ao nível dos materiais recolhidos, divididos por tipologias como sejam os elementos arquitetónicos, cerâmica comum e de construção, vidros, metais, numismática, a ara e também os contrapesos de lagar. Na descrição e exposição dos diversos setores e localização dos materiais, utilizou-se como referência as quadrículas usadas nas antigas escavações e que correspondem às respetivas plantas do sítio.

Finaliza com um capítulo sobre a ocupação romana e reocupação tardia pois todas as fases de ocupação são relevantes para o estudo de um local como este.

A rede de povoamento remete para outros sítios arqueológicos específicos onde tenham sido identificados vestígios com paralelismos com a cronologia em estudo ou mais genericamente sítios com manchas de ocupação, que se localizem nas

proximidades do Mascarro de forma a compor uma eventual rede de povoamento antigo.

É então interessante dar continuidade às investigações no sítio arqueológico do Mascarro que pode representar um ponto de partida para um estudo mais aprofundado do povoamento rural neste concelho.

Opções metodológicas e limites à investigação

O povoamento rural romano compõe uma realidade multifacetada, que resulta num conjunto de estruturas de povoamento e várias problemáticas associadas. Este é um tema que apenas nos últimos anos tem sido foco de atenção por parte dos investigadores porque tem-se vindo a desestruturar a ideia de que a *villa* romana é a única forma de povoamento e exploração rural, destacando a existência de outras formas de ocupação que são um pouco difíceis de detetar pela fraca materialidade arqueológica.

Este tipo de unidades caracterizam-se igualmente pela dispersão de materiais, mas no que à tipificação das estruturas de povoamento se refere, coloca-se a questão da terminologia¹.

A interpretação do sítio do Mascarro passa não só pela análise das estruturas funcionais existentes, mas também pelo contexto do espólio resultante das escavações de forma a compreender quais os momentos de ocupação, se esta foi contínua ou intervalada, entre outros aspetos. A análise e descrição do espólio é sumária e mais detalhada nos elementos que podem fornecer datações.

A questão-chave é perceber em que tipologia de povoamento se encaixa, ou seja, é uma *villa* romana ou um casal? Se as zonas que foram intervencionadas são zonas funcionais, onde se localizam as zonas habitacionais?

O que representa a zona de derrubes junto às estruturas intervencionadas?

É necessário responder a todo um conjunto de questões que permitam perceber o que se passou neste local.

¹ Ver capítulo 3. Povoamento rural romano

Para tal foi necessário um vasto trabalho de gabinete e de campo. Em termos de trabalho teórico, a leitura dos relatórios de escavação foi primordial. Posteriormente, a pesquisa bibliográfica, a reunião de fotografias e desenhos, de plantas, os levantamentos topográficos, os cadernos de campo do arqueólogo responsável, a recolha de informações orais e documentos oficiais, autorizações e a procura do processo do sítio na DRCA (Direção Regional de Cultura do Alentejo), foram importantes de forma a reunir toda a informação. Existiam muitos dados, materiais e informações importantes dispersos, por isso o primeiro passo foi reunir tudo, para posteriormente trabalhar com todas as informações interligadas. Apesar da análise detalhada do espólio não ser uma prioridade neste estudo, considerei importante tentar perceber onde estavam todas as peças recolhidas e publicadas, provenientes deste local, uma vez que não estavam todas reunidas no depósito da SACMCV (Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide) e existia material inédito. Procurou-se fazer uma descrição dos elementos comuns e perceber um pouco melhor aqueles que poderiam aludir cronologias para os setores. De forma a compreender o volume, características e proveniência do espólio foi necessário refazer o inventário e atribuir novos números a todas as peças e conjuntos de pequenos fragmentos, uma vez que nem todos tinham numeração. Desta forma a referência aos números de inventário neste trabalho, será realizada segundo os números novos atribuídos a todas as peças, remetendo para o anexo onde está a correspondência com os números antigos.

Para perceber a proveniência setorial dos vários fragmentos foi feita uma distribuição dos mesmos pelos quadrados dos setores intervencionados por cores, consoante tipologias.

Também se procedeu à fotografia e desenho das peças mais significativas e que ainda não tinham ainda sido desenhos.

Ao nível do trabalho de campo, centrou-se na observação do sítio e da zona envolvente. É de extrema importância conhecer o objeto de estudo e, por isso a prospeção de superfície acompanhada pelos técnicos da SACMCV, auxiliada pela prospeção geofísica, que deu informações ao nível das estruturas existentes no subsolo, foram cruciais.

De forma a completar os levantamentos mais antigos e dar uma perceção diferente deste espaço, foram realizados desenhos de estruturas menos significativas que

também foram escavadas e de onde foram recolhidos materiais; no entanto não foram desenhados, nem incluídos nos trabalhos e estudos anteriores. Os desenhos e dados de todas as estruturas foram reunidos e resultaram em “mapas” de apoio à leitura do sítio. Após a agregação dos documentos escritos, desenhos e o trabalho de campo, seguiu-se a redação do trabalho. Esta fase foi colmatada com o auxílio de investigadores especialistas em áreas específicas que ajudaram a ultrapassar algumas limitações próprias.

Problemáticas e estudos anteriores

As problemáticas associadas ao estudo do povoamento rural romano prendem-se sobretudo por serem realidades diversificadas e que resultam em diversos tipos de povoamento.

É um tema que apenas nos últimos anos tem sido foco de atenção por parte dos investigadores. Tanto no que diz respeito à grande diversidade de categorias de estruturas de habitação rural como as formas como estas se distribuem no território.

Com a tipificação das estruturas de povoamento, coloca-se a questão da terminologia – *villa*, *casal*, pequenos sítios. Esta apenas terá resposta com o conhecimento mais aprofundado dos territórios, através de escavações, de forma a formular hipóteses sobre a dimensão dos *fundus*.

Acerca da distribuição territorial destes pontos de povoamento destacam-se fatores físicos como a capacidade de uso dos solos, a geomorfologia, a amenidade do clima, posicionamento relativo a outras estruturas de povoamento rural, distância de vias de comunicação ou cidades, e proximidade de grandes estruturas habitacionais.

Este tipo de unidades caracterizam-se igualmente pelos materiais, ou seja, pelo tipo de vestígios que originam a sua identificação na atualidade: a área de dispersão de materiais na superfície, a presença ou ausência de estruturas visíveis, tipo de materiais, além de fatores pré-deposicionais e de graus específicos de destruição. Estes fatores incluem as estruturas numa possível integração na economia de mercado do Império ou então na sua condição de estruturas de povoamento baseado na produção de subsistência.

O território de Castelo de Vide compreende um concelho com uma vasta atividade de investigação arqueológica, que no entanto falta abranger num todo, para que se compreendam as dinâmicas vivenciais de que aquele espaço foi alvo.

É um dos concelhos do Norte Alentejo com maior tradição de investigação na área do património construído, que se reflete na área prospetada e nas escavações realizadas nas mais variadas cronologias, que remete para a necessária atualização da Carta Arqueológica do concelho. Começou por ter um grupo de arqueologia local, que acabou por ser enquadrado na estrutura da autarquia e que resultou na constituição da atual Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (SACMCV). Precisasse Em Portugal as primeiras referências à temática do povoamento rural romano no território nacional são publicadas em pequenos notas n' *O Arqueólogo Português*.

Em 1975 Maria da Conceição Rodrigues dá a conhecer a *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*, resultado da tese de licenciatura, onde aponta vários sítios arqueológicos desde a Pré-História até à Alta Idade Média. Contudo, não apresenta qualquer indicação sobre as metodologias de investigação, nem regista alguns dados importantes sobre as “valas de prospeção” que muitas vezes indica.

Regionalmente estes temas começam a ser discutidos nas *1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, que tiveram lugar em Castelo de Vide, no ano de 1985. Aqui foram apresentadas comunicações sobre vestígios romanos na Serra de São Mamede e sobre algumas intervenções feitas em sítios rurais.

Uma das grandes limitações para o estudo do povoamento rural no mundo romano tem a ver com a classificação da grande maioria dos sítios romanos como *villae*. Desvalorizando outras estruturas de dimensões mais reduzidas, que certamente também desempenhavam um papel importante na conceção do mundo rural. Desta forma, as *villae* ocupam o lugar de estruturas mais intervencionadas e, consequentemente, as mais estudadas.

Isto deve-se principalmente ao facto de serem os marcadores de paisagem mais significativos e também aqueles que mais elementos monumentais contêm. Este fator interessa de sobre maneira aos investigadores que, de certa forma, desprezam os outros pequenos lugares, materialmente mais pobres.

No Norte Alentejo o sítio romano mais reconhecido e mais publicado é precisamente a *villa* de Torre de Palma, Monforte.

Jorge de Alarcão, entre outros temas, tem-se interessado por estas questões do mundo rural, tendo publicado os artigos *A vida rural no Alentejo na época romana* (1974) e *Sobre a economia rural do Alentejo em época romana* (1976), abordando aspetos importantes no entendimento das realidades rurais.

Em 1979, Jean-Gérard Georges publica *Les Villas Hispano-Romaines: inventaire et problématique archéologiques*.

A nível nacional, as monografias que durante várias décadas uniformizaram o estudo do período romano, são da autoria de Jorge de Alarcão. *Portugal Romano*, publicado no ano de 1983 e *Roman Portugal*, de 1988, bastante inovador por ser um catálogo que enumera todos os sítios romanos conhecidos na altura, dividido por volumes regionais. Este é também o ano em que é editado *O Domínio Romano em Portugal*, no qual são referidos aspetos da conquista da Península Ibérica, da divisão administrativa romana, diferenciadas algumas formas de povoamento urbano e rural, e do mundo funerário.

A partir da década de 90 aumentam os estudos sobre esta temática com a publicação de vários trabalhos sobre escavações em várias *villae*, tanto em Portugal como em Espanha.

No estudo de locais romanos a paisagem e envolvente assumem bastante relevância. Em 1998, Jorge de Alarcão publica o artigo *A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal* na revista *Conimbriga*. Esta publicação volta a incidir sobre os aglomerados populacionais no Portugal romano, apontando para as *villae*, quintas, granjas e casais, a que correspondem diferentes tipos de edifícios e propriedades. Mais uma vez a dispersão de materiais de superfície é uma das formas de interpretar a paisagem. Este autor afirma que as *villae* do Sul teriam cerca de 200 ha, as granjas entre os 10 e os 15 ha e por fim os casais teriam cerca de 2/3 a 10 ha.

Ainda sobre o povoamento rural romano e os aspetos relacionados com esta temática, André Carneiro surge como o investigador que mais estudos tem publicado sobre o período rural romano no Norte Alentejo. Contabiliza várias publicações desde 2004, com a edição do *Povoamento romano no concelho de Fronteira* e no ano seguinte da *Carta*

arqueológica do concelho de Fronteira, monografias que mostram o quão relevante é registar, perceber e reavaliar as realidades rurais nos concelhos portugueses.

Sobre a leitura do território em estudo nesta dissertação, destaque também para *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de «As grandes vias da Lusitânia – o Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois* (2008), obra relevante para perceber os percursos viários do Alentejo, tal como o artigo *Poder e Território: O Alto Alentejo entre o Império e a Antiguidade Tardia*, onde são discutidas as temáticas do povoamento numa perspetiva de diversidade em termos de povoamento rural na Península Ibérica e onde aborda a concentração das *villae* em torno de Castelo de Vide e Marvão.

Mais recentemente André Carneiro, na sua tese de doutoramento, intitulada de *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Lugares, tempos e pessoas. Vectores estruturais durante o Império e Antiguidade tardia* estuda essencialmente o que terá sido a rede de povoamento rural em época romana na região do Alto Alentejo. Uma área com uma paisagem muito diversa, o que permite tentar perceber como se alteram os padrões entre os sítios, mas também das comunidades que já habitavam este território até a Antiguidade Tardia.

O mesmo autor, publica *Em pars incerta. Estruturas e dependências agrícolas nas villae da Lusitânia*, um artigo que foca o paradoxo que existe entre o entendimento da ruralidade romana e o interesse arqueológico ser maioritariamente centrado nas zonas urbanas, mais monumentais e ricas. Este destaque da *pars urbana* levanta sérios obstáculos para os investigadores que pretendem estudar e conhecer melhor as *pars rustica* ou até os *torcularia*.

A nível nacional António Carvalho é um dos autores que mais se tem dedicado a temática da transformação de produtos, com a publicação de vários artigos, entre 1999 e 2001, *Evidências arqueológicas da produção de vinho nas uillae romanas do actual território português: alfaias vitícolas e lagares de vinho* e *Lagares de vinho e seus componentes nas villae romanas do território português*.

A autora Yolanda Peña Cervantes tem-se dedicado principalmente ao estudo dos *torcularia* romanos. Estes elementos são muito importantes no mundo romano como é patente pelo elevado número de sítios conhecidos em *Torcularia La producción de vino*

y aceite en Hispania, publicado em 2010, com um volume de catálogo onde uniformiza os sistemas de lagar e estruturas relacionadas com a exploração do *fundus*.

Os principais e mais atuais estudos sobre esta temática são produzidos no país vizinho, havendo bastante divulgação e conferências organizadas com a finalidade de divulgar este património tantas vezes esquecido. Em 2012 foi organizado o *De vino et oleo Hispaniae* na Universidade de Murcia, com publicação das comunicações apresentadas. Sobre a transição para a Antiguidade Tardia muitos são os autores e obras de referência. São cronologias de evolução que ainda despertam dúvidas e interrogações quando confrontadas no campo.

Em 2013, Tomás Cordero Ruíz publica *El territorio Emeritense durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII)*, onde aborda a gestão e transformação dos espaços como resultado da nova organização sociopolítica e através de uma melhor compreensão dos assentamentos - rurais e urbanos -, durante a Antiguidade Tardia em *Emerita Augusta*. Autores como Alexandra Chavarria Arnau tem editados vários artigos como *El final de las villae y las transformaciones del territorio rural en Occidente (siglos V-VIII)*, 2008 ou ainda *Villas en Hispania durante la Antigüedad Tardía* ou *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VIII)*, em parceria com Javier Arce e Pietro Brogiolo divulgaram em 2006 *Villas tardoantiguas en el Mediterráneo Occidental*.

Tamara Lewit publicou em 2003 *'Vanishing villas': what happened to elite rural habitation in the West in the 5th-6th c.?* e em 2004 *Villas, farms and the late rural economy (third to fifth centuries AD)*. Uma vez que o período após a queda do império romano foi durante muito tempo mal compreendido e tido como um momento de "barbarização" dos espaços, muito embora os estudos mais recentes tenham mostrado que foi um período curto mas de continuidade dos elementos institucionais do Mundo Clássico. As profundas transformações que, agregadas à cultura germana, produziram um novo quadro político social para a época, juntamente com as formatações de um mundo novo, viriam a originar a Europa Medieval.

No ano de 2008 Fernández Ochoa, Carmen, García-Entero, Virginia & Gil Sendino, Fernando editam *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*.

Sobre a temática do fim das *villae* e da transformação dos seus espaços, um dos temas mais discutidos na Antiguidade Tardia por esta ser a estrutura mais ocupada no tempo em todos os sentidos, é editado em 2001 por Jorge Lopez Quiroga e German Rodriguez Martin, *El “final” de las villae en la Hispania. I. La transformación de las pars urbana durante la Antigüedad Tardia* e no mesmo ano Gisella Ripoll e Javier Arce editam *Transformación y final de las villae en occidente (siglos IV-VIII): problemas y perspectivas*, na revista *Arqueología y territorio medieval*.

Os elementos arquitetónicos característicos da Antiguidade Tardia é objeto de estudo na tese de doutoramento de Mélanie Wölfram (2012), *A cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia*. É essencialmente um estudo sobre os elementos concretos que permitem confirmar a cristianização do sul da Lusitânia entre o século IV e o início do século VIII. É importante este período transitório ser entendido no contexto religioso pois nesta fase o Cristianismo já era a religião oficial romana e os elementos característicos desta fase são associados ao mundo rural.

No mesmo ano, a tese de mestrado de Sara Prata, intitulada de *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*, um estudo que assentou na prospeção e levantamento arqueológico de conjuntos de sepulturas escavadas na rocha, uma vez que a organização do espaço funerário pode significar estratégias e relações diferentes com o território.

Sem projetos consistentes, escavações arqueológicas sistemáticas e bem coordenadas é impossível reunir novos dados e boas leituras de campo, tornando-se complicado analisar o povoamento rural romano e entendê-lo, bem como as relações territoriais.

1. Um concelho no Norte Alentejo – Castelo de Vide

O Norte Alentejano compreende uma unidade territorial caracterizada por uma enorme diversidade natural e paisagística, resultante das múltiplas influências de ordem física, biológica e cultural que aqui interagem. Uma peneplanície alentejana de vastos e amplos horizontes, modelada pela forma extensiva de exploração do solo, típicos das paisagens mais montanhosas.

Marcante pelas imponentes e vigorosas cristas quartzíticas, é um elemento fulcral e determinante do ambiente natural e cultural do Norte Alentejano.

A Serra de São Mamede é uma combinação de paisagens, resultado de uma cooperação harmoniosa entre o Homem e a Natureza.

Neste cenário predominam os solos férteis onde abundam recursos em quantidade e qualidade, enquanto noutras zonas as condições adequam-se apenas à subsistência, ou seja, os contrastes são extremamente vincados.

Castelo de Vide caracteriza-se por ser um concelho pertencente ao distrito de Portalegre e integrado na Serra de São Mamede, com cerca de 255,5 km². É geograficamente pequeno, mas concentra uma elevada e diversificada dinâmica paisagística. É geograficamente limitado a Nordeste por Espanha, onde o rio Sever serve de fronteira, a Este por Marvão, a Sul por Portalegre, a Oeste pela freguesia de Alpalhão e a Norte e Noroeste pelo concelho de Nisa. Dista cerca de 20 km de Portalegre e 15 km da fronteira de Galegos.

É uma região que reúne condições estratégicas, naturais e mineralógicas para ser um território procurado e ocupado desde os tempos mais remotos, como comprovam diversos vestígios arqueológicos.

Em termos paisagísticos predomina o sobreiro (*Quercus suber*) e o carvalho (*Quercus faginea*) em regime de montado alentejano e pasto para gado. A agricultura é uma das principais atividades económicas, fortemente mecanizada a partir da segunda metade do século XX.

O território em estudo compreende a zona de Parque Natural da Serra de São Mamede, o maior acidente geográfico a sul do Tejo, que integra uma grande unidade morfológica, orientada NW-SE. O relevo pronunciado decorre da tectónica daquela zona e origina solos variados.

Este concelho caracteriza-se por ser um território heterogéneo e difícil de analisar. A qualidade dos níveis freáticos originam nascentes por todo o concelho e linhas de águas, como a ribeira de Nisa e a ribeira de Figueiró que desaguam no Rio Tejo, ou também a ribeira de São João e a ribeira da Vide. Esta rica rede hidrográfica origina belíssimos solos agrícolas, detendo extensões com elevada aptidão, que permitem uma agricultura intensiva entre as margens e os rochedos da serra.

Ao nível da Geologia, na faixa de Castelo de Vide estão representadas rochas do Mesodevónico, através dos calcários dolomíticos e respetivas calciras da Escusa. A região é composta por vários depósitos e formações paleozoicas e séries metamórficas. No entanto esta zonas é predominantemente granítica ou rochas derivadas, ocupando os xistos anto ordovícicos e rochas metamórficas pequenas áreas, que corresponde à extensa superfície aplanada de que sobressaem as cristas quartzíticas ordovícias da serra de S. Mamede, orientadas NNW-SSE (FERNANDES, PERDIGÃO, CARVALHO, PERES, 1973).

Seria numa paisagem com os atributos nos quais se enquadra a época em estudo, ou seja, não é complicado integrar neste território as propriedades latifundiárias características do período romano para a produção da tríade mediterrânica – azeite, vinho e cereais.

A paisagem e meio geológico da zona do Mascarro caracteriza-se pela predominância de afloramentos graníticos e onde abundam as linhas de água sazonais. A ribeira de Nisa assume-se como principal recurso hídrico.

2. Presença romana em Castelo de Vide

O mundo rural é reestruturado a partir da fundação da *urbe ex-novo Ammaia*. Particularmente através de alterações graduais nas estruturas socioeconómicas que

operaram na região. Ainda que, como aponta André Carneiro (2014, 25), «(...) o dado mais surpreendente reside no facto de não existirem referências nos textos clássicos ao território do Alto Alentejo.» Uma vez que esta era uma zona de passagem de três itinerários viários e local onde se desenvolviam determinadas atividades económicas como a mineração aurífera na bacia hidrográfica do Tejo ou a agropecuária.

Ao nível da estruturação do povoamento verifica-se sobretudo a difusão da propriedade privada e a introdução de um novo sistema de exploração agrícola baseado em pequenos casais e *villae*.

André Carneiro (2013) reforça esta ideia afirmando que em torno de *Ammaia*, nos concelhos de Castelo de Vide e Marvão, sobressai uma cultura material vinculada ao fundo indígena e às elites locais, mas sobretudo estruturado em grandes *villae*.

«No Alentejo, a cidade de *Ammaia* conheceu uma dimensão excepcional, quando comparada com outras situadas na interior da Lusitânia, o que reflecte a sua localização numa zona onde coexistem outros grandes centros urbanos relativamente próximos, caso das colónias de *Norba Caesarina* (Cáceres) e *Emerita Augusta* (Mérida), bem como do município de *Liberalitas Iulia Eboracensis* (Évora), exemplos prestigiosos de uma bem conseguida romanização das gentes e da paisagem.» (MANTAS, 2008, 124)

A fundação de *Ammaia*, na lógica de um território central, confere a esta região uma forte solidez no ordenamento paisagístico. Este perfil mantém-se para o espaço atualmente ocupado pelos concelhos de Castelo de Vide e Marvão.

Na área Sudoeste de Castelo de Vide, entre Santo Amarinho e o Vale da Bexiga, estão identificados vestígios materiais e estruturais de época romana que poderão corresponder a *villae* ou a casais agrícolas. Tal como a Tapada Grande - Meada, onde se localiza uma extensa *villa* romana hoje muito delapidada da qual subsistem partes do paredão de uma barragem conservado com cerca de 115 m, cortando um afluente da ribeira de Vide. Referência, também para o sítio da Colegiada e dos Mosteiros, tido como um dos principais sítios romanos no concelho pelos vestígios lá reconhecidos, entre outros locais.

É essencial compreender as dinâmicas entre estes sítios, uma vez que estas eram sociedades que operavam em rede através da produção de vinho, azeite e cereais. Esta

rede de trocas operava em função dos produtos de consumo local e o excedente era encaminhado para a cidade capital deste território.

A exploração das riquezas minerais, como o chumbo, prata ou ouro, também seria um atrativo.

Em termos de sistema político-administrativo e jurídico romano o território, que atualmente corresponde ao concelho de Castelo de Vide, estava agregado na vasta província da *Lusitânia*, cuja capital era *Emerita Augusta*, e consequentemente no território do *Conventus Emeritensis*. Pertencia ao território administrado por *Ammaia*, elevada a *civitas* entre 44 e 45 d.C. e posteriormente a *municipium* por volta de 166 d.C., tendo sido concedida a cidadania romana aos seus habitantes indígenas, inscrevendo-os na tribo *Quirina*.

Segundo Vasco Mantas (2008, 124) a cidade de *Ammaia* conheceu uma dimensão excecional devido à localização numa zona onde coexistem outros grandes centros urbanos relativamente próximos, como a *colonia* de *Norba Caesarina* (Cáceres) ou *Liberalitas Iulia Eboracensis* (Évora), que se traduz na romanização das gentes e da paisagem. O facto de estar relativamente perto da capital da província – *Emerita Augusta* (Mérida) –, pode ajudar a explicar o forte investimento que a região recebeu em época romana. Joaquim Carvalho (1998, 190) aponta que «(...) *uma das vias que ligava a cidade de Ammaia à via principal Lisboa/Mérida passaria próximo da vila de Castelo de Vide dirigindo-se para o Vale da Bexiga por um caminho rural, onde poderá ter existido uma Mutatio.*»

Mas este traçado coincide com alguns caminhos medievais que existem próximo da vila e caminhos rurais, o que torna esta leitura um pouco difícil.

É certo que, tal como hoje acontece, se encontram maiores níveis de povoamento ao longo das vias de comunicação e nos melhores terrenos agrícolas, onde «*Estes pontos de povoamento materializam-se em villae de grande aparato e monumentalidade. (...) Nas zonas centrais, com maior número de sítios, o tecido de povoamento parece ter sido reservado quase em exclusivo para as villae (...)*» (CARNEIRO, 2013, 555).

3. Povoamento rural romano

O processo de romanização implicou a fundação das cidades e a afirmação da paisagem rural da Península Ibérica. Estas novas realidades económicas e sociais estão intimamente ligadas às primeiras fundações coloniais, que funcionam como fatores de ordenamento do território (ALMEIDA, 2000).

Félix Teichner (2010, 90) vai ainda mais longe ao afirmar que «*Fica fora de dúvidas que o novo ordenamento territorial de Augusto foi a base e o fundamento para uma mudança progressiva mas profunda nos padrões dos povoados rurais.*» Ou seja, os antigos sítios da Idade do Ferro e de fase republicana convertem-se em pontos secundários, como *vici* e *villae*.

No entanto, é importante realçar que o povoamento rural romano foi sendo concretizado de diferentes formas, fases e estruturas como têm mostrado os estudos dos últimos anos – dados a conhecer pela epigrafia e pelas fontes. Afinal, era um universo muito mais diversificado e heterogéneo daquele que tinha sido esboçado.

A organização base do território rural em época romana é a cidade, apoiada em diferentes formas de colonização do território de menor dimensão do ponto de vista administrativo (FERNÁNDEZ OCHOA, SALIDO DOMINGUEZ, 2014). Assim, as cidades romanas desenvolviam uma componente agrícola considerável numa inter-relação onde eram construídos laços para além da mera dependência agropecuária e do abastecimento alimentar. Esta noção reflete-se com a satelitização de *villae* em torno dos núcleos urbanos e as relações em rede através das vias.

Para Jorge de Alarcão (1998, 89) «*Distinguem-se três níveis de aglomerados populacionais no Portugal romano; cidades, vici e aglomerados de terceiro nível (castella e aldeias). (...) Quanto ao povoamento disperso, distinguem-se as villae, granjas e casais, a que correspondem diferentes tipos de edifícios e diferentes propriedades.*». Contudo, André Carneiro (2014) defende que a leitura atual destas realidades é mais complexa. Começando pela teoria de que a paisagem imperial não era simplesmente repartida em

grandes *villae* distribuídas repetidamente pelo espaço, como a arqueologia tem vindo a provar.

Posteriormente, este sistema de implantação começa a transformar-se durante o século III d.C., quando as *civitas* perdem grande parte da autonomia e aparecem novas realidades num território a favor dos sítios secundários tipo «(...) *castrum, oppidum y castellum, así como locus, villare y villulae, (...)*» adaptados a circunscrições administrativas com uma clara finalidade fiscal. O desenvolvimento destas entidades significa uma mudança teórica na distribuição da população (FERNÁNDEZ OCHOA, SALIDO DOMINGUEZ, 2014, 112).

A grande problemática assente no povoamento romano consiste na multiplicidade de termos e nas fraturas entre o vocabulário literário e as realidades arqueológicas. Assim torna-se urgente uniformizar designações, num panorama em que as *villae* eram as edificações mais complexas e mais visíveis da paisagem rural.

É complicado definir as disparidades entre termos anteriormente referidos como quinta, granja, casal, ou até entre povoado, aldeia e aglomerado. Os primeiros levantam questões quanto à utilização principalmente devido às designações e leituras contemporâneas em nada comparáveis, principalmente para esta zona do Alentejo.

«*Vicus – Designação latina para glomerado urbano secundário.*» (ALARCÃO, BARROCA, 2012, 349) A sua conotação urbana corresponde genericamente ao “bairro” de uma cidade.

É conhecida em época romana a existência de aglomerados populacionais não urbanos, que se equiparam às atuais aldeias. São em geral povoados abertos, sem dispositivos defensivos, geralmente conotados com áreas de diminuta romanização. Embora nem sempre seja assim, inicialmente eram constituídos por estruturas efémeras e sem serem orientados por um *cardo* ou *decumano*.

Estes locais cumprem funções religiosas, económicas e funcionam como centros administrativos, termas, estabelecimentos que oferecem serviços relacionados com as

vias de comunicação.² Por norma está integrado no território rural de uma *civitas*, pois a estruturação insuficiente não lhe concede relevância administrativa.

Na maioria das vezes estes povoados estão associados à exploração de um determinado recurso, muito específico, num determinado lugar, como acontece com a exploração do mármore - *vicus marmorarius*.

No entanto «*En cuanto a los vici, no son muchos los restos arqueológicos hallados en la Península Ibérica que se puedan interpretar como tales.*» (FERNÁNDEZ OCHOA, SALIDO DOMINGUEZ, 2014, 114)

A *villa* é um conceito de criação romana, que termina com o declínio desta civilização, e incorpora um conjunto de paradigmas e de noções vivenciais culturalmente produzidas naquele contexto específico. É a junção de dois conceitos opostos, o de *utilitas* – enquanto exploração fundiária como fonte de rendimento – e de *voluptas*, por ser um espaço de lazer e de prazer dos deleites do campo (CARNEIRO, 2014, 90).

A *villa* monumental resulta da lenta evolução de modelos anteriores. Mas nunca perde a essência de estrutura fundiária nem a função produtiva do *fundus*.

«*Foram os agrónomos latinos que cunharam o conceito da villa enquanto espaço vocacionado para o aproveitamento económico das produções agrícolas e pecuárias do seu fundus, e foi esta a imagem que se fixou na investigação arqueológica.*» (CARNEIRO, 2010, 229) Estes quiseram conferir ao mundo rural um conjunto de valores matriciais latinos que associavam ao verdadeiro espírito romano, e que se estavam a perder. Seria neste tipo de estrutura que a vivência rústica permitiria que esses valores fossem reencontrados.

Nesta perspetiva a leitura da *villa* tem-se desenvolvido como uma estrutura urbana fortemente vinculada à vocação agropecuária que a teria ocupado quase em exclusivo. A contradição reside no facto de a arqueologia procurar exaustivamente a sua componente “*urbana*”. Dos equipamentos destinados à verdadeira vocação

² «*El vicus, en cambio, está constituido por un hábitat agrupado o aglomeración que ofrece servicios administrativos, con sus propios magistri, praefecti y cargos municipales (Leveau 1993: 469), así como servicios económicos o religiosos y otros relacionados con las vías de comunicación (Grenier 1934).*» (FERNÁNDEZ OCHOA, SALIDO DOMINGUEZ, 2014, 114)

agropecuária original das *villae* pouco ou nada se sabe.³ Ou seja, a ruralidade da *villa* foi exaltada pelas fontes clássicas e tomada como elemento identificador pela investigação contemporânea, mas o elemento privilegiado pelos arqueólogos tem sido quase sempre o espaço arquitetónico de vocação residencial e monumental (CARNEIRO, 2010). Estas intenções são patentes na forma como se prospetam estes locais, «A definição dos critérios utilizados para a classificação de um determinado sítio como *villa* tradicionalmente passa pela constatação de uma ampla área de dispersão de vestígios à superfície e pela identificação de elementos de arquitectura notáveis como mosaicos, colunas, indícios de existência de edifícios termais, bem como de bens de luxo (Gorges 1979: 13-17).» (ALMEIDA, 2000, 43).

Importante realçar que segundo Jean-Gérard Gorges - autor da mais operacional sistematização das tipologias arquitetónicas para as *villae* hispano-romanas -, em certas regiões as noções teóricas são mais difíceis de serem relacionados com a realidade arqueológica do que noutros sítios. Existe a “regra” e as exceções.

Columela, agrónomo clássico, definiu a tripartição dos espaços: a *villa* tem uma *pars urbana*, uma *pars rustica* e ainda uma *pars fructuaria*. Portanto, três núcleos separados e detetáveis arqueologicamente, em que dois deles estariam voltados para a exploração do *fundus*. Estes espaços seriam adaptados a produções específicas, numa produção agropecuária autossuficiente. No entanto, no mundo lusitano pouco ou nada se sabe desta componente. Ainda que a propagação das *villae* durante o século II por todo o território peninsular, seguramente terá aumentado a área cultivada, com o arroteamento de novos territórios.

Uma das particularidades mais originais destas construções é o facto de operarem como um todo e que isoladamente cumprem distintas funções para que toda a propriedade funcione e apresente os mais elevados índices de comodidade e rendimento. Alguns destes espaços prendem-se com a vocação agro-produtiva específica, como os lagares

³ «El *fundus* integra las tierras de la explotación rural y la totalidad de instalaciones y viviendas a ellas dedicadas; constituye, por consiguiente, el alma de la *villa* y en directa relación con los beneficios obtenidos por su aprovechamiento ha de entenderse el desarrollo de los programas arquitectónicos y ornamentales de prestigio de las residencias señoriales. Pero si mínimo o casi nulo es el conocimiento e interés de las partes *rusticae* y *fructuariae*, más lo es el de los *fundi*. En este sentido, los estudios son realmente escasos (Alarcão 1998: 89-119; Lopes; Carvalho; Gomes 1997: 137-140), lo que se acrecienta por una concepción atemporal del ámbito rural explotado (...)» (CELDRÁN, MÁRIN, 2009, 211)

ou os estábulos, enquanto outros derivam do entendimento das lógicas de conforto urbano que os proprietários decidem transportar para o meio rural, como os edifícios termais ou os ambientes de banquete, entre os quais o *triclinium* (CARNEIRO, 2014).

Quanto à sua localização, os parâmetros são concretos. Mas a concentração de *villae* em áreas adjacentes a núcleos urbanos mostra como a sua distribuição na paisagem não se fazia por qualquer tipo de preocupação com recursos de cariz agropecuário, mas em função da proximidade de vias de acesso ou das redes de sociabilidade que se pretendiam manter no campo. O que mais uma vez demonstra que estes locais não tinham apenas a função de exploração do território do ponto de vista agrícola, mas também do ponto de vista da representação, das redes clientelares e das importações e exportações.

André Carneiro (2004) admite que possam existir contemporaneamente *villae* monumentais e que materialmente expressem conceitos de luxo e de importação, *villae* marginais, com solos de pior qualidade e aptidão mais fraca em termos de exploração agropecuária; e ainda as que reúnem condições económicas, arquitetónicas e decorativas “interessantes”.

Granjas são outra tipologia de povoamento, que rondam em termos de dispersão de materiais 1 ha. É a designada média propriedade, apesar de não ser um termo particularmente utilizado.

Segundo Jorge de Alarcão (1998), nestas estruturas o espólio resume-se à cerâmica de cobertura e de construção, mas já podem surgir alguns materiais finos, elementos arquitetónicos como fustes, ainda que toscos ou até um capitel simples toscano.

A designação de quinta assume-se como uma exploração agrária que apresentava uma mancha média de dispersão de vestígios e em que a maioria dos testemunhos são cerâmica de construção e doméstica. Pode apresentar muros ou pedras mais ou menos bem aparelhadas, fragmentos de colunas ou tijolos de coluna e, eventualmente, epígrafes, moedas, vidros, e cerâmicas finas de importação.

Os designados casais são propriedades agrícolas autónomas de carácter unifamiliar que exploram uma área inferior à da *villa* e cuja área residencial terá características mais modestas a todos os níveis. «A definição do casal faz-se normalmente pela negativa, ou seja, é o sítio onde não são identificados elementos que permitem identificar uma *villa*.» (ALMEIDA, 2000, 44)

São sítios cuja área de dispersão é inferior aos 1000 m², apresentando normalmente vestígios pouco diversificados. É uma classe heterogénea em termos de materiais e local de implantação.

Estes sítios serão propriedades agrícolas autónomas e que por isso não se integram no *fundus* de qualquer *villa*. Praticamente todos indiciam locais de transformação e armazenamento de produtos, como elementos pétreos de pior qualidade, forte ligação a transformação de produtos agrícolas, como pesos de lagar, *dolium*, mós.

A informação fornecida pelos materiais presentes nesta categoria de sítio é difícil de encaixar numa cronologia, sendo possível apontar para uma ocupação romana que se prolonga no tempo, havendo reutilizações de materiais ao longo do período medieval e moderno.

A classificação de um sítio como casal é sempre marcada pela inexistência de capitéis, colunas, estuques, pavimentos de mosaicos. O que leva a uma problemática assente nos vestígios identificados pois pode indicar uma *villa* de segunda ordem, composta por um edifício de alguma relevância e autonomia própria. Ou ser um edifício muito especializado, ligado à transformação de produtos agrícolas.

A heterogeneidade é a característica principal desta classe de sítio. Pode variar entre sítios com uma cultura material representativa, com vários elementos de importação, a alguns com grandes séries de cerâmica de construção e comum, demonstrando diferentes capacidades aquisitivas. A implantação é diversa, desde zonas de topo a fundos de vale e, de um modo geral, raras vezes estão próximos de manchas de solos de elevada aptidão.

4. Sítio Arqueológico do Mascarro

4.1. Localização e integração espacial

O sítio arqueológico do Mascarro situa-se na freguesia de São João Baptista⁴, concelho de Castelo de Vide e distrito de Portalegre.

Os vestígios encontram-se dispersos por uma área considerável, compondo muros e sepulturas.

Este sítio está patente na carta militar de Portugal nº.335, escala 1/25000, e, corresponde às coordenadas geográficas WGS84 N 39º24'36,0" W -07º30'49,9". Na Carta Cadastral, insere-se na secção D, da referida freguesia.

O Código Nacional de Sítio (CNS) atribuído pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) corresponde ao 531.

O acesso viário ao sítio do Mascarro faz-se através da estrada nacional 246, entre Castelo de Vide e Portalegre, desviando à direita depois da Estação de Caminhos-de-ferro de Castelo de Vide pela estrada municipal que conduz à Alagoa.

Encontra-se a cerca de 5 Km para SW de Castelo de Vide, a 2 Km a Sul do marco geodésico de Lavradores e a 3 Km NW do marco geodésico de Cangão. Eleva-se a uma cota que oscila entre os 370 e os 380 m.

Dista da Ribeira de Nisa cerca de 750 m em linha reta, o que cria outras dinâmicas paisagísticas através de férteis várzeas e solos propícios à agricultura.

Os vestígios ocupam uma área onde predominam maioritariamente carvalhos e afloram formações graníticas.

A estação arqueológica é atravessada pela linha férrea do Ramal de Cáceres (Km 219 e 220).

⁴ Esta freguesia caracteriza-se pelas ribeiras que fornecendo aptidões de solo para uma antropização bastante singular. A Ribeira de Nisa, cria uma dinâmica na relação do Homem com o meio, ao oferecer férteis várzeas e solos propícios para a agricultura de horta.

4.2. Topónimo

O microtopónimo deste sítio é “*Judiarías*” e em nada se parece relacionar com nenhum vestígio arqueológico. Pode em tempos ter designado este local devido às pessoas que lá viveram, mas não existem dados que apontem com segurança neste sentido.

O topónimo atual “*Mascarro*” não tem origem latina, aparentemente.

O substantivo feminino – *mascarra* - existe desde o século XVIII com o significado 1) *de mancha de carvão ou de fuligem; farrusca.* 2) *Derivação: por extensão de sentido. Sujeira que se apega a algo; nódoa, mancha.* 3) *Derivação: sentido figurado. Estigma, labéu.*

O verbo *mascarrar* está atestado no século XV e provavelmente existiria no vocabulário comum da Idade Média⁵.

4.3. Cronologia

1970 – Identificação do sítio devido à descoberta de duas moedas de ouro.

1971 – Publicação por D. Fernando de Almeida, em *O Arqueólogo Português*, das moedas de ouro visigóticas.

1971/1972 - Diamantino Sanches Trindade e Maria da Conceição Rodrigues fazem prospeções nesta zona para as publicações das suas teses de licenciatura, *Castelo de Vide, Subsídios para o Estudo da Arqueologia Medieval* e *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, respetivamente.

1975 – Publicação da Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide.

1982/1983 - Contactos entre o Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide e o FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) no sentido de se organizar um campo de trabalho internacional de arqueologia.

1983 – 1ª Campanha de escavações, dirigida por Diamantino Sanches Trindade.

1984 – 2ª Campanha, dirigida por Jorge de Oliveira.

Levantamento Topográfico elaborado pelo GAT (Gabinete de Apoio Técnico-Portalegre) e reordenamento da escavação.

1985 – 3ª Campanha, dirigida por Jorge de Oliveira e Cármen Balesteros.

⁵ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

1986 – Prevista 4ª Campanha que não se concretizou.

1991 - No âmbito da atualização da Carta Arqueológica do concelho a Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide realizou prospeções de superfície na área onde se inclui o Mascarro registado no *Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores - 1991*.

2002 – Processo de desmatação de Sítios e Monumentos Arqueológicos do Concelho de Castelo de Vide, dirigido por Isabel Alexandra Gradim.

2004 – Publicado *Termas e balnea na Lusitania*, de Pilar dos Reis, que indica a existência de termas privadas no Mascarro, através da identificação por Maria da Conceição Rodrigues de um tijolo trapezoidal.

2010 – Processo de desmoita de Sítios e Monumentos Arqueológicos do Concelho de Castelo de Vide, no qual o sítio foi limpo e fotografado. Trabalhos dirigidos por Sandra Santos.

2011 - Publicação da tese de doutoramento de André Carneiro *Povoamento Rural no Alto Alentejo em época romana*.

2012 – Publicação da tese de doutoramento de Mélanie Wölfram *A cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia* e de nos quais o Mascarro é indicado.

2014/2015 – Prospeção geofísica e arqueológica nas imediações do Mascarro, na sequência desta dissertação de mestrado.

4.4. Informações orais

De acordo com Nuno Félix⁶ foram recolhidos no Mascarro, quando os tios ainda eram os proprietários desse prédio rústico, alguns materiais como uma caixinha de mármore trabalhada (uma espécie de sarcófago), possivelmente visigótico, e um almofariz em mármore.

Explica ainda que D. Fernando de Almeida visitava o local várias vezes e que levou várias peças consigo; possivelmente para o MNA (Museu Nacional de Arqueologia). Visitava o

⁶ Proprietário atual do Monte do Mascarro. Técnico de Arqueologia da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Mascarro com alguma regularidade porque tinha uma relação de proximidade com os proprietários.

O seu tio, proprietário do Mascarro, senhor Eleutério Transmontano costumava acompanhar arqueólogos a sítios que já conhecia e facilitava na relação com outros proprietários. Auxiliou a Dra. Maria da Conceição Rodrigues aquando da realização da *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*.

Ao recolher a informação oral do Sr. Carolino Tapadejo⁷ este, começou por explicar que a escavação no Mascarro foi da responsabilidade de Diamantino Trindade pois este quis conhecer melhor este sítio.

Mais indicou que no referente aos participantes na escavação, o campo contou com a participação de estudantes egípcios que chegaram a Castelo de Vide através da Universidade de Évora ou do FAOJ – que tinha a função de organizar eventos para jovens durante os meses de verão, tal como o IPJ atualmente faz.

O relatório de escavação de 1983 foi feito pelo António Pita porque Diamantino pediu que assim fosse e posteriormente abandonou a escavação, deixando o seguimento dos trabalhos arqueológicos no Mascarro a cargo de Jorge de Oliveira.

4.5. Prospeções

Aquando dos trabalhos da elaboração da *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide* foi feita prospeção, mas os dados publicados não são muito concretos. Referem a ida aos sítios, os proprietários, os achados que haviam feito, como encontraram os locais e que em alguns casos, como no Mascarro, abriram “valas de prospeção” para confirmação dos vestígios e das cronologias.

No ano de 1991 as zonas demarcadas por Cangão e Lavradores, onde o Mascarro se insere, foram prospetadas de forma a complementar o trabalho feito nos anos 70. Assim, foram registados, desenhados e fotografados todos os sítios de interesse histórico e arqueológico que foram sendo encontrados. Neste caso em particular apenas

⁷ Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide na altura das escavações do Mascarro e da fundação do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide (GACV).

interessa referir os que correspondem à zona propriamente dita do Mascarro, de forma a compreender melhor a ocupação humana e contextualizar a envolvente.

É neste relatório que se faz pela primeira vez referência à “calçada do Mascarro” (17) *«Junto à estação arqueológica do Mascarro passaria uma via cujos vestígios são ainda hoje visíveis, sobretudo no troço atrás referido. Pressupomos que a calçada será coeva à estação arqueológica.»* (Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores, 1991, 30)

Sobre o Mascarro refere *«O seu mau estado de conservação deve-se, sobretudo, ao facto de se terem realizado várias campanhas de escavação e após as quais não terem sido tomadas as medidas de protecção adequadas. Propõe-se que sejam desenvolvidos esforços no sentido de preservar a área escavada, bem como conseguir a sua classificação.»* (Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores, 1991, 32)

Uma vez que conhecer o território objeto de estudo é essencial, os trabalhos de prospeção de superfície foram repetidos no final do ano de 2014 e inícios de 2015.

Atualizaram-se os levantamentos existentes de 1991 e também se registaram alguns vestígios inéditos. Acima de tudo, foi possível identificar aspetos interessantes no território, assente na ruralidade. Verificou-se que existe uma ocupação contemporânea de carácter agrícola no Mascarro, relativamente perto das zonas com vestígios arqueológicos, aproveitando matérias-primas e derrubes. Com estes trabalhos foi também possível perceber que na parte poente (agora isolada pela construção da linha do caminho de ferro), surgem alguns vestígios materiais coerentes com os das zonas já conhecidas e intervencionadas. Pode indiciar que o sítio ocupava uma área maior mas que foi destruído pela construção do caminho-de-ferro.

De forma a perceber melhor o sítio e a relação entre os setores abertos e a envolvente efetuou-se outro tipo de prospeção. Em 2015, em parceria com a equipa do Departamento de Física da Universidade de Évora, experimentou-se a aplicação de métodos não invasivos de prospeção de superfície aplicada à arqueologia - Magnetometria e a Indução Eletromagnética -, de forma a tentar perceber a relação entre as estruturas já conhecidas, qual a sua orientação e se, eventualmente existiriam outras em volta.

A Magnetometria é um dos métodos mais versáteis de aplicar, pela facilidade e rapidez na execução e baixo custo de levantamento de campo. Basicamente deteta irregularidades no campo magnético terrestre, originadas pela presença, no subsolo, de rochas contendo minerais com diferentes propriedades magnéticas, tais como magnetita, ilmenita e pirrotita. A interpretação pode ser um pouco complexa pelas ambiguidades próprias deste método.

Os resultados preliminares resultaram na deteção de estruturas entre o setor A e o setor C, e em torno destes. Possivelmente alinhamentos de muros ou canalizações. Num ponto ligeiramente mais afastado dos setores, para Este, surge uma mancha mais concentrada que pode provavelmente ser interpretado como sendo uma necrópole.

A Indução Eletromagnética consiste na capacidade de detetar objetos metálicos debaixo do solo - condutores e indutores.

Este método tem-se mostrado eficiente na deteção de fogueiras ou grandes concentrações de material lítico com propriedades eletromagnéticas, onde através do aquecimento os minerais metálicos ficam orientados. Na interpretação destes dados deve ter-se atenção à diferenciação entre anomalias, pois podem ser naturais ou artificiais, com a mesma magnitude. Neste momento é grande a importância destas técnicas para investigadores e arqueólogos.

Na conclusão dos trabalhos foi efetuado um levantamento topográfico total com GPS diferencial.

4.6. Escavações

Como refere o Relatório de Escavação 1983 (1983, 6) «(...) foi escolhido o local denominado Mascarro pelas seguintes razões: 1 - Urgência de estudo do local devido ao risco de se perder na totalidade, destruída pelas modernas máquinas agrícolas, uma estação que nos parecia importante. 2 - Autorização e interesse do proprietário pelo estudo dos seus terrenos. 3 - Dificuldade em conseguir autorização doutros proprietários onde os vestígios são mais ricos e abundantes. 4 - Fácil acessibilidade. 5 - Exumação do espólio com vista a ser depositado no futuro museu municipal. 6 - Contribuição para o

estudo da arqueologia no Concelho de Castelo de Vide no que diz respeito à época da estação.»

As escavações no sítio do Mascarro tiveram três campanhas - 1983, 1984 e 1985.

Nestes anos foram abertos vários sectores - A, B, C, D e E-, onde surgiram estruturas e alinhamentos de muros. O setor F, ou designada “*casa do arco senhorial*”, foi intervencionada com a finalidade de se perceber se tinha sido implantada sobre construções romanas ou se tinha havido reaproveitamentos de estruturas na sua edificação.

No ano de 1983, a escavação foi dirigida por Diamantino Sanches Trindade e as campanhas de 1984 e 1985 foram coordenadas por Jorge de Oliveira, tendo em 1984 sido elaborado um levantamento topográfico.

Os trabalhos começaram em 1983 pelo facto do sítio apresentar vestígios arqueológicos de aparente cronologia romana. As campanhas seguintes tinham a finalidade de dar a conhecer mais dados sobre o sítio.

O relatório de escavação de 1983 refere o início dos trabalhos no Mascarro com a limpeza do terreno, fotografia e marcação das zonas a escavar «*Procedeu-se depois à quadrículação dos respectivos sectores por quadrados de 2m x 2m. Os quadrados assim delimitados foram numerados de um lado com letras (A, B, C, etc...) do outro lado com algarismos (1, 2, 3, etc...).*»

Indica ainda que em termos de escolha de orientação das quadrículas o sector A tinha orientação N-S, o sector B E-O e o sector C N-S.

«No dia 29 de Agosto de 1983 iniciaram-se os trabalhos, (...) Toda a terra vegetal foi removida e peneirada, visto que à superfície era visível muito material fragmentado que é prova flagrante dos remeximentos, ora vegetais (raízes de carvalhos que revolveram as camadas cimeiras), ora humanas (acção dos trabalhadores agrícolas na preparação dos terrenos), e, mesmo até efeitos geológicos (erosões).» (Relatório Escavação, 1983, 7)

Houve o cuidado de não se retirar pedras que pertencem às estruturas.

Jorge de Oliveira aponta no caderno de campo de 1984 que foi contactado pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul e pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide (GACV), para dirigir o Campo de Trabalho Internacional de Arqueologia, em substituição de Diamantino Sanches Trindade, que tinha iniciado no ano de 1983 escavações neste local. Chegou à conclusão de que não havia levantamento topográfico e que a escavação não estava orientada. Definiu então que o código de estação seria [MA/84] e o registo das peças seria MA/84/nº do quadrado/nº Serie do quadrado. As quadrículas eram de 2 m por 2 m, sendo o eixo dos XX discriminado com letras e o dos YY com números. Acrescenta ainda no caderno de campo de 1984 *«No terreno deparei-me com a marcação de três setores, completamente desorientados entre si.»* Para além da discrepância entre setores, os próprios não estavam orientados por nenhum eixo pré-estabelecido e sem marcação geométrica. Assim o arqueólogo optou *«pela marcação duma rede de quadrículas a partir do sector mais a Sul em direção aproximada do Norte, de modo a que se possibilitasse uma compressão das estruturas habitacionais já visíveis.»* que ainda não estavam escavadas na totalidade. Foi então elaborado um levantamento topográfico pelo GAT de Portalegre.

De acordo com o Relatório de Escavação de 1984 (1984) aquando da tentativa de ligar o setor A ao setor C verificou-se que nenhum dos dois estavam devidamente alinhados por isso alargou-se o eixo dos XX.

Devido à distância irregular, de 27,37 m, existente entre estes dois setores foi necessário marcar um separador de 1,37 m a Sul do setor C e o restante espaço -setor B-, subdividido em 13 quadrículas de 2 m x 2 m.

O relatório de 1984 alude ainda que o sector A se desenvolvia por 10 m no eixo XX com 6 m no eixo YY, perfazendo assim uma área de 60 m², subdividida em 15 quadrados de 2 m x 2 m. E no sector C a área anteriormente escavada era de 6 m de eixo XX por 6 m de eixo YY perfazendo uma área de 36 m², subdividida em 9 quadrados de 2 m x 2 m.

Quanto ao setor mais a Norte, Jorge de Oliveira declara que no Relatório de Escavação de 1984 (1984) *«O sector por nós denominado de D que se encontra a NW dos anteriores e totalmente desorientado em relação à rede por nós estabelecida para os A, B e C, não pode por isso mesmo entrar na rede de quadrículas anterior, estabelecendo-se para si*

uma rede arbitrária em função da área já escavada.» A solução foi atribuir-lhe uma nova quadrícula que formou uma figura retangular com 14 m x 6 m, abrangendo assim uma área total de 84 m², dividida em 21 quadrados de 2 m x 2 m. Mais uma vez é notória a preocupação em seguir os alinhamentos em detrimento da orientação das sondagens. Para finalizar menciona que a marcação da rede de quadrículas que une o sector A, B e C traduziu-se numa figura retangular definida pelo eixo dos XX com 10 m e pelo eixo dos YY com 45,37 m. De forma a uma possível ligação desta rede ao sector D, o eixo dos XX será legível da direita para a esquerda e legendável com letras, com início na letra F e o eixo dos YY com início no número 6, como é perceptível nas plantas de escavação feitas em 1984 e em 1985⁸. Devido ao facto deste setor estar à parte da rede de quadrículas estabelecida para os restantes, existem repetições entre os quadrados G6, G7, G8 e F6, F7 e F8, que também existem no setor A.

Quanto à campanha de 1985, foi acompanhada por Cármen Balesteros e Jorge de Oliveira, pedido feito pelo GACV ao SRAZS (Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul) para acompanhar as consolidações e drenagens nesta estação que incidiram sobre a zona do setor A e setor C.

Estava previsto continuar com as escavações no Mascarro, mas nunca se chegaram a concretizar. Essa intenção é clara por parte do FAOJ na calendarização das escavações desse ano e também no facto da escavação não ter sido tapada, tendo ficado a descoberto até aos dias de hoje.

Nos relatórios de 1984 e 1985, Jorge de Oliveira aponta algumas razões que possivelmente podem ter estado na origem da não continuidade dos trabalhos de arqueologia no Mascarro, como refere o Relatório de Escavação de 1985 (1985, 8) *«Se por um lado o trabalho já desenvolvido na Herdade do Mascarro justifica o alargamento das áreas escavadas, por outro, e dado o reduzido interesse arquitetónico, arqueológico e turístico da estação, pensamos que novas ações deste género devem ser canalizadas para estações arqueológicas que pela sua eminência de destruição, interesse arqueológico e turístico se tornem mais imperiosas. (...) pensamos que a realizarem-se*

⁸ Remete para Anexo III – Plantas dos setores

novos campos de trabalho no Concelho de Castelo de Vide estes deveriam incidir sobre outras estações arqueológicas que justifiquem uma actuação imediata (...)».

5. Descrição e Interpretações

O Mascarro genericamente compreende quatro setores, nos quais se distinguem muros que formam compartimentos, alguns com pisos e onde se definem estruturas de apoio à transformação de produtos. A dificuldade de análise deste sítio está no facto de não ser possível estabelecer uma relação lógica entre as estruturas visíveis nos diferentes setores. Possivelmente existe ligação entre eles e uma lógica entre compartimentos, mas sem escavação é complexo afirmar isso.

Tal como outros sítios de cronologia romana como a Tapada Grande - Meada, Vale da Bexiga e Vale da Manceba, que ao serem analisados em tudo parecem *villae*, apesar de concretamente nada apontar para tal.

O sítio do Mascarro desde a sua descoberta, passando por várias investigações, tem sido entendido como sendo uma *villa* romana, na qual foi intervencionada parte da *pars rustica*. A realidade material mostra ainda um momento tardio.

No entanto até à atualidade os indicadores mais considerados, tais como os pavimentos em mosaico, o *opus tessellatum*, ou a pintura mural, para a identificação das *villae* estão ausentes nas imediações e nos setores intervencionados.

Poderá encaixar-se em tipologias de povoamento mais reduzidas, como sendo uma granja ou um casal. Tem elementos arquitetónicos e área de dispersão cerâmica que enquadre nestes contextos.

O achado da ara não permite tirar muitas ilações, mas é um forte indicador de que em época romana terá havido uma estrutura religiosa nas proximidades do Mascarro.

Na envolvente, confirmou-se a existência de outros sítios de povoamento romano e medieval.⁹

⁹ Ver capítulo 7. Pontos de Povoamento

Relativamente à envolvente, esta zona é de difícil leitura. O local onde se encontram as estruturas arqueológicas nunca foi devidamente aproveitado do ponto de vista agrícola e aparenta não ter sido alvo de grandes espoliações. As estruturas conhecidas estão relativamente próximas a um antigo caminho que caiu em desuso há pouco tempo, utilizado por locais para acesso às suas propriedades.

No entanto, a paisagem mudou muito ao longo dos tempos, particularmente devido à construção do caminho-de-ferro no final do século XIX.

5.1 Estruturas

«Um sítio dotado dos mais relevantes conteúdos, essencial para compreendermos diversas dinâmicas (culturais, temporais, funcionais...) e que por isso necessita de uma reavaliação atenta.» (CARNEIRO, VOL. II, 2014, 94)

Em termos de implantação e distribuição, as estruturas conhecidas no Mascarro, cumprem com alguns dos requisitos aconselhados pelos agrónomos romanos como Catão, Varrão e Columela. Considerações estas aplicadas à edificação de uma *villa* romana como a salubridade do clima, topografia, abundância de água, boa comunicação e orientação.

Ao nível do relevo e implantação topográfica, encaixa-se numa paisagem suave, de meia encosta e nas proximidades de um curso de água. A partir da zona da atual casa do monte, que tem uma altimetria de cerca de 374 m, tem uma boa panorâmica sobre a envolvente. Até agora nunca foram encontrados quaisquer vestígios materiais ou estruturais, mas também nunca foi aberta nenhuma sondagem ou levantado nenhum piso no sentido de se tentar perceber se existiriam estruturas nesta zona.

De um modo geral, no concelho de Castelo de Vide, as *villae* predominam em áreas onde as encostas apresentam uma pendente suave, em plataformas que possibilitam a construção de estruturas. No Mascarro, ao olharmos para as estruturas de Sul para Norte, conseguimos identificar plataformas que podem indiciar construções.

Neste caso em particular não se sabe ainda de que forma se distribuíam os compartimentos por aquele território, mas no caso de ser uma *villa* preferencialmente

a edificação principal instala-se em plataforma, aproveitando uma quebra na encosta de forma a beneficiar da ampla panorâmica sobre a envolvente.

Os solos caracterizam-se por ser de classe D e E, com muitos afloramentos graníticos e solos litólicos não-húmidos, o que não corresponde às preferências clássicas. Uma situação semelhante parece verificar-se em Elvas como explica Maria José de Almeida (2000, 148), onde a escolha de implantação de Terrugem e Valbom incide sobre solos de fraca aptidão, tipo D e E. Em geral, os casais e não as *villae*, costumam estar implantados sobre terrenos de fraca capacidade agrícola como estes, ainda que por vezes existem pequenas bolsas de solo de classes melhores que não surgem na cartografia.

Geralmente uma linha de água encontra-se sempre presente na base do sítio pois os recursos hídricos são de grande relevância para a implantação de sítios romanos para fins agrícolas, termais e vivenciais. Próximo deste local corre a ribeira de Nisa, com grande manancial no Inverno, e a ribeira do Mascarro, sazonal e de pequeno caudal. Sítios rurais preferem genericamente a proximidade de afluentes secundários, como seria a ribeira do Mascarro.

Ao nível da altimetria, esta zona apresenta variações profundas de cota. A constante para a implantação das *villae*, geralmente varia entre os 200 e os 400 m absolutos – ou seja, o terreno preferencial de colonização centrou-se na área intermédia, com altimetria de valores moderados. No Mascarro, as estruturas intervencionadas estão a uma cota de cerca de 364 m absolutos.

A relação com as vias é um dos aspetos mais complicados de analisar, pois era relevante devido à facilidade e comodidade de acesso e para este caso não estão ainda disponíveis muitos dados. Mas por norma a *villa* encontra-se distanciada da via principal, ligada por uma via secundária onde se localiza o pequeno sítio – *diverticulum*. Estas estruturas fundiárias não acompanham de todo os itinerários, porque correm muito para lá do seu território.

Estes aspetos bem analisados podem indicar uma *villae*, mas também outro tipo de sítio. Com os dados atualmente disponíveis é complexo encaixar interpretações.

Mélanie Wölfram (2012, 154) na sua tese de doutoramento, *A cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia*, refere que este sítio compreende a *pars rustica* de uma *villa* romana, como outros autores têm indicado.

Mas conclui que «*Torna-se difícil perceber o que sucedeu neste sítio, uma vez que se desconhece a relação espacial entre os três sectores escavados. No entanto, parece claro que houve uma ocupação sobre parte da villa rustica após o século IV ou V.*»

André Carneiro propõe tratar-se de uma estrutura fundiária, provavelmente uma *villa* com a monumentalidade conferida pelas colunas em granito e pelos elementos de mármore. Considera que as cerâmicas calcinadas indicam uma estrutura de produção e o espólio monetário mostra a plena inserção nos circuitos comerciais. Não há qualquer referência a elementos de importação.

No caso de ser uma *villa*, onde se encontra a *pars urbana*? «*La uilla perfecta sería, pues, aquella que tiene una pars urbana lujosa y desarrollada, separada claramente de los ambientes destinados a las actividades de servicio y agropecuarias, las partes rustica y fructuaria.*» (FORTES, 2007, 186), posto isto, o local mais “adequado” seria onde se situa o atual monte.

5.1.1. Sector A

O Relatório de Escavação de 1983 (1983, 7) indica «*Neste sector foram encontradas paredes (quase só alicerces) de compartimentos que delimitavam áreas muito pequenas o que nos leva a supor ter sido local de guarda de cereais e alfaias agrícolas.*» e também que «*O compartimento assinalado com o nº2 revelou quase à superfície um pavimento constituído por 3 camadas de tijolo moído.*»

O compartimento nº3 e o nº4 estava entulhado de derrube provenientes das paredes que abateram para o interior. Foi o setor onde apareceram mais moedas romanas, quinze numismas, de acordo com os registos da SACMCV.

No ano de 1984, os trabalhos no setor A começaram pelo acerto dos cortes em relação à quadrícula, passando-se seguidamente à desmontagem dos derrubes do telhado ainda existentes neste sector, especificamente em I6, I7, I8 e J6, J7 e J8.

Em seguida definiu-se um nível de derrube que era de difícil leitura, tal a quantidade de pedra. Após o levantamento de três níveis de derrube, definiu-se um nível de terra descrita como sendo arenosa onde dispersavam fragmentos de cerâmica comum, um fundo de ânfora e uma moeda de bronze.

Segundo indicação no Relatório de Escavação de 1984 (1984) foi debaixo desse nível, no quadrado J7 e I7, que se registou um piso estreito, lajeado. Esta estrutura foi interpretada como sendo um canal de escoamento de líquidos, com cerca de 2 m de comprimento. Pode relacionar-se com um fundo de um reservatório de líquidos, quadrangular com vestígios de "meia-cana", cuja descrição sugere que *«A fábrica desta possível talha foi obtida pela sobreposição de três camadas perfeitamente visíveis de um opus constituído por tijolo moído unido por uma argamassa pobre, sendo notório que o primeiro assento obedeceu a um trabalho mais esmerado. Todo o recipiente assenta num nível de calhaus rolados que se elevam sobre um enchimento de pedras e terra um pouco acima do nível dos muros ainda visíveis.»*¹⁰ Aqui reside o aspeto mais curioso e intrigante sobre esta estrutura, que está repartida pelos quadrados H6, H7, G6 e G7: apresenta-se ao nível do arranque dos muros e não a uma cota inferior. Tem 1 m de largura e 1,30 m de comprimento e está ladeado por dois tanques que estão a uma cota inferior de pelo menos 1 m. Dos quais o tanque do lado esquerdo do tanque central mede 1 m por 2 m de comprimento e o do lado direito do tanque central mede aproximadamente 1,20 m por 1,10 m. Parece haver relação entre eles através de orifícios existentes nos muros, que por falta de desenhos de alçados desta estrutura não se verificam nas plantas.

No quadrado J8 verificou-se uma pequena abertura de cerca de 0,50 m, definida por dois blocos de granito afeiçoados, que comunicava com uma outra possível talha, ou seja outro pequeno "compartimento" no qual *«(...) há vestígios de opus semelhante agarrado aos contornos deste espaço.»*

Apenas no final da campanha de 1984, o relatório conclui que se trata de uma construção relacionada com a obtenção de azeite ou vinho.

¹⁰ Remete para Anexo II – Transcrição Relatório escavação 1984

Na última campanha, em 1985, alargou-se o setor 2 m para Poente de forma a possibilitar a definição dos derrubes já anteriormente detetados, como é perceptível nos desenhos e organização da escavação desse ano.

Os quadrados L7 e L6 apresentavam derrubes.

Os trabalhos de 1985 tinham a finalidade de constituir uma vala de drenagem, como refere o relatório «*Neste Setor A, procedeu-se à abertura duma vala de 0,50 m de largura no sentido E/W por 3,00 m no sentido N/S, com o fim de possibilitar a drenagem de águas pluviais.*». Foi necessário abrir esta vala porque a escavação atingiu a profundidade de 1,20 m, ultrapassando a base dos alicerces das estruturas habitacionais, em que era urgente a saída das águas. Esta vala fica a Sul do setor e na perpendicular ao quadrado H6.

Durante estes trabalhos de drenagem detetaram-se novas estruturas, que indicam um prolongamento para Sul, como mostram também as plantas deste setor. Provavelmente estendem-se até junto do velho caminho de acesso ao monte, a designada “calçada do Mascarro”.

Em termos estruturais, o setor A aparenta ser o setor mais “romanizado” e o mais consistente. Ainda apresenta vestígios de argamassa nos muros, o que não se verifica nos restantes setores do Mascarro.

Compreende parte de uma estrutura de transformação de azeite – *torcularium* -, que se define por ser um espaço de adegas e lagar da Antiguidade. A sua utilização estaria relacionada com a exploração e transformação dos produtos do *fundus* para consumo local ou para fins de exportação.

Mais especificamente, compreende parte de uma estrutura destinada à decantação de azeite¹¹, onde são visíveis três recipientes que estariam adossados, conectados ou não na parte superior.

¹¹ «*El líquido obtenido en la acción de prensado era inmediatamente derivado hacia unos contenedores donde continuaba el proceso de elaboración. La mayor parte de estos depósitos (lacus) aparecen realizados en obra, en opus signinum, con cuartos de bocel en las juntas y pocillo de limpieza en el fondo.*» (CERVANTES, 2010a, 81)

Como explica a investigadora Yolanda Peña Cervantes (2010a, 82) «*Ambas estructuras (lacus y cubetas de decantación) aparecen necesariamente conectadas con la zona de prensado, formando parte normalmente de la propia sala que aloja la prensa (...) Las cubetas de recepción (lacus) presentan unas características constantes en todos los casos y difieren tan solo en tamaño y capacidad.*». Formalmente são muito semelhantes a todos os depósitos destinados a contenção de líquidos em época romana, sendo possível distingui-los através da vinculação aos elementos de prensa, moagem ou armazenamento. São estruturas importantes do processo pós-extração «*La fermentación tumultuosa se producía en los aljibes (lacus). Según Plinio (nat., XIV, 124) debía durar 9 días, sin embargo Catón (agr., 26) consideraba que el tiempo necesario para arrojar todas las impurezas era de 30 días.*» (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2012, 456)

Os *torcularia* são construções compostas por várias instalações e elementos, além do contrapeso, diretamente relacionados com a transformação de produtos tais como mecanismos de decantação no caso do azeite e de fermentação no caso do vinho (PEÑA CERVANTES, 2010a). O estudo destas estruturas levanta algumas problemáticas como a falta de uniformização terminológica dos compostos e o uso dos mesmos mecanismos de extração tanto para a obtenção do azeite como do vinho.¹²

No Monte do Mascarro foram identificados recentemente dois fragmentos de contrapeso de lagar. Estes correspondem ao tipo 12 da classificação de J.P. Brun, utilizados nas prensas de parafuso. Estes elementos permitem já perceber o tipo de produção, mas não a capacidade.

Em época romana, segundo a autora Yolanda Peña Cervantes (2010a), estão documentados sistemas de extração simples ou mais complexos. Estes últimos requerem espaços próprios que se conseguem identificar arqueologicamente, como acontece com os testemunhos de moagem e decantação¹³ da azeitona, ou até com a

¹² «*Uno de los principales problemas, a la hora de abordar la información existente sobre los torcularia hispanorromanos, es la falta de homogeneización terminológica y la confusión de términos, para describir los elementos de elaboración.*» Esta autora ainda acrescenta que «*El uso de los mismos mecanismos de extracción, para el mosto y el aceite, genera instalaciones de elaboración prácticamente similares para ambos productos.*» (CERVANTES, 2010a, 29)

¹³ «*Como elementos de identificación estructurales contamos en el caso del aceite con los testimonios de las fases de molienda y decantación, ajenas a la elaboración del vino. De esta manera el hallazgo de*

existência do *lapis pedicorum*. Regra geral estão orientados a Sul¹⁴, o que se verifica no setor A do Mascarro.

Uma outra dificuldade remete para a descontextualização¹⁵ destes elementos e grau de destruição que muitas das vezes não conservaram a sua capacidade total.

A deteção e compreensão destas construções prende-se ainda com a questão de ter associado um *lacus*, ou não, e de ser confundida com um simples tanque de receção.¹⁶

Interpretar este espaço, no Mascarro, sem mais dados e outros elementos é difícil. Apenas com a articulação de dados estruturais, artefactuais e paleobotânicos¹⁷ se podem permitir apreciações mais concretas.

Aquando da escavação nunca foi feita uma recolha de amostras para análise de forma a apurar que produtos eram ali transformados. Apesar de os resultados da prospeção geofísica sugerirem a existência de uma grande estrutura junto ao setor A, não é possível identificar, no caso de ser um lagar, para onde se dispõe a *cella vinaria* ou a *cella olearia*, ou até se existem *dolia* em fossa.

muelas o de estructuras de decantación asociadas a elementos de prensado actúa como un indicio directo de la elaboración oleícola.» (CERVANTES, 2010a, 48)

¹⁴ «Como se ha constatado en numerosas villas dedicadas al prensado de aceite, el espacio destinado a este fin suele estar situado en la parte más cálida, orientado al sur.» (ROMERO PÉREZ, CISNEROS GARCÍA, ESPINAR CAPPÀ, FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, MELERO GARCÍA, 2013-2014, 238)

¹⁵ «Apesar de que se ha documentado un buen número de estos elementos en la península Ibérica, su análisis es estéril si aparecen descontextualizados. (...) estas cubetas no aportan datos sobre el tipo de producción o sobre las características productivas de la prensa. La capacidad de estas cubetas no es indicativa del volumen de producción de la prensa, ya que pueden ser llenadas y vaciadas un número indeterminado de veces dentro de una misma campaña de prensado. Además, en pocas ocasiones contamos con la capacidad total de estos depósitos, ya que rara vez conservan su altura completa.» (PEÑA CERVANTES, 2010a, 82)

¹⁶ «La presencia de calcatoria realizados en obra en la península Ibérica es bastante reducida, teniendo en cuenta la tradición vinícola de esta provincia romana, debido a los argumentos aducidos con anterioridad. En la tabla 11 se consigna esquemáticamente la descripción de estas estructuras, atendiendo a las medidas de la zona de pisa y a la presencia o no de un lacus asociado, con su capacidad. Se trata de estructuras técnicamente homogéneas, caracterizadas por el uso de opus signinum signinum y elementos hidráulicos, como cuartos de bocel o pocillos de limpieza. En muchas ocasiones es difícil identificarlas debido a que, ante su deficitario estado de conservación, pueden ser interpretadas erróneamente como simples depósitos de recepción. La simplicidad de su funcionamiento se plasma en la sencillez de su esquema constructivo. Se configuran como superficies acotadas, de altura y extensión variable, con un orificio de salida para el mosto que las conecta generalmente con un lacus de obra, que aparece a una cota inferior.» (CERVANTES, 2010a, 67)

¹⁷ «Apenas la articulación de los datos estructurales, artefactuales y paleobotánicos pueden permitir una apreciación más concreta (CARVALHO 1999: 372), pero debe ser igualmente complementada con el estudio del contexto histórico y geográfico.» (ALMEIDA, FRAILE, GARCÍA, PABLOS, 2011, 211)

Ao nível das fontes não há muitas referências sobre estas produções. São sempre direcionadas para a região da Bética¹⁸, zona conhecida por excelência na produção de azeite.

A *villa* de Torre de Palma surge como o local melhor conhecido em termos de povoamento rural romano no Norte Alentejo. É conhecida a zona de *torcularium*, localizada na *pars rustica*. «*El complejo, bastante arrasado, consta de una sala en la que se encuentra un contrapeso cilíndrico in situ y una amplia zona de prensado, adosado a una cella de gran tamaño com dos filas de pilares que determinan tres naves longitudinales, en la que se integran al menos dos lacus de grandes dimensiones.*» (CERVANTES, 2010b, 1001)

Esta autora aponta alguns locais com vestígios semelhantes como a *villa* de La Sevillana (Badajoz), onde numa pequena habitação localizada a sul da *villa* aparece uma estrutura de pisa com quatro compartimentos, conectadas com dois *lacus* de forma semicircular. O aparecimento de instalações apenas de pisa para a elaboração de vinho não é habitual na Península Ibérica e pode corresponder na opinião da autora a uma produção destinada apenas ao autoconsumo da *villa*.

Em Sa Mesquida (Maiorca) apareceram dois cubículos interconectados que foram interpretados como sendo um *calcatorium*.

Na *villa* romana de Carranque, Toledo, foram escavadas recentemente duas superfícies de pisa, conectadas por um *lacus*, com uma capacidade proporcional às dimensões dos *calcatoria*. Apesar de nesta *villa* se registar uma sala de prensa destinada ao azeite. A extração do mosto deveria realizar-se exclusivamente a partir do piso graças ao uso de prensas de torno direto que não deixaram registo arqueológico (PEÑA CERVANTES, 2010b).

¹⁸ «En lo que se refi ere a la producción y explotación del vino, los problemas son semejantes, siendo pocas las referencias en las fuentes escritas. Las conocidas parecen indicar que durante los primeros años de la ocupación romana la extensión de este producto era muy limitada, centrándose sobre todo en las áreas más desarrolladas desde el punto de vista agrícola: la Bética y la costa oriental tarraconen se (GIRALT 1987:119). Son también escasos los datos ofrecidos por los agrónomos (VARRÓN, RR 1, 8; COLUMELA, RR. III, 2, 19) o Plinio El Viejo (HN. XIV, 29-30; XIV, 41) sobre las variedades cultivadas en la Península Ibérica, su origen y fertilidad, o sobre algunos procedimientos de elaboración.» (ALMEIDA, FRAILE, GARCÍA, PABLOS, 2011, 212)

Nos trabalhos arqueológicos na Aldeia do Grilo, em contexto de implementação do Bloco de rega de Serpa, foram identificados vestígios de uma possível *villa* romana. O espólio relaciona-se com as atividades domésticas, de produção e armazenamento de bens. Neste caso em particular interessa realçar que «*Integrado neste conjunto foi ainda identificada uma zona interpretada como parte de um torcularium do qual faz parte um lacus e possivelmente parte de uma plataforma de prensagem relacionados através de um muro com um canal que permite a comunicação entre as duas estruturas (...)*» (FERREIRA, DIAS, 2012, 507)

Este *lacus* apresenta plataforma exterior com cerca de 2,6 m por 2 m e tanque de planta quadrangular e perfil troncocónico, encontrando-se enterrado. «*Revestida a opus signinum, esta estrutura, com cerca de 1,1 m de largura por 0,8 m de altura, com uma capacidade a rondar os 710 l, apresenta na base, ao centro, uma depressão de forma semi-esférica para permitir os trabalhos de limpeza.*» (FERREIRA, DIAS, 2012, 507), que não se verifica na estrutura do Mascarro, que está pelos alicerces. A análise preliminar dos materiais de enchimento provenientes daqui mostram uma cronologia tardia para o abandono do lagar, que terá ocorrido entre meados do séc. IV e inícios do séc. V d.C, cronologia que também se pode aplicar ao sítio do Mascarro.

5.1.2. Sector B/D

Na *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide* (1975) a autora refere que «*Junto a um dos alinhamentos de paredes procedemos a uma pequena escavação. A cerca de 30 cm de profundidade detectamos um pavimento feito de tijolo moído que assentava sobre uma camada de seixos dispostos regularmente.*» (RODRIGUES, 1975, 168) Os trabalhos prosseguiram no verão seguinte junto ao alinhamento de paredes acima referido. A cerca de 10 cm de profundidade apareceu um pavimento formado por argamassa de tijolo moído, e mais abaixo um outro diferente do primeiro, pois era constituído por «*grandes ladrilhos de 48 cm de comprimento, 25 de largura e 4 cm de espessura.*» (RODRIGUES, 1975, 168) Esta descrição parece encaixar neste setor, até porque nos relatórios de escavação de 1984 e 1985 é referida a grande quantidade de

cerâmica de cobertura e a existência de pisos, sobrepostos e assentes sobre seixos – camada de regularização.

Apenas com estes dados e recolha de bordos cerâmicos e fragmentos de *dolia, tegulae*, ladrilhos, colunas e moedas, a autora conclui terem existido ali «*duas correntes culturais diferentes*».

No ano de 1983 foi aberto o setor B, onde eram visíveis quinais alinhados com algumas pedras afeiçoadas.

De acordo com o Relatório de 1983 (1983, 7) «*Após a primeira decapagem de 10 cm apareceram bem visíveis as pedras que delineavam as duas sepulturas. A 20 cm de profundidade descobriu-se um pavimento de certa forma semelhante ao do compartimento nº 2 no sector A. Este pavimento de tijolo moído ligado por uma argamassa pouco espessa assenta numa base de calhaus rolados trazidos da Ribeira de Nisa.*» Ou seja, o designado piso em *opus signinum*.

Constatou-se que os compartimentos deste sector eram de maiores dimensões em comparação com os do sector A, ainda que apenas só um compartimento esteja escavado na totalidade.

Estruturalmente, as paredes neste sector são de duplo paramento, estão pelos alicerces e não revelavam vestígios de argamassa, o que pode ser visto de dois ângulos: efeitos erosivos provocaram maior desgaste ou então simplesmente pelo facto de ser uma construção tardia, com o uso de métodos mais simples.

Parecem ser compartimentos habitacionais ou de apoio às atividades rurais, que muitas das vezes tinham pisos em *opus signinum*.

Foi recolhida uma base de coluna em mármore na quadrícula B7, assente sobre o piso, e relativamente perto foi levantada pelo trator uma coluna em mármore. A base de coluna aparentemente estava embutida num dos muros, o que pode indicar uma reutilização. Nos quadrados B7 e B8 destaque para uma grande laje de pedra que parece estar ao nível do piso de *opus signinum* e estar a funcionar como um apoio para o mesmo.

Aqui apareceu a maior quantidade de cerâmica de cobertura, associada a alguns objetos de metal - pregos. Pela análise das fichas de campo, não se verifica praticamente recolha de outros materiais.

Com a mudança de direção da escavação no ano de 1984, setor B passa a definir o espaço entre o setor A e o setor C. Compreende uma área de 10 m de eixo dos XX e 32 m de eixo dos YY sendo separado do sector C pelo separador B/C de 1,37 m x 10 m.

Este sector nunca chegou a ser intervencionado e apresentava uma área demasiado grande.

Com o levantamento topográfico estas estruturas passam a designar-se de setor D. Os trabalhos realizados em 1984, limitaram-se à retirada de alguma terra que se acumulava sobre as estruturas habitacionais, ao seu desenho e fotografia.

É descrito como uma extensa divisão habitacional que na sua maior parte apresenta um piso de tijolo moído sobre um nível de calhaus rolados. Encontra-se dividido em dois compartimentos principais, ambos com o referido piso. Um primeiro com uma entrada virada a Norte, quadrangular, com cerca de 6 m por 5 m, e com duas estruturas adossadas aos muros. O segundo de forma retangular com 8 m por cerca de 2 m, que parece continuar além da marcação da sondagem. Na parede que separa estes dois compartimentos foi aproveitado o afloramento rochoso para talhar o embasamento do muro, correspondente à quadrícula D7. Na parte de baixo deste compartimento retangular está uma zona um pouco mais complexa de analisar, que parece aproveitar uma parte de uma rocha para piso de circulação e que está a uma cota mais elevada em relação aos muros à sua volta, como se pode observar na planta, nos quadrados B7 e B8. Aparentemente detetaram-se muros por baixo do piso de *opus signinum* que podem indicar estruturas mais antigas, correspondente à cronologia dos setores A e C. No canto SW deste setor existe um pequeno compartimento que não está pavimentado. Mas torna-se difícil compreender esta situação já que não se consegue por ora perceber se estes muros foram postos a descoberto por destruição ou se faziam parte dum pequeno compartimento intencionalmente não pavimentado. Por isso uma das sugestões para a escavação do ano seguinte seria «(...) *proceder a uma pequena sondagem abaixo do solo de tijolo moído.*» Desconhecem-se os resultados.

O aspeto mais determinante deste setor são as estruturas adossadas aos muros, com cerca de 1 m de comprimento cada uma, interpretadas como sendo sepulturas. Uma destas estruturas encontra-se nos quadrados G7 e G8, com orientação Norte-Sul e uma outra dividida entre o F8 e o E8, com orientação Este-Oeste. Apesar de não apresentarem qualquer espólio, vestígios de ossos ou respeitarem a orientação canónica. «*A presença das sepulturas que assentam directamente sobre este piso parecem indicar a existência de dois níveis arqueológicos. É de notar que o fundo das sepulturas é constituído pelo mesmo piso.*» Não apresentam qualquer aspeto em comum com as sepulturas de laje encontradas e registadas noutros locais, como o Vale da Bexiga. Apenas apresentavam lajes nos três lados externos, e são compostas por pedra que parece ter sido reutilizada deste compartimento. Foram construídas com uma finalidade que se desconhece, não funerária.

No caderno de campo de 1984 Jorge de Oliveira refere «*Chegou-se ao fundo da sepultura onde se encontrou um piso igual ao resto do piso geral.*», ou seja, são pedras colocadas sobre o piso.

Supostamente foi neste setor que se recolheu "*uma moeda de ouro visigótica da época do rei Egica, cunhada em Toledo e três moedas romanas, de bronze, bastante gastas, datadas do séc. IV ou V.*"¹⁹

Esta conjugação levou a interpretar este setor como um local que foi cristianizado em que a base de coluna e as sepulturas assentam directamente sobre o nível tardo-romano, e «*O último nível deverá acabar no início do século VIII, datação dada pela moeda de ouro. A suposição de estarmos diante de um possível lugar cristianizado baseia-se assim na reutilização do sítio como espaço funerário associado a uma moeda de um rei católico.*» (WÖLFRAM, 2011, 154)

5.1.3. Sector C

Este setor foi aberto a partir de uma «*(...) pequena vala de prospecção, junto de um quinal, revelou-se a 30 cm de profundidade uma camada constituída por cinzas, carvões e escória de ferro e chumbo.*» (Relatório de Escavação de 1983, 1983, 8) Provavelmente

¹⁹ Ver subcapítulo 5.2.6. Numismática

uma vala feita por Maria da Conceição. Devido ao interesse suscitado pela abertura da vala, foi então aberto o sector C nesse local.

O relatório indica também *«As sucessivas decapagens iam fornecendo vidros esverdeados, bordos de vasos e muita outra cerâmica queimada, duas moedas e vestígios de pequenos ossos. Porém todos os objectos estavam em mau estado.»*

Quase á superfície foi identificada uma soleira de uma porta, no quadrado H26, que está num nível acima das estruturas identificadas neste compartimento. Aparentemente todas as paredes tinham uma estrutura irregular em *opus incertum*, ou seja, indicam a aplicação de argamassa.

Este setor é dividido por dois compartimentos. Um primeiro, mais a Norte, retangular e de pequenas dimensões que ocupa os quadrados I27, H27, G27, F27. Um outro, onde se destacam duas estruturas tidas como lareiras; uma primeira que aproveita a parede e é formada por aquilo que parecem ser lajes que delimitam a câmara e, uma outra a uns metros mais perceptível. Pelas plantas do setor, parece ainda ter *in situ* a base constituída por ladrilhos e os limites formados por pedras, quadrícula F25.

Em 1984 os trabalhos continuam neste setor, pois os níveis de circulação não tinham sido ainda atingidos.

Acertaram-se os cortes, passando-se seguidamente à retirada das poucas pedras de derrube que ainda existiam, definindo-se de imediato nos quadrados G26 e G27 um nível de terra descrita como estando impregnada de cinzas e escória de ferro e borra de vidro.

O relatório de escavação de 1984 afirma que *«Em G25 e H25 são visíveis duas pequenas estruturas rectangulares definidas por cantarias irregulares com piso de tijoleira, que sofreu altas temperaturas, se atendermos às suas múltiplas fracturas, podendo-se, por agora pensá-las como possíveis lareiras ou câmaras de fundição.»*

A cerâmica recolhida neste sector continua a traduzir-se em fragmentos de cerâmica comum, bastante grosseira e fragmentos de material de construção.

No caderno de campo é redigido que houve um prolongamento de 1 m no eixo dos XX, para Nascente *«(...) iniciou-se a escavação nesse local para compreender a estrutura que*

se começou hoje a delinear. A este prolongamento que se infiltra em metade dos EE passou-se a denomina-los de Eb. Sendo o que se iniciou hoje a escavar o EB26.»

Atendendo às características e materiais recolhidos, este sector parece abranger uma divisão habitacional devido aos vestígios de atividades metalúrgicas. *«Foi também neste sector que apareceram vários fragmentos de peças em vidro de tonalidade verde, bem como fragmentos de pequenos canos em chumbo.»*

Os trabalhos de 1985 traduziram-se na definição das estruturas da face Poente deste núcleo. Com o fim de drenar este sector procedeu-se à retirada de derrubes que se amontoavam sobre os muros.

Após a retirada da primeira camada de pedra e terra *«(...) entrou-se num nível de terra escura com grande abundância de cinzas, onde escória de ferro foi detetada em grande quantidade, conjuntamente com fragmentos de cerâmica que apresentavam sinais de terem sofrido altas temperaturas directamente.»* Infelizmente não refere se estavam junto à zona onde estão as lareiras ou não.

Em 1985 com o alargamento do setor e abertura das quadrículas I25, I26 e I27 é identificado um muro que parece continuar fora da sondagem, quadrícula I26, tal como acontece com os restantes muros do compartimento maior.

Pelas características das estruturas, pela qualidade e quantidade de espólio recolhido e pelas escórias de metal, aparenta ser uma oficina de metalurgia. Apesar de estar documentado o aparecimento de escórias e borra de vidro, ao analisar as escórias depositadas na SACMCV apenas se verificam escórias de metal.

No entanto é importante realçar que este setor não está totalmente escavado, estando em aberto a possível existência deste tipo de estruturas.

Em muitas *villae* - da zona da Bética-, funcionaram *figlinae* ou *ateliers* de produções cerâmicas, associados à produção agrícola, mas também forjas de metalurgia para o aproveitamento de recursos mineiros específicos. O mesmo pode ter acontecido no Mascarro.

Penso que também se pode colocar a hipótese de ser parte de uma cozinha, devido às bases de lareira características deste tipo de divisões associadas a zonas de trabalho de uma *villae*. Recolheram-se cerâmicas domésticas, apesar de não se verificarem restos de fauna. O facto de terem sido recolhidas escórias e restos de trabalho metalúrgico só por si não é um indicador sólido de que este local fosse uma forja.

5.1.4. Sector E

No caderno de campo de 1985 este setor é referido pela primeira vez «*Marcação com o teodolito de um novo setor (setor E) 26 metros a poente do setor B a partir da estaca B do levantamento topográfico. Marcou-se um quadrado de 4mX4m. (...) No setor E junto aos carvalhos, de 4X4m iniciou-se a escavação em xadrez.*»

Seguidamente é referido que foi recolhida cerâmica, apesar de nunca se terem alcançado os níveis de circulação. Este setor é composto por dois muros a formar um ângulo de 90º e não fornece muitos dados de análise.

No entanto, é importante ressaltar que as estruturas se prolongam para Poente, no sentido do caminho-de-ferro e da zona de derrubes e silhares amontoados, uma vez que se situa entre esta zona e as estruturas intervencionadas.

5.1.5. Sector F

Este setor é brevemente referido no caderno de campo de 1984 (1984) da seguinte forma «*Da parte da tarde iniciou-se a escavação dum casa na zona palaciana que ainda mantinha paredes de 2 m de altura. Recolheu-se ai uma moeda romana.*» Esta recolha, entre outras, neste local indica que pode estar sobre construções mais antigas.

Posteriormente, em 1985, volta a ser referido no caderno de campo do arqueólogo responsável, nunca constando dos relatórios de escavação. Os trabalhos aqui levados a cabo compreendem «*(...) a abertura dum novo setor de 4 X 4m junto à casa da mouta de carvalhos, local onde são detetáveis blocos graníticos amontoados e alguns deles afeiçoados.*» Mas este “setor” nunca teve implementada uma rede de quadrículas.

Tem uma forma retangular, com dimensões entre 5,80 m x 4,70 m. A largura das paredes varia entre os 0,55 x 0,60 m.

Esta estrutura positiva, de pedra seca e já sem cobertura, parece assentar sobre outras construções mais antigas e localiza-se relativamente perto da linha de comboio. Aparenta não passar de uma estrutura de apoio às obras, ou seja, uma estrutura contemporânea.

5.2. Materiais

Durante os trabalhos de prospeção, aquando da identificação do sítio, não são mencionados contextos de materiais. Apenas são fotografados e mencionados alguns, e apresentados como achados de superfície – colunas de granito, “vários fragmentos de ladrilho calcinados e vidrados” e moedas romanas coerentes entre o início do século III e os finais do IV, a que se juntam outras visigóticas, de ouro.

Os materiais que atualmente se encontram depositados na SACMCV provêm das três campanhas de escavação arqueológicas decorridas entre 1983 e 1985.

Em primeiro lugar, será importante referir que a coleção de espólio do Mascarro é muito diminuta e não constam peças completas. Contempla bordos e fundos cerâmicos, alguns metais, fragmentos de vidro, cerâmica de construção e alguns elementos arquitetónicos.

Como não se acondicionaram ou registaram os bojos de recipientes cerâmicos, não foi possível fazer as reconstituições de peças. Situação recorrente e que também se verifica noutras escavações contemporâneas, dos anos 80.

Em termos de análise geral dos poucos materiais, estes apresentam características que os encaixam cronologicamente entre os séculos III d.C. e V d.C. São praticamente todos recipientes domésticos, feitos a torno, formas simples e de cozedura redutora.

Uma outra questão que dificulta a interpretação e relação dos materiais com o sítio é o facto da sua recolha e registo não ser feita por unidades estratigráficas. Ou seja, é possível localizar a proveniência da peça no setor através do quadrado, na maioria dos casos, mas impossível perceber o contexto estratigráfico.

5.2.1. Elementos arquitetónicos

No Mascarro, estes indicadores de monumentalidade, resumem-se a elementos em granito e mármore. Maria da Conceição Rodrigues refere dois troncos de coluna, com menos de 1 m, encontrados aquando da prospeção no Mascarro. Já na fase das escavações, nas imediações do Setor B (1983?) foi removida uma coluna (MA211)²⁰ com cerca de um 1,40 m de altura, em mármore. Neste setor foi também recolhida uma base de coluna em mármore (MA212)²¹, que estava embutida numa parede interna de um dos compartimentos do setor B. Existe outra base de coluna de dimensões mais reduzidas e simples, mas desconhece-se o local de proveniência (MA214)²². No setor C foi encontrado o que parece ser uma parte de um pequeno fuste, fraturado (MA213)²³. No ano de 1983 foi também recolhido nas escavações um capitel em granito (MA010). Este elemento é inédito e parece ser um capitel jónico liso de influência toscana, datável do século I d.C. (FERNANDES, 2001). Esta tipologia deriva do perfil do capitel toscano ao qual são acrescentados os balaústres – *pulvini* - laterais. São peças muito simples que indicam a incorporação, ainda que grosseiro e seguindo os princípios decorativos tardo-republicanos, da ordem jónica. Este elemento ou foi levado para o Mascarro ou pode sugerir outras estruturas romanas nas proximidades, como a *pars urbana*.

Estes elementos descontextualizados, por si só, não indicam necessariamente a existência de uma *villa*, mas sim a verticalização de planos ou a existência de pórticos, geralmente associados a um peristilo doméstico; contudo podem estar associados a mais tipos de estruturas como a fachada de um templo, um edifício de *vicus* ou uma *mansio*.

5.2.2. Cerâmica comum e de construção

A cerâmica é um dos fósseis diretores mais representativos dentro da categoria dos elementos móveis. Foram produzidas de forma massiva em todas as cronologias e

²⁰ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA172

²¹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA173

²² Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA176

²³ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA175

facultam-nos dados através das técnicas de fabrico, decorações e coloração da pasta através da ampla gama de formas e tipologias destinadas a satisfazer algumas demandas comerciais.

A cerâmica comum é na maioria composta por fragmentos de cerâmica de cozinha, ou seja, elementos de potes, panelas, tigelas e pratos. Entende-se por potes um recipiente de dimensões superiores à das panelas, mas tipologicamente bastante semelhante, apto a cozinhar. As panelas são vasilhas de corpo globular e boca larga, com uma ou duas asas, também para cozinhar. O púcaro destinava-se a levar pequenas porções de líquidos ou alimentos ao fogo, tem morfologia semelhante à das panelas, mas com dimensões muito menores e uma única asa.

Os pratos são imitações das formas das cerâmicas finas de mesa. Caracterizam-se por ser um recipiente baixo, com abertura larga. As tigelas são recipientes de grande abertura, de lábio horizontal e com bordo voltado para o exterior, e que tal como os pratos e panelas encontram-se em todos os sítios arqueológicos.

A análise genérica das formas, pastas e características morfológicas e de cozedura, indicam as formas acima referidas, com cozeduras redutoras que tornam muitas das pastas escuras e com maus acabamentos. Muitos fragmentos têm marcas de uso no fogo na parte exterior. Estão presentes em todos os setores intervencionados e no setor A, foram recolhidos fragmentos de *dolium*. Alguns com decoração (MA025)²⁴ e MA041²⁵) ou apenas asas destes grandes recipientes.

Fragmentos de ânfora não são muito representativos, sem ser um fundo (MA018)²⁶ recolhido no setor A, que remete para uma ânfora Almagro 51 C, datável entre os séculos III e século V.

Os dois únicos elementos de importação identificados são tardios e permitem traçar cronologias do século III até ao século V d.C.. Um deles corresponde a um fragmento de fundo de prato (MA178)²⁷ em *Terra Sigillata Africana D1 Hayes* com decoração estampilhada, estilo decorativo A (II) motivo 71. Estas produções distinguem-se pelo

²⁴ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA018

²⁵ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA041

²⁶ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA009

²⁷ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA035

fraco domínio das oficinas em enriquecer o engobe, de maneira que após a cozedura se destaque como uma película nitidamente distinta da pasta. O outro fragmento remete para um bordo de prato (MA019)²⁸ de *Terra Sigillata* Hispânica do vale do Ebro, local de conhecidas oficinas de produção hispânica.

Existem dois fragmentos cerâmicos (MA171²⁹ e MA021³⁰), um não identificado e outro correspondente a uma pequena asa, respetivamente. Estes parecem ter cronologias diferentes dos restantes fragmentos. São distintos pelas pastas e pela decoração com a aplicação de cordão plástico, característicos das cerâmicas de século XII, que no entanto, parecem descontextualizadas.

O conjunto de cerâmica de cobertura abrange cerâmica de cobertura e ladrilhos, de coloração bastante alaranjada. Alguns com marcas de pata de canino, aparentemente, ou digitados. A maioria são proveniente do setor B, como indicam os relatórios de escavação de 1983, ano em que este setor foi mais escavado.

Este indicador, junto da dispersão desta tipologia de materiais que se verifica no local, indica não só estruturas mas também estruturas cobertas.

Possivelmente devido ao facto de Maria da Conceição Rodrigues afirmar na Carta Arqueológica (1975, 168) que «*Perto apareceu um fragmento de tijolo que se supõe ter pertencido ao estabelecimento de banhos.*», Pilar dos Reis (2004, 129) inclui o Mascarro na obra *Termas e balnea na Lusitania* apontando «*Se ha registrado un área de concentración de materiales constructivos de época romana en superficie. Fueron realizadas algunas investigaciones arqueológicas en 1972, en una de las cuales se detectó un muro de albañilería construido en opus mixtum asociado con “tijolo fragmentado” (¿ladrillo recortado?) que fue interpretado como perteneciente a un balneario. Posteriormente no han sido realizadas más intervenciones.*»

A autora interpreta como sendo os banhos privados de uma *villae – balnea-*, mas até agora não há indícios que apontem neste sentido.

²⁸ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA010/037

²⁹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA007

³⁰ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA012

5.2.3. Vidros

O vidro é um material cuja manipulação como substância permite um variado conjunto de formas.

A análise de fragmentos vítreos recolhidos no Mascarro aponta para um contexto típico do séc. V, constituído maioritariamente por taças campanuladas de bordo engrossado ao fogo e com decoração de fios brancos aplicados (MA124³¹ e MA127)³². Caracterizam-se por terem a forma de campânula (sino) com a boca para cima e corpo troncocónico (CRUZ, 2009).

Quanto à decoração destas taças campanuladas, pode ser executada a quente ou a frio. As formas lisas e de fios aplicados são as mais comuns, seguidas de formas com caneluras dilatadas. Esta é a “família” de formas abertas Tardo-Romanas por excelência e que aparecem praticamente em todos os sítios tardo-romanos do século IV-VII (CRUZ, 2009); no Mascarro está claramente em maioria.

Distinguem-se por ser recipientes elegantes, funcionais, com linhas simples e cores sóbrias, e que diferem em pequenos detalhes (CRUZ, 2014).

Quanto às formas fechadas, existem pelo menos dois exemplares de jarro/garrafa de bocal afunilado com cordão aplicado (MA227³³ e MA232³⁴). Estes bordos são muito característicos pela presença deste “aplique”, mas é quase impossível dizer qual a forma exata a que pertencem já que o corpo pode assumir muitas formas. Cronologicamente podem corresponder aos finais do séc. III ou V, mas atendendo à cor apontam para finais do séc. IV a meados do V.

Nesta pequena coleção também está presente uma asa de garrafa (MA228³⁵) com corpo quadrangular, soprada em molde, bordo dobrado sobre si, formando dobra oblíqua, gargalo estreito, colo horizontal, base plana com marca em relevo. Como Mário da Cruz (2009) explica, estas garrafas possuem uma enorme variabilidade de tamanhos, espessura do vidro, altura do corpo, acabamento dos bordos e das asas. No entanto, a

³¹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA135

³² Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA139

³³ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA133

³⁴ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA145

³⁵ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA134

cronologia parece apontar para os séculos I d.C. – III d.C., mas existem algumas formas tardias sem marca.

O único pequeno bordo mais fechado (MA133)³⁶ pertence a uma pequena garrafa-balão da primeira metade do séc. V.

Nesta coleção, o elemento vítreo mais difícil de identificar apresenta uma perfuração central e gola tubular (MA126)³⁷. É talvez a forma mais antiga recolhida no Mascarro e parece ser a parte inferior da copa de um cálice, em que o pé partiria da fratura central, ou mesmo de uma lâmpada em forma de sino. No entanto não é comum a moldura/dobra de secção tubular na parede, o que pode indicar tratar-se do pé de uma tigela (RÜTTI, 1991), caracterizado pela gola tubular e característico dos séculos III e IV. Em relação ao pendente-amuleto em forma de jarrinho (MA226)³⁸, é relativamente comum nos séculos IV e V e pertence à produção de adornos de vidro negro. Conhece-se apenas um paralelo desta forma em *Balsa*, (Tavira) (NOLEN, 1994).

No geral, o aparecimento de grandes quantidades de pequenos fragmentos de vidro pode ser sinal da presença de casco de vidro, ou seja, vidro partido guardado para reciclagem. A maioria apresenta marcas de uso.

5.2.4. Elementos metálicos

O espólio de elementos metálicos é constituído quase na totalidade por pregos, cavilhas de ferro e elementos de fixação sem grande distinção (MA142³⁹, MA005⁴⁰, MA006⁴¹), presentes em praticamente todos os setores, ou por grampos em liga de chumbo para remendar cerâmica (MA140⁴² e MA141⁴³), ambos recolhidos no setor C, que se supõe ser uma oficina metalúrgica.

³⁶ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA148

³⁷ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA138

³⁸ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA132

³⁹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA189

⁴⁰ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA191

⁴¹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA192

⁴² Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA186

⁴³ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA187

Destacam-se um pequeno elemento que parece ser parte de um anel decorado (MA218)⁴⁴ e um outro que pode fazer parte de uma pulseira (MA217)⁴⁵.

Alguns simplesmente são de forma e função indeterminada e não se reconhecem por ora semelhantes.

Por fim, um peso em liga de chumbo (MA221)⁴⁶, fabricado a partir de uma folha de chumbo enrolada, de forma esférica. Possivelmente serviriam para fazer peso no fundo de alguns tipos de vestuário⁴⁷.

5.2.5. Ara

O achado deste elemento epigráfico (MA257)⁴⁸ data de 1971 «*Quando alguns operários lavravam o terreno, próximo do local anteriormente descrito, encontraram a parte inferior de uma ara, em granito. [A proprietária] permitiu que a ara fosse transportada para o Museu Arqueológico de Lisboa onde seria fácil a um especialista ler tao complicada inscrição, quase apagada pela erosão. Foi o Dr. Fernando de Almeida que nos forneceu a sua leitura.*» (RODRIGUES, 1975, 168)

Q? SIVNIO

IBROLV

ANI A.L.I

VS

Q(uintus)? Siunio

Ibroluani A(nimo) L(ibens)

V(otum) S(olvit)

⁴⁴ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA183

⁴⁵ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA182

⁴⁶ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA188

⁴⁷ Existem paralelos depositados no MNA, provenientes de Vaiamonte, onde é referida esta utilização.

⁴⁸ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: 2015.13.1 EPI 517 (Nº MNA)

Finaliza com «*Concluimos tratar-se de uma inscrição romana votiva.*» (RODRIGUES, 1975, 169)

No ano de 1984 José d'Encarnação pública *Inscrições romanas do Conventus Pacensis* e “reformula” a leitura desta inscrição. Descreve-a como sendo «*Metade inferior dum ara votiva em granito de grão fino, trabalhada nas quatro faces. Moldura constituída por um filete reverso seguido de dois toros. Face inferior alisada. O texto teria, pelo menos, uma linha mais, em cima, de cujas letras restam vestígios. As linhas parecem imbricar-se umas nas outras, e todos os caracteres estão tao mal desenhados e gravados que se torna difícil tomar qualquer opção minimamente documentada. De qualquer forma, afigura-se provável a restituição da fórmula votiva final, com as duas letras já na moldura.*» (ENCARNAÇÃO, 1984, 675)

Leitura e interpretação do autor:

[...] / [VS?] IVNII / IQALV [?] / ARI (?) A(nimo) L(ibens) V(otum) S(olvit)

... cumpriu de boa vontade a promessa.

A epígrafe de Mascarro é uma ara votiva que André Carneiro interpreta inicialmente como sendo proveniente de um *lararium* doméstico, mas posteriormente situa-a num templo situado no eventual *fundus*. Sobre esta afirma ainda ser «*Dedicada a uma divindade inominada, o que indica a inclusão em estrutura cultural própria, tem o aspecto mais interessante no contraste entre o cuidado suporte pétreo, irrepreensivelmente esculpido, e a fruste gravação, desalinhada e imperfeitamente desenhada, o que mostra que a peça foi comprada algures e gravada no local por indicação do proprietário.*» (CARNEIRO, 2014, 130)

5.2.6. Numismática

O conjunto de numismas do Mascarro é composto por dezanove moedas, sendo que duas são visigóticas. As restantes, romanas, são um conjunto bastante homogéneo ao nível das ligas metálicas e em termos de cronologias, coerente no século IV.

No entanto, apesar de a numismática ser uma das formas mais usuais para datar um sítio arqueológico, só por si não valida cronologicamente pois pode haver setores mais antigos do que outros, situações de perda fortuita e casos de colecionismo; neste caso concreto a análise recai sobre moedas recolhidas, praticamente todas, no setor A.

MA194⁴⁹ - *Nummus*, Teodora, tipo *Pietas Romana*, casa da moeda indeterminada, 337-340.

MA195⁵⁰ - *Nummus*, Constâncio II (César) (?), tipo *Gloria Exercitus* (1 estandarte), casa da moeda indeterminada, 335-337.

MA196⁵¹ – *AE2*, Magnêncio, tipo *Victoria Aug Lib Romanor* (Imperador segurando globo encimado por águia e calcando prisioneiro inclinado para a frente), Roma (A - //R.F.P), 350.

MA197⁵²- *Nummus*, Séries urbanas (*Vrbs Roma*), tipo *Gloria Exercitus* (1 estandarte), Constantinopla, 336-Primavera 340.

MA198⁵³ - *Nummus*, Constâncio II (César), tipo *Gloria Exercitus* (1 estandarte), Arles (*chiro*//?CONST), 335-337.

MA199⁵⁴ - *AE4*, Juliano (César), tipo *Spes Reipublice*, Constantinopla (- -//CONS?), 355-361.

MA200⁵⁵ – *Nummus*, Constâncio II ou Constante, tipo *Victoriae dd augg q nn*, Arles (G//PARL), 347-348.

MA201⁵⁶ – *AE3*, Constâncio II, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361.

MA202⁵⁷ - *AE3*, Constâncio II, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), Arles (D - //SCON), 353-355.

⁴⁹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA155

⁵⁰ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA156

⁵¹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA157

⁵² Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA158

⁵³ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA159

⁵⁴ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA160

⁵⁵ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA161

⁵⁶ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA162

⁵⁷ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA163

- MA203⁵⁸ – Imperador, tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.
- MA204⁵⁹ – AE3, Constâncio II, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361
- MA205⁶⁰ - Imperador, tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.
- MA206⁶¹ - AE3, Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361.
- MA207⁶² - AE3, Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), Casa da moeda indeterminada, 351-361.
- MA208⁶³ – *Nummus*, Imperador indeterminado, tipo *Gloria Exercitus* (1 estandarte) ou *Victoriae dd augg q nn*, casa da moeda indeterminada, 335-348 .
- MA209⁶⁴ - Imperador e tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.
- MA210⁶⁵ - AE3, Constâncio II, tipo *Fel Temp Reparatio* (Cavaleiro derrubado), Cízico (*•M• -//SMK[...]*), 355-361.

No Mascarro foram recolhidas duas moedas de ouro (MA260 e MA261), trientes visigóticos do século VII, que levaram à identificação do sítio.

Fernando de Almeida (1971,224) publica um deles «*O último triente desta série, é de Égica (687-702); foi batido em Toledo. Apareceu no Mascarro, herdade situada no concelho de Castelo de Vide e pertence a Eleutério Transmontano. Não temos outros dados sobre o achamento do numisma.*»

Sobre este numisma refere que em parte está fendido e falta-lhe um pedaço da orla e descreve-o da seguinte forma:

«*Peso actual – 1,3 gr., o que não pode corresponder ao peso original da moeda, por lhe faltar o fragmento já referido.*

⁵⁸ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA164

⁵⁹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA165

⁶⁰ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA166

⁶¹ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA167

⁶² Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA168

⁶³ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA169

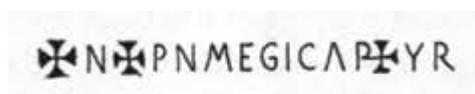
⁶⁴ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA170

⁶⁵ Remete para Anexo III – Tabela de Inventário: MA171

Anverso – Busto de perfil, à direita; o antebraço direito dirige-se para o ceptro, que a mão muito estilizada segura; o ceptro é rematado em cima por uma cruz patada e está ligeiramente inclinado para diante. Neste a cruz e a coroa do rei, uma figura que não tem sido classificada: talvez uma flor, ou uma pomba.

O busto é do tipo 2gg, de Miles.

Legenda



Desenvolvida, lê-se:

(I)n XP (monograma de Chistus, em grego) n(o)m(ine) Egica r(e)x Vi(cto)r.»

Este autor interpreta o epíteto *Victor* relacionado com a vitória do rei sobre Siseberto, de Toledo, facto que aconteceu no seu reinado. Um dado importante sobre esta moeda é que «O uso do monograma grego para designar Cristo, numa moeda visigótica, num reino latinizado, é mais um exemplo da influencia bizantina no ocidente, não só neste campo da igreja (não esqueçamos os bispos e outros sacerdotes «gregos»), como no da arte, do direito, do comercio, dos costumes, etc.»

«Reverso:



A cruz sobre três degraus, tudo dentro do circulo de triângulos junto à orla, formando como que uma corda.

Legenda -



Pela descrição que acabamos de fazer, incluímos este triente no nº436, do Corpus de Miles.»

Termina afirmando que neste local apareceu outro triente na mesma área, mas estava em muito mau estado de conservação.

Maria da Conceição (1975, 167) refere, sobre estas moedas, que *«Tivemos conhecimento, através do viticastroense Sr. António Marcelino Gordo que tinha sido oferecido a seu pai uma moeda de ouro visigótica encontrada na herdade do Mascarro (...) Imediatamente pensamos visitar o local.»* Acrescenta que *«Depois de percorrermos uma área de cerca de 6 000 m² no local onde a moeda tinha sido encontrada constatamos, pelos numerosos fragmentos de tegulae, imbrices, dolias, alinhamentos de paredes e fragmentos de colunas de granito, (...)»* e confirmou estar na presença de um sítio arqueológico.

5.2.7. Contrapeso

O contrapeso é um dos poucos vestígios relacionados com a produção de azeite que subsiste. No Monte do Mascarro registam-se dois contrapesos (MA258 e MA259) de granito fraturados a meio, em ambos os casos, e fora de contexto⁶⁶.

Estes são de tipo 12 na classificação de J.P. Brun, muito comum na Hispânia⁶⁷, e neste caso em particular, os contrapesos apontam para uma prensa de parafuso. *«Morfológicamente, los contrapesos pueden ser cilíndricos o paralelepípedos y, aunque su forma no es determinante del tipo de prensa accionada, existe una clara tendencia a utilizar piezas paralelepípedas en las prensas de torno y cilíndricas en las de tornillo.»*

O facto de aparecerem dois contrapesos pode indiciar que existiriam duas prensas mecânicas, que poderiam funcionar em simultâneo ou em alternado.

No concelho são conhecidos vários locais onde se identificaram contrapesos deste género, apesar de Yolanda Peña Cervantes fazer referência a apenas dois contrapesos existentes no concelho de Castelo de Vide, na Tapada da Figueira *«(...) localiza en superficie fragmentos de material laterício, cerâmicas romanas y un contrapeso*

⁶⁶ *«En el caso de los contrapesos cilíndricos la mayor parte han sido localizados fuera de contexto arqueológico y son muchas las carencias de información sobre las piezas publicadas.»* (CERVANTES, 2010, 72)

⁶⁷ *«En Hispania nos encontramos con un uso abundante del contrapeso cilíndrico dotado de encajes de cola de milano en su lateral y de perforación longitudinal central en su parte superior (tipo 12)»* (PEÑA CERVANTES, 2012, 45)

cilíndrico de granito de 1 metro de diâmetro por 89 centímetros de altura.» (2010b, 998) e no vale da Manceba, ambos já referidos por Maria da Conceição Rodrigues. Nas imediações do Mascarro existem vários sítios identificados através destes vestígios.⁶⁸

6. Ocupação romana, reocupação tardia

A Antiguidade Tardia caracteriza-se por ser um período de transição entre o fim do mundo romano e a designada Idade Média, balizado entre os finais do século III ao início do século VIII. Ou seja, quando os muçulmanos chegaram à Península Ibérica, encontraram um território cuja base era a herança romana mas com algumas variações introduzidas pela Igreja, e não só, como a divisão territorial e administrativa.

A passagem e instalação dos povos germânicos do decorrer do século V não perturbou assim tão profundamente esta realidade.

No entanto, não deixa de ser uma época de continuidades marcada por algumas mudanças, particularmente em termos de povoamento rural, usos da terra e produções agrícolas em várias regiões (GREIN, 2009).

A Antiguidade Tardia *«(...) deve ser compreendida a partir da continuidade dos elementos institucionais do Mundo Clássico e das profundas transformações que, agregadas à cultura germana, particularmente, produziram um novo quadro político social para a época e, além das formatações de um mundo novo, viria ela própria a ser o berço da Europa Medieval.»* (GREIN, 2009, 109). Um momento de mudança no Ocidente verificou-se no século V, ligado à crise das invasões e divisões do império ocidental. Neste contexto os “aristocratas” locais deixaram de se interessar em recolher ou pagar impostos, pois as novas estruturas políticas germânicas não eram mais dependentes de tributação (WICKHAM, 2005, 60).⁶⁹

⁶⁸ Ver capítulo 7. Pontos de Povoamento

⁶⁹ «Second, I posited that the moment of change in the West was above all in the fifth century: that, in the crisis of the invasions and divisions of the western empire, local aristocracies ceased to become interested in collecting—or paying—tax that was not any longer funding successful military defence, and instead adapted to new Germanic political structures that were no longer dependent on taxation: ‘it is because the tax-raising mechanisms of the empire were already failing that the Germanic armies ended up on the land.» (WICKHAM, 2005, 60)

Apesar de ser difícil perceber os ritmos deste processo, parece óbvio que o Cristianismo teve mais efeito no percurso final das *villae* do que outros elementos considerados como decisivos, em especial as invasões bárbaras.

Afinal de contas o Império era católico quando ruiu, e os cronistas cristãos do Ocidente precisavam confrontar o problema de que a sua civilização parecia destinada à ruína, exatamente no momento em que a Igreja suplantava os cultos politeístas pagãos.⁷⁰

Em termos paisagísticos, as dinâmicas internas das sociedades alteram-se e uma das decisivas transformações será a progressiva concentração fundiária, que as fontes referem. Entre os séculos V e VI verifica-se a falta de povoados rurais, o que levou a crer que deve ter havido neste intervalo de tempo um êxodo dramático da zona rural, abandono de grandes extensões de terras e reflorestação. Mas a arqueologia tem vindo a mostrar que a aparente falta de “construções” rurais deve-se à baixa visibilidade arqueológica (CHAVARRÍA, 2004).

Tamara Lewit (2009) indica para o século V e VI consideráveis mudanças de intensidade, orientação e tipo de uso da terra em várias regiões. Sobretudo porque a produção rural destes séculos parece ter sido caracterizada pela variação regional e micro regional, em contraste com as práticas produtivas direcionada para o mercado de Estado organizado, o exército e os impostos.

Os contactos económicos, políticos, imperiais tornam-se menos importantes, verifica-se uma considerável diminuição da importância das exposições culturais de estilo Imperial.

O século IV é marcado na generalidade por uma fase de esplendor arquitetónico juntamente com o desenvolvimento de importantes atividades produtivas, que a arqueologia começa agora a documentar (GIL, DIAZ, 1999). Em geral, os sectores residências das *villae* romanas na *Hispania* estiveram em uso até ao século V. A partir desse momento a *pars urbana* começou a sofrer transformações arquitetónicas significativas que parecem implicar uma mudança na sua função e perda do *status* residencial.

⁷⁰ «A apologia da religião crista necessitava da desvinculação entre o enfraquecimento do poderio romano e a cristianização do Império.» (SARTIN, 2009)

O fim do Império e o surgimento do Cristianismo devolveu à *villa* a vocação rústica e campestre, que era no fundo a que os *agrónomos* clássicos tanto exaltaram nos textos latinos.

Este tipo de construção constitui o aspeto mais “vistoso” do território, numa paisagem marcada por uma organização muito mais estruturada e complexa do que se pensava (BROGIOLO, CHAVARRÍA, 2008). No entanto, também não se sabe ao certo o que aconteceu nos outros locais que constituíam esta organização territorial.

Na Antiguidade Tardia as zonas residenciais foram usadas para outros fins, como agrícolas e industriais. Lagares, armazéns, lareiras, fornos de cerâmica e trabalho de ferro e cisternas foram instaladas nos quartos anteriormente decorativos (LEWIT, 2009). «*Um estilo de construção completamente diferente foi usada, empregando materiais efémeros (geralmente de madeira, terra e estuque), estruturas de pós-buracos (muitas vezes grandes), e técnicas de construção mais irregulares.*» (LEWIT, 2009, 83) ou simplesmente as construções de pedra foram deliberadamente demolidas para dar lugar a estruturas de madeira.

O tipo de apropriação característica do século V ao século VII foi a de pequena aldeia de madeira com algumas casas e edifícios de trabalho, que se assumem como sendo mais importantes nesta fase (LEWIT, 2009).

Os traçados das vias sofrem remodelações e entramos num período caracterizado pela procura de segurança atrás de recintos murados, ou a eleição de outros sítios diferentes das *villae*. Parece claro que algumas destas *villae* poderão continuar como centros de residência senhorial durante o século V e é possível que, em alguns casos, esta ocupação senhorial se tenha prolongado pelos séculos VI e VII.

Devido ao clima de instabilidade e insegurança, ocorre o fenómeno de concentração de propriedade em torno dos mais poderosos, capazes de organizar e oferecer proteção. Os centros menos protegidos, ou marginais, foram completamente abandonados tal como ocorre com as *villae* circundantes.

Nas cidades, como *Ammaia*, parece ter acontecido o mesmo. A cidade esvazia-se, obrigando as pessoas a procurar outras formas de subsistir, em novas realidades sem artefactos e de difícil análise. Começam a surgir os “povoados escondidos”, localizados

não em topos, mas em recantos escondidos na paisagem. As características procuradas para habitar também mudam, derivados de outros valores que se perdem.

A denominada tríade mediterrânica continua a ser a base da economia agrícola hispânica (CHAVARRÍA, 2007). Em termos de produção agrícola verifica-se a difusão da tecnologia do parafuso, nos lagares de azeite, como se verifica no Mascarro. Pode interpretar-se como revelador de duas coisas: o crescimento da produção e o aumento da área de cultivo. O crescimento da produção, pela construção de novas prensas que é em si uma prova importante da produção em escala comercial; e um aumento da área de cultivo; porque o uso desta tecnologia reflete a entrada em cultivo de terras marginais e ocupação de novas áreas, o que levou à criação de novas instalações.

No século V e VI no Leste do Mediterrâneo podemos distinguir uma série de mudanças nas práticas agrícolas interligadas como a ocupação de novas áreas, aumento da produção comercial especializada, nomeadamente de azeite e vinho; e uma dispersão significativa de uma tecnologia específica adequada para a produção.

No Mascarro a Antiguidade tardia vislumbra-se através das estruturas e dos materiais. O mesmo certamente aconteceu em *Ammaia*, apesar de não existirem dados suficientes para perceber os momentos de continuidade e de abandono.

Em geral, este novo modo de povoamento mostra não uma violência da barbarização ou insegurança das comunidades rurais, mas reflete a procura de novos modelos económicos e a opção de uma exploração de base agro-pastoril muito ampla e distinta do modelo fundiário das *villae*. Esta ruralidade deriva da busca por novos nichos de subsistência e colonização de terrenos marginais. Não se sabe ao certo o que se passou dentro da cidade, mas acaba por ser também uma região que “sobrevive” ao final do Império com uma reconversão do modelo fundiário em povoados comunitários ocultos na paisagem, escondidos nas curvas de nível propiciadas pela Serra de S. Mamede.

7. Pontos de povoamento

7.1. Santo Amarinho

Pequeno povoado que apresenta alinhamentos e alguns blocos afeiçoados, «(...) foi-nos dito que perto do chafurdão terá havido uma ocupação habitacional de época romana, pelo que a suposta necrópole romana deverá estar mais afastada deste sítio.» (WÖLFRAM, 2011, 30) Nas imediações existe uma necrópole medieval constituída por um conjunto de dezasseis sepulturas de lajes e três escavadas na rocha (PRATA, 2012). Foi recolhida uma ara em formato de paralelepípedo de granito. Pela tipologia de letra, atribui-se à segunda metade do século I d.C. e pode haver relação com o sítio do Mascarro, que dista cerca de 1,5km para oeste.

José d'Encarnação (1984) publica esta ara afirmando «(...) a face dorsal apresenta dois grandes sulcos longitudinais paralelos (...) há também uma cavidade rectangular feita decerto para reutilização, que levou a metade superior das três últimas letras.»

G(aius) · DOMI/TIVS · / MVSTA/RI · F (ilius) · CL Y[niensis) · / 5 AN [norum) ·
XXX/III [trium et triginta) / H(ic) · S\itus) · E(sJ) ·

Aqui jaz Gaio Domicio Cluniense, filho de Mustario (?), de trinta e tres anos.

A necrópole é um «Conjunto de dezasseis sepulturas em caixas formadas por lajes de granito. Atribuídas genericamente à “época medieval”, deverão datar do século VI ou VII. Escasso espólio, sobretudo com bilhas feitas a torno lento e menção a uma fíbula. Na encosta em frente existe a menção a uma antiga ermida.» (CARNEIRO, 2011, 96)

7.2. Tapada do Ribeiro de Carvalho – Machoquinho

Este local é referenciado por Maria da Conceição Rodrigues (1975), que efetuou neste local uma escavação em 1971. Aqui identificou vestígios à superfície, como *tegulae*, *imbrices*, pesos de tear e fragmentos de *dolia*, que classificou como sendo romanos. Este local dista cerca de 700 m para Norte da Tapada da Pedreira podendo haver uma relação entre estes sítios.

Em 1982 este sítio foi escavado pelo Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, e foram expostos alinhamentos de muros compatíveis com um celeiro.

7.3. Vale da Bexiga VI

Maria da Conceição Rodrigues atribuiu a este local uma cronologia dos séculos III-IV d.C. aquando da prospeção. Mas não se sabe em que critérios ou vestígios se baseou para o fazer, nem onde se encontram os materiais recolhidos.

Foi escavado em 1982 pelo GACV e os trabalhos ocorreram essencialmente numa necrópole de quatro sepultas de laje e nas estruturas em torno destas. Estas inumações estavam orientadas nascente-poente (PRATA, 2012, 30). No entanto, apenas uma pequena parcela foi intervencionada e sobre estes André Carneiro aponta «*A análise das fotografias então realizadas permite perceber que a intenção inicial seria avaliar o estado de preservação de sepulturas que teriam sido identificadas, mas como estas se encontravam em meio ao edificado, foram abertas algumas valas, seguindo o traçado desses mesmos muros.*» Foram exumadas colunas e bases de coluna, havendo entre elas um colunelo trabalhado, cujo tipo de motivos sugerem eventualmente uma cronologia pelos séculos IV-V. Presentemente é impossível obter qualquer conclusão em relação à ocupação do sítio anteriormente escavado, porque em 1986 todo ele foi arrasado por máquinas, a fim de preparar o terreno para os trabalhos agrícolas.

Em termos de implantação, o sítio encontra-se em plataforma de declive suave para sul, com excelente enquadramento paisagístico, dominando uma linha de água e um conjunto de boas várzeas agrícolas; quanto aos materiais de superfície, aparecem imbrices, tégulas e tijoleiras de grão fino e tom vermelho-claro.

Poderá eventualmente existir um mausoléu e nas imediações existe uma ermida.

Sobre este sítio André Carneiro (2011, 90) conclui «*Em resumo, trata-se claramente de uma villa dedicada à exploração dos férteis terrenos da envolvente. O padrão de implantação e os dados de terreno apoiam esta leitura.*»

Mas também aponta questões pertinentes sobre este sítio «*Torna-se no entanto fundamental perceber melhor o que aqui se passa no final do Império: teremos a invasão do espaço residencial feita por uma necrópole, estruturada em torno de uma basílica ou*

mausoléu reconfigurando o anterior local de habitação? Ou a intervenção arqueológica incidiu sobre uma área periférica, ou até individualizada e não-romana, distante da pars urbana? E de que modo decorreu a transferência da carga sacra deste local para Sr.ª das Virtudes, local que provavelmente corresponde a uma kuba islâmica cristianizada?»

7.4. Tapada Cruzes Lameira

Local com dispersão de cerâmica. Situa-se junto a uma potencial via que partia de *Ammaia*. Fica relativamente perto do início da calçada do Mascarro, que fazia antigamente o acesso ao monte.

7.5. Tapada da Pedreira

Local com vestígios materiais e de eventual exploração de pedreira. Entre os materiais, destaque para o achado de uma coluna de granito.

A autora da *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide* refere que é uma área de grande dispersão de cerâmica de construção, cerâmica comum e blocos de pedra. A 60 cm de profundidade identificou-se um pavimento de lajes de granito, tendo sido recolhida grande quantidade de cerâmica, vidros e um peso de tear. Conclui que aqui existia uma *villa* romana, onde a coluna de grandes dimensões pode ser um indicador de monumentalidade.

7.6. Tapada do Laranjo

Neste sítio inédito são reconhecidas ruínas de construções, silhares e cerâmica dispersa. Estes elementos estão principalmente numa zona que aparenta formar uma plataforma artificial. Vislumbram-se ainda alguns alinhamentos com algumas pedras afeiçoadas. O sítio está implantado numa encosta virado a Este da ribeira do Alcogulo.

7.7. Cangão

Carateriza-se por uma mancha de cerâmica comum e de construção, nas proximidades de Santo Amarinho.

Alguns vestígios de construções, foram reaproveitados nos tempos modernos.

Também outros locais foram identificados, nas imediações do Mascarro, através de prospeção de superfície e recolha de alguns materiais como telhas, fragmentos de *dolia* ou da existência de silhares afeiçoados.

Além dos sítios anteriormente referidos, podem reconhecer-se duas manchas principais de materiais cerâmicos e estruturas. Correspondem principalmente aos “conjuntos” designadas por Vale da Manceba – Vale Silvano e Tapada de Matos – Vale da Bexiga. Estes dois conjuntos arqueológicos, próximos de linhas de água e de acessos, são compostos por estruturas e manchas de dispersão, onde alguma cerâmica foi recolhida. São visíveis alinhamentos de muros, pesos de lagar e de tear, bem como blocos graníticos.

Estes sítios são identificados pelo micro-topónimo e registo cadastral, como o Vale Cogulo, Tapada da Ribeira do Alkogulo, Codeco, Curral do Vale Silvano, Monte do Vale Silvano, Tapada da Mesa e Vale da Manceba. Também relativamente perto do Mascarro, destaque para o Vale Serrão onde foi identificado um capitel de influência toscana muito semelhante ao que foi recolhido no Mascarro. No Relatório de Levantamento Histórico – Arqueológico da zona do Vale Serrão – Alcaide (1994) é referido «*Este elemento arquitetónico apresenta características que apontam para uma classificação cronológica correspondente ao período romano ou tardo-romano. Pensamos que tem proveniência da estação arqueológica do mascarro (a 25 km MNO) e foi colocada na fonte onde atualmente se encontra como elemento decorativo.*»

Para estes sítios, voltam a subsistir as questões em termos de terminologia e sem dados retirados de intervenções arqueológicas; muitos vão certamente continuar sem resposta.

Numa visão mais geral, no concelho já foram identificados e publicados, alguns pontos de cronologia romana como a *villa* romana dos Mosteiros, o paredão da barragem da

Tapada Grande - Meada, os vestígios concentrados do Vale do Cano ou até o sítio da Colegiada, onde foi recolhida uma ara. Na vasta zona da Meada também se identificaram vestígios diversos em termos estruturais e elementos móveis.

Apesar de, espacialmente, ficarem distantes do Mascarro, não deixam de ser relevantes para esta investigação e para o estudo da rede de povoamento antiga.

Conclusão

O território em análise foi ocupado ao longo do tempo de várias maneiras, com unidades de povoamento bem diferenciadas. Uma realidade que ainda é difícil de conjeturar e de compreender na íntegra, pois apenas recentemente a investigação se preocupou em retificar as diferenças existentes dentro desta multiplicidade.

Durante o Império Romano e ao longo da Antiguidade Tardia, distinguem-se diferentes formas de ocupar e marcar a paisagem, catalogadas e hierarquizadas numa diversidade de arquiteturas e de concepções finais que ainda hoje não se consegue de todo conciliar. Aqui começa a problemática da terminologia que a epigrafia, as fontes e a arqueologia ainda não conseguiram compatibilizar e para a qual estudos como este são importantes, uma vez que é incontestável que os romanos introduziram alterações de vulto na paisagem e ordenamento territorial da Lusitânia, conduzindo a uma nova interpretação do espaço, dos recursos e do povoamento.

O povoamento rural romano no concelho de Castelo de Vide direciona-se a partir da implementação de uma estrutura articulada em torno de propriedades que provêm à exploração dos recursos que o território tinha para oferecer em meio rural. Neste

sentido, as *villae* serão um elemento estruturante mas que enquanto paradigma vivencial expira nos finais do século V ou durante a sexta centúria, mantendo-se alguns focos de permanência em situações esporádicas - *squatter occupation* -, mas que nada têm a ver com a ocupação e conceito inicial de exploração do *fundus*.

É para a identificação dos espaços de monumentalidade e na busca pela riqueza destes espaços que o arqueólogo tem dirigido quase em exclusivo o seu interesse, em detrimento do lado *rustico*, sobre o qual pouco ou nada se sabe. Por isso não existem tantos dados disponíveis como se desejava, apesar da região em questão contar com uma das maiores concentrações arqueológicas hispânicas de *villae* com complexos industriais importantes, como Torre de Palma, S. Cucufate, Torre Águila, ou urbanas, como as de *Emerita Augusta*.

Devido aos poucos estudos de estruturas semelhantes os exemplos comparativos são um pouco dispersos e na maioria da bibliografia, estas estruturas funcionais, estão associadas às *villae* romanas.

Nas agendas atuais estas estruturas de produção e exploração agrícola começam a ganhar alguma relevância e escavações nestes locais podem de futuro propor estratigrafias que permitam um melhor entendimento arquitetónico e funcional.

O sítio do Mascarro foi identificado em prospeção e intervencionada uma pequena parte, que forneceu dados de forma a ser considerado um sítio relevante no panorama regional. No entanto foi uma escavação feita nos anos 80, em que nenhuma peça está devidamente coordenada ou registada por unidades estratigráficas.

Ainda assim, os relatórios de escavação e cadernos de campo, foi de onde se extraiu mais informações, apesar das limitações já anteriormente referidas. Nestes verifica-se uma grande diferença em termos de coordenação dos trabalhos de campo, principalmente em termos de sistematização. O relatório de campo de 1984 refere acima de tudo marcação de quadrículas, limpeza dos setores e escavação em profundidade dos mesmos. Enquanto no ano de 1985, com o campo de escavação mais organizado segundo uma lógica de escavação, remete para as descobertas e registo de materiais.

Para o estudo e contextualização destas estruturas, recorri a bibliografia estrangeira por ser mais recente, atualizada e fornecer mais dados sobre as questões rurais romanas.

Após as leituras e reunião de todos os dados sobre este sítio, a interpretação generalista das estruturas é de que o setor A corresponde a parte de um *torcularium*, o setor C parece indicar uma oficina de trabalho de metal e o setor D compartimentos domésticos, provavelmente com dois momentos de ocupação evidentes. O setor E não fornece dados suficientes sobre o que poderia ter sido e o setor F é diferente dos restantes e requer outro tipo de análise.

O setor A é aquele que desperta mais interesse devido ao facto de ser composto por um conjunto de tanques utilizados para a decantação de azeite. É ainda mais interessante pelo facto da estrutura retangular central em *opus signinum* estar ao nível dos muros e não abaixo dos níveis de circulação, como acontece noutros locais. Levanta questões pertinentes de interpretação da estrutura num todo que por agora são impossíveis de responder, uma vez que os muros deste setor têm continuidade praticamente para todos os lados. O facto de haver dois pesos de lagar relativamente perto dos setores reforça esta ideia.

O azeite era um bem de extrema importância para os romanos, dado que era usado para iluminação, alimentação, higiene pessoal e outros fins nos quais a exploração do *fundus* assumia um valor primordial. Este tipo de estrutura é sempre associado às *villae* romanas, mas considero que estaria sempre presente no meio rural com um tamanho proporcional ao tamanho do meio de produção e aos níveis de consumo.

No setor C, por outro lado, a recolha de escórias em grande quantidade e as lareiras identificadas parecem apontar para um espaço de transformação de metal, que tal como o anterior precisa ser intervencionado arqueologicamente para mais dados serem reunidos aos já existentes.

Quanto ao setor B/D, é constituído por compartimentos habitacionais e pela análise da construção aparenta ter um aparelho construtivo diferente dos setores A e C, claramente romanos. As estruturas adossadas aos muros reforçam a componente habitacional desta estrutura ao constituírem pequenos tanques domésticos. Mas, é de realçar que pela análise das plantas respeitantes a este setor, feitas apenas em 1984, este setor não está escavado na totalidade.

O setor F foi intervencionado com o objetivo de perceber se tinham sido reutilizados materiais ou construções romanas nos alicerces. Contudo forneceu dados interessantes

uma vez que se recolheram, neste modesto compartimento, materiais cerâmicos e de construção, um fragmento de vidro e metais. Esta quantidade de materiais pode indicar a existência de estruturas mais antigas a servir de alicerce e que possivelmente foram bastante danificadas pela construção da linha caminho-de-ferro, que se encontra a uns metros.

Os materiais fornecem vários dados importantes, ainda que sejam estudados muito genericamente do ponto de vista cronológico, auxiliando na leitura das realidades do Mascarro. São tidos como mais uma componente deste estudo, ainda que o registo de campo tenha algumas lacunas que complicaram a localização da totalidade dos materiais na escavação.

Algumas fichas de campo indicam sumariamente o setor B mas nunca os quadrados. Este setor foi intervencionado principalmente no ano 1983, ano em que as fichas quase não têm informação de proveniência.

Verificam-se dois factos curiosos sobre este setor: é o setor onde se reconheceram mais elementos arquitetónicos e de fixação, e o setor com pouca potência de solo, daí só ter sido escavado na campanha de 1984 e limpo na campanha de 1985.

Os materiais que tinham indicação da proveniência na ficha tentei localizá-los dentro das respetivas quadrículas, levando-me a concluir que a distribuição dos fragmentos é um pouco atípica. No setor A, 1984, os materiais estão todos dispostos nos quadrados J6, I6, J8 e I8. No entanto como esta estrutura se destina à produção de azeite, pode dever-se a esse facto. No setor C, no mesmo ano, já se verifica mais dispersão de fragmentos, e estes são mais diversificados, variando desde cerâmica comum a metais, vidro e escórias.

O setor F forneceu mais materiais do que o setor E, mas o facto de não ter uma quadrícula estipulada, desenhos, planta ou alçado, não ajuda na integração espacial dos fragmentos.

Os dados dos numismas também indicam apenas recolha no ano de 1985, quase exclusivamente no setor A. Existe referência a moedas recolhidas noutras campanhas, mas que estranhamente não fazem parte do inventário da SACMCV.

Em resumo, é um conjunto de materiais relativamente reduzido para três campanhas de escavação, composto na grande maioria por bordos e fundos, poucos bojós e

consequentemente permitiu poucas reconstituições. No entanto, bastante diversificado em termos de tipologias e coerente em termos de cronologias que parecem variar entre os séculos III e V d.C.. Demonstram uma ocupação contínua, apesar de não se saber ao certo o momento de abandono, mas poderia ter ocorrido ao longo do século V ou VI.

Existe um ou outro elemento que difere, como o capitel de granito ou fragmentos de cerâmica que já não se enquadram com a Antiguidade Tardia.

No geral são materiais ligados às atividades agrícolas, tardios, com maus acabamentos, que não demonstram grande ostentação como é característico deste tipo de locais.

Analisando todos os dados conhecidos e anteriormente expostos, este sítio encaixa na tipificação de *pars rustica* de uma *villa* romana que continuou a ser ocupada tardiamente.

No entanto, a envolvente, a capacidade dos solos e alguns dos materiais parecem contrariar esta ideia, parecendo encaixar na categoria de casal ou granja, também conhecidos como “*villae* de segunda ordem” onde os solos se caracterizam por ser esqueléticos. E se se trata de uma *villa*, onde se localiza a *pars urbana*? Na envolvente dos setores já escavados não se verifica e junto ao atual monte, como anteriormente indicado, não são visíveis quaisquer indicadores, como alinhamentos ou vestígios materiais.

Com uma intervenção arqueológica metodologicamente bem organizada seria possível responder a estas e outras questões.

Na zona onde foi escavado o setor F existe uma vasta mancha de derrubes que se torna difícil de compreender no meio de tanta pedra solta num elevado grau de destruição. É entre estes derrubes os setores escavados que se encontra o setor E, onde foram recolhidos materiais romanos. Este pode ser um indicador de que as estruturas murais continuam para lá do caminho-de-ferro (para quem se posiciona no “núcleo principal”), que aparenta ter afetado bastante aquela zona, talvez irreparavelmente. Nos trabalhos de prospeção de superfície, a batida de terreno permitiu identificar alguns vestígios do outro lado da linha do caminho-de-ferro que são em absoluto a continuação dos vestígios ocupacionais.

Assim a leitura dos dados existentes torna-se complexa. De forma a tentar colmatar e ultrapassar estas vicissitudes, uma equipa do departamento de Física da Universidade

de Évora levou a cabo a aplicação de métodos não invasivos de prospeção de superfície aplicada à arqueologia – Geo-radar e Magnetómetro -, com a finalidade de compreender a relação entre as eventuais estruturas arqueológicas já intervencionadas e o contexto envolvente. Uma experiência pioneira no concelho, cujos resultados ajudaram a compreender a dispersão de estruturas junto aos setores.

O fim das campanhas arqueológicas deveu-se ao facto de ter sido considerado um sítio com pouca relevância arqueológica e turística. Mas à luz de novos dados o potencial pode ser outro, agora que se olhou com outros olhos, mais distanciados, com outros objetivos e outros meios. Interpretou-se a partir de um novo ponto de vista ao recorrer a tecnologias, que não existiam na altura, como a Geofísica. Aquando das escavações possivelmente procurava-se outro tipo de “valores” monumentais e arquitetónicos, próprios da altura e que, como já foi referido, não se encontram por ora no Mascarro. Este seria um local passível e interessante de se conhecer melhor devido ao facto de, ser dos poucos locais no Norte Alentejo, que ostentam antigas estruturas de transformação de produtos.

Mais uma vez, a dúvida subsiste em como classificar o Mascarro. Pode de facto ser uma *villae* ou uma granja. Mas as diferenças entre uma pequena *villa* e uma grande granja, ou entre um grande casal e uma pequena granja, são muito ténues. A análise da envolvente, de determinados elementos arquitetónicos, do *torcularium* levam a acreditar que seria mais um sítio romano de caráter monumental.

Mas os solos fracos e os recipientes domésticos mostram uma cultura pobre em que nenhum elemento nas imediações contradiz, de forma a perceber a tipologia habitacional.

Em jeito de conclusão, foram analisadas devidamente todas as informações reunidas. Este estudo trouxe novos dados, dentro das limitações descritas, como a ara do Mascarro que sendo votiva pode indiciar um culto local, ou até as moedas de ouro, marcas já de outros tempos. Ainda que algumas respostas não sejam ainda obtidas nesta fase dos trabalhos.

Estudar o povoamento rural romano é um pouco semelhante a uma análise atual da paisagem porque o fator “humano” nunca varia muito em termos de pensamento, necessidades e comportamentos. Ainda hoje, nesta mesma região, existem grandes

propriedades, pequenas propriedades, muitas delas junto a vias de comunicação, para fins agrícolas e de exploração de um determinado território.

Entendo este trabalho como o resultado de uma investigação séria, onde se entende que o Mascarro pode ainda fornecer dados marcantes para a compreensão destas realidades e da rede de povoamento sobre a qual se vai fazendo alguns avanços nesta zona do Norte Alentejo.

Seria desejável e justificável dar continuidade ao estudo do local, com escavações arqueológicas ou através de outros processos e métodos de análise.

É pertinente alguém se dedicar ao estudo destas realidades, que sendo de menor dimensão, contribuem para o entendimento das realidades maiores.

Bibliografia

AAVV, *Ammaia: A Roman Town in Lusitania*. Évora, 2013.

AAVV, *Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores 1991*, Castelo de Vide: GACV, 1991.

AAVV, *The Roman World 44 BC–AD 180*, UK: Taylor & Francis e-Library, 2003.

ADAM, Jean Pierre, *Roman Buildings Materials and Techniques*, London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

ADKINS, Lesley, ADKINS, Roy A., *Handbook to life in Ancient Rome*, New York: Facts on File, 2004.

ALARCÃO, Adília (coord.), *Portugal Romano. A Exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1997

ALARCÃO, Jorge de, A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*, 37, pp. 89-119.

ALARCÃO, Jorge de, BARROCAS, Mário, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto: Figueirinhas, 2012.

ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins: Publicações Europa América, 1995.

ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*. Inventário, Fasc 3 Évora, Faro & Lagos. Londres: Aris&Phillips Ltd, 1988. Vol. II.

ALARCÃO, Jorge de, Sobre a economia rural do Alentejo na época romana. *Conimbriga*, Coimbra. 15, 1976, pp. 1-40.

ALMEIDA, Fernando, Notas sobre moedas visigóticas. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, nº 5, 1971, pp. 215-226.

ALMEIDA, Maria José de, *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação Mestrado apresentada na Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Inédita. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

ANTOLINOS MARÍN, Juan Antonio, NOGUERA CELDRÁN, José Miguel, *Producción de aceite y vino en el sector meridional del Conventus Carthaginiensis: Catálogo de instalaciones en los ámbitos rural y urbano*. Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 173-208.

- ARASA GIL, Ferran, *Instalaciones de producción de vino y aceite en el litoral castellonense*. Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 253-260.
- ARIÑO GIL, Enrique, C. DIAZ, Pablo, La economía agraria de la hispania romana: colonización y territorio, *stvd.hist.,ha antig.* 17,1999, p. 153-192.
- BELTRÁN FORTES, José, Una Introducción al estudio de los sistemas constructivos de las villae Béticas. *Mainake*, 29, 2007, pp. 183-202.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel, *Guía de la Cerámica Romana*, Zaragoza: Libros Pórtico, 1990.
- BENDALA GALÁN, Manuel, ABAD CASAL, Lorenzo, *La villa en el marco conceptual e ideológico de la ciudad tardorromana*. Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón, 2008, pp. pp. 17-30.
- BROGIOLO, Gian Pietro, CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra, El final de las villas y las transformaciones del territorio rural en Occidente (siglos V-VIII), in *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función*. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón. Asturias: Ediciones Trea, 2008, P. 193-213.
- BRUN, Jean-Pierre, *Los usos antiguos de los productos de la viña y el olivo y sus implicaciones arqueológicas*. Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 19-35.
- BUGALHÃO, Jacinta, O povoamento rural romano no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, número 2, 1998, pp. 123-136.
- BUNSON, Matthew, *Encyclopedia of the Roman Empire*, New York: Facts on File, 2002. Câmara Municipal de Castelo de Vide, Processo Conjunto Arqueológico do Mascarro, Inventário Nº7, Castelo de Vide: SACMC.
- CARANDI, Andrea (coor.), *Atlante delle forme Ceramiche. Ceramica Fine romana nel bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*, I, Roma, 1981.
- CARNEIRO, André, Em pars incerta. Estruturas e dependências agrícolas nas villae da Lusitânia, *Conimbriga*, 49, 2010, pp. 225-250.
- CARNEIRO, André, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Humanitas Supplementum, I/II, 2014.

CARNEIRO, André, Para a Cartografia dos Cultos Religiosos no Alto Alentejo. *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, 3, 2008, pp. 80-97.

CARNEIRO, André, *Poder e Território: O Alto Alentejo entre o Império e a Antiguidade Tardia*. In Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão (Orgs.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: estudos ibero-latino-americanos*, Vol. I, 2013, pp. 546-567.

CARNEIRO, André, *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira*, Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Fronteira, Câmara Municipal de Cascais, 2004.

CARVALHO, Joaquim, Ammaia e a sua rede viária, algumas propostas de trabalho. *Ibn Marwan. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, 2002, 12, pp. 69-83.

CARVALHO, Joaquim, Ocupação Humana no Concelho de Castelo de Vide. *Ibn Marwan. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, Lisboa: Colibri, 8, 1997.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra, *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VII D.C.)*, Bibliothèque de l'Antiquité Tardive, Turnhout, 7, 2007.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra, Monasterios, villas y campesinos: la trágica historia del abad Nancto, in BALMELLE, C., CHEVALIER, P., RIPOLL, G. (eds.), *Studiola in honorem Noël Duval*, Bibliothèque de l'Antiquité Tardive, Turnhout, 5, 2004, p. 113-125.

CORDERO RUIZ, Tomas, *El Território Emeritense durante la Antigüedad Tardía (siglos IV-VIII). Génesis y Evolución del Mundo Rural Lusitano*. Instituto de Arqueologia Mérida: Consejo superior de investigaciones científicas, 2013

CRUZ, Mário da, *Black glass jewellery from Bracara Augusta*. AIHV Annales du 17e Congrès, 2007, p. 7-13.

CRUZ, Mário da, *Campanukate bowls from Gallaecia: evidence for regional glass production in Late Antiquity*. Na offprint from neighbours and successors of Rome. Traditions of glass production and use in Europe and the middle East in the later 1st Millennium AD, 2014, p. 58-68.

CRUZ, Mário da, *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*, Vol.I/II. Tese de doutoramento apresentada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Inédita. Braga: Universidade do Minho, 2009.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Temas e Debates, 2007.

ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições romanas do conventus pacensis subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra: Instituto de arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra, 1984.

FERNANDES, A. Peinador, PERDIGÃO, J. Correia, CARVALHO, H. Figueiredo de, PERES, A. Martins, *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 28-D Castelo de Vide*. Lisboa: Direção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1973.

FERNANDES, Lídia, *Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha - Marvão)*, O Arqueólogo Português, Série IV, 19, 2001, pp.95-158.

FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen, SALIDO DOMINGUEZ, Javier, *Las formas de ocupación rural en Hispania. Entre la terminología y la praxis arqueológica*. CuPAUAM, 40, 2014, pp. 111-136.

FERRERIA, Carlos Emanuel Araújo, DIAS, Gina Maria Mendes, *Torcvlarivm da villa da Aldeia do Grilo (Serpa, Alentejo, Portugal): dados arqueográficos*. Anales de prehistoria y arqueologia De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 503-509.

GREIN, Everton, *Translatio ad mundus: a transformação do mundo romano e a antiguidade tardia. Elementos teóricos para uma perspetiva historiográfica, história da historiografia*, Ouro Preto, 3, 2009, p. 106-122.

HAYES, J. W., *Late roman pottery*. London: The British School at Rome, 1972.

KEIL, Luís, *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Portalegre I*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943.

KENT, J. P., *The Roman Imperial Coinage Vol. VIII: The Family of Constantine I*, 8, 1981.

LEWIT, Tamara, 'Vanishing villas: what happened to élite rural habitation in the West in the 5th-6th c?'. *History of Ideas*, Trinity College, p. 260-274.

LEWIT, Tamara, *Pigs, Presses and Pastoralism: Farming In the Fifth to Sixth Centuries AD*, *Early Medieval Europe*, 17, 1, 2009, 77-91.

MANTAS, Vasco Gil, *A romanização da paisagem na Lusitânia*. Espaços e Paisagens. *Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, 3, 2008, pp. 121-133.

MORENO MARTÍN, Francisco, *Ocupación territorial hispano-romana. Los Vici: poblaciones rurales*. Espacio. Tiempo y Forma. Serie II. Historia Antigua. 1997. pp. 295-306.

NOGUERA CÉLDRAN, José Miguel, ANTOLINOS MÁRIN, Juan Antonio, *Áreas productivas y zonas de servicio de la villa romana de los Cipreses (Jumilla, Murcia)*. *Archivo Español de Arqueología*, 82, 2009, pp. 191-220.

NOLEN, Jeanette, *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia, 1994.

OLIVEIRA, Jorge de (ed./coord.), *Marvão Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

OLIVEIRA, Jorge de, Caderno de campo Escavação Mascarro 1984/1985.

OLIVEIRA, Jorge de, PEREIRA, Sérgio, PARREIRA, João, *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*, Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Marvão.

OLIVEIRA, Jorge de, *Relatório da escavação arqueológica da Herdade do Mascarro 1984*, 1984.

OLIVEIRA, Jorge de, *Relatório de trabalhos arqueológicos na Herdade do Mascarro 1985*, 1985.

PEÑA CERVANTES, Yolanda, *La producción de vino en contextos eclesiásticos tardoantiguos hispanos* em Juan Blánquez Pérez, Sebastián Celestino Pérez (coord.). *El vino en época Tardoantigua y Medieval*, Madrid 2008, pp. 343-355.

PEÑA CERVANTES, Yolanda, *Torcularia La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé*, Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, 2010a.

PEÑA CERVANTES, Yolanda, *Torcularia La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados*, Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, vol. II, 2010b.

PEÑA CERVANTES, Yolanda, *Variantes tecnológicas hispanas en los procesos de elaboración de vino y aceite en época romana*. *Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae*. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 37-57.

PITA, António, MAGUSTO, João, *Levantamento arqueológico da zona sudoeste do Concelho de Castelo de Vide: Feitosa, Figueiras 1, Lavradores e Cangão*, em *Actas do 2º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre*. Associação dos Professores de História, Lisboa, 1996.

PITA, António, MAGUSTO, João, *Relatório de Levantamento Histórico – Arqueológico Zona C – Parcela 3, Vale Serrão – Alcaide, Castelo de Vide*: GACV, 1994.

PITA, António, *Relatório da Escavação Mascarro 1983*, Castelo de Vide: GACV, 1983.

PRATA, Sara, *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.

QUARESMA, José Carlos, SARRAZOLA, Alexandre, SILVA, Inês M. da, *Produção de vidros e importação de Terra Sigilatta em finais do século V / primeira metade do século VI: o caso da Marinha Baixa, Aveiro*. Apontamentos de Arqueologia e Património - ERA-Arqueologia S.A., 10, 2015, pp. 63-77.

REIS, Maria Pilar, *Las termas y balnea romanos de Lusitania*, Stvdia Lusitania, 1, 2004.

ROBERTO DE ALMEIDA, Rui, LÓPEZ FRAILE, Francisco José, AGUSTÍ GARCÍA, Ernesto, MORÍN DE PABLOS, Jorge. *Val de la Viña. Producción vitivinícola en el ager de Complutum*. Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 205-218.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1975, pp. 131-172.

RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán, *La producción de vino y aceite entre Avgvsta Emerita y el occidente atlántico*. Anales de prehistoria y arqueología De vino et oleo Hispaniae. AnMurcia, 27-28, 2011-2012, pp. 451-469.

ROMERO PÉREZ, Manuel, *Algunas reflexiones sobre la producción de aceite en las villae de la comarca de Antequera*. Mainake XIX-XX, Malaga, Diputacion provincial, 1997-1998, pp. 115-141.

ROMERO PÉREZ, Manuel, CISNEROS GARCÍA, Marisa, ESPINAR CAPPÀ, Ana M., FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Luis Efrén, MELERO GARCÍA, Francisco. *Villas romanas en la depresión de Antequera: novedades desde la arqueología preventiva*. ROMVLA 12-13, 2013-2014, pp. 221-282.

RÜTTI, Beat, *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln*, Augst, Römermuseum (Forschungen in Augst ; Band 13/1), 1991.

SÁENZ, Antonio Aguilar, *Dependencias con funcionalidad agrícola en las villas romanas de la Península Ibérica*. Gérion. Nº Extra 3, 1991, pp. 261-280.

SARTIN, Gustavo H. S. S., O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada da historiografia atual, *Brathair – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*, 9, 2009, p.15-40.

SERRÃO, Joel, MARQUES, A.H. de Oliveira. (Dir.), *Nova História de Portugal*. Portugal das Origens à Romanização, Lisboa: Editorial Presença, 1990.

TEICHNER, Félix, *La pars urbana tardorromana de la villa de Milreu (Estói, Portugal): nuevos descubrimientos y antiguos documentos*. Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón, ediciones trea, 2008, pp. 731-740.

TEICHNER, Félix, SCHIERL, Thomas, *Asentamientos rurales en el Sur de la Lusitania entre la fase tardo-republicana y el inicio de la época imperial romana*. Los paisajes rurales de la romanización: arquitectura y exploración del territorio, Editors: V Mayoral, 2010, pp. 89-114.

WICKHAM, Christopher, *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean - 400 – 800*, New York: Oxford University Press, 2005.

WÖLFRAM, Mélanie, *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia: arqueologia-arquitetura-epigrafia*, Vol. I/II. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

Anexos

Anexo I - Cartografia

Mapas



Figura 1 - Localização do concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre

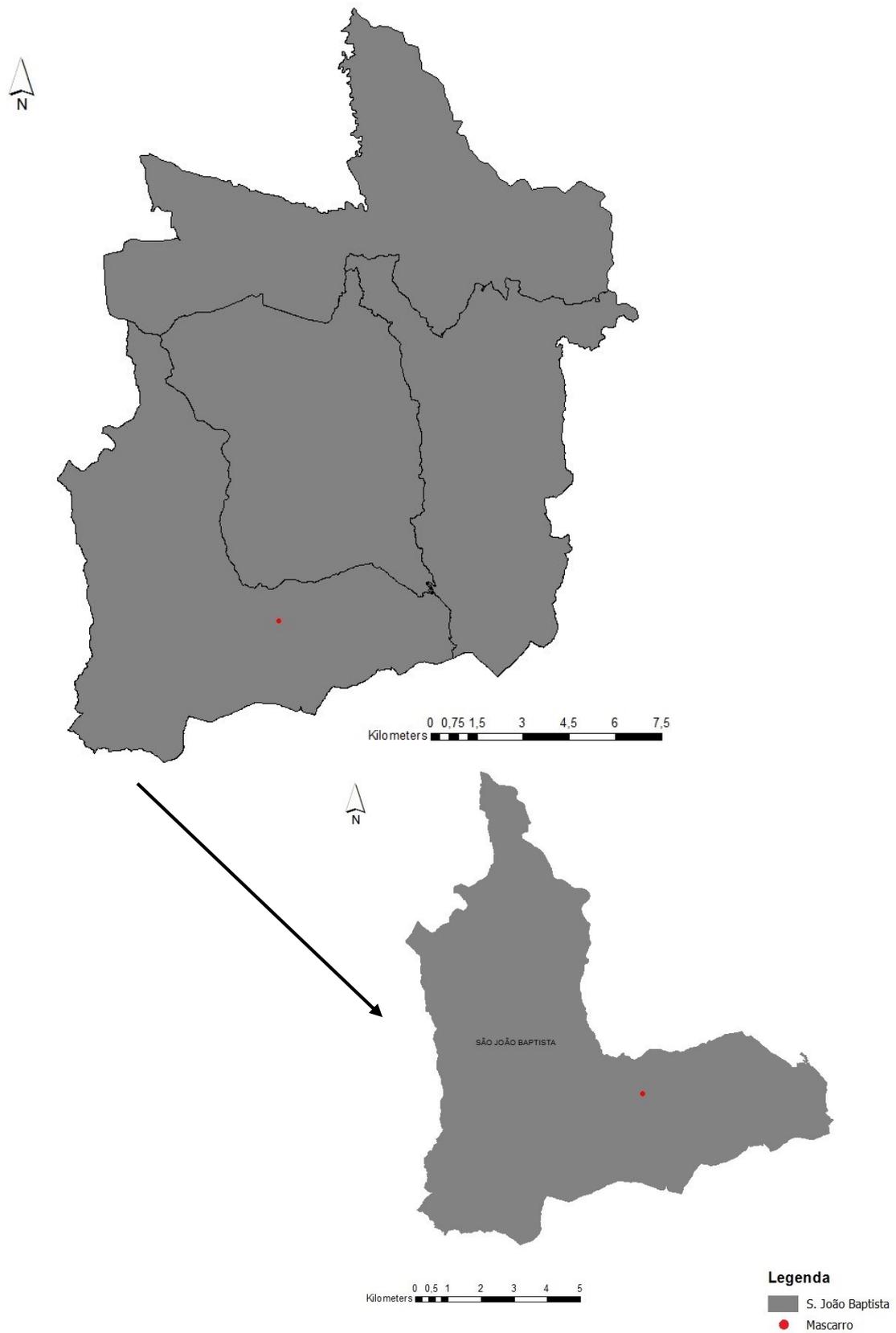


Figura 2 – Localização do sítio do Mascarro no concelho de Castelo de Vide e na freguesia de São João Baptista

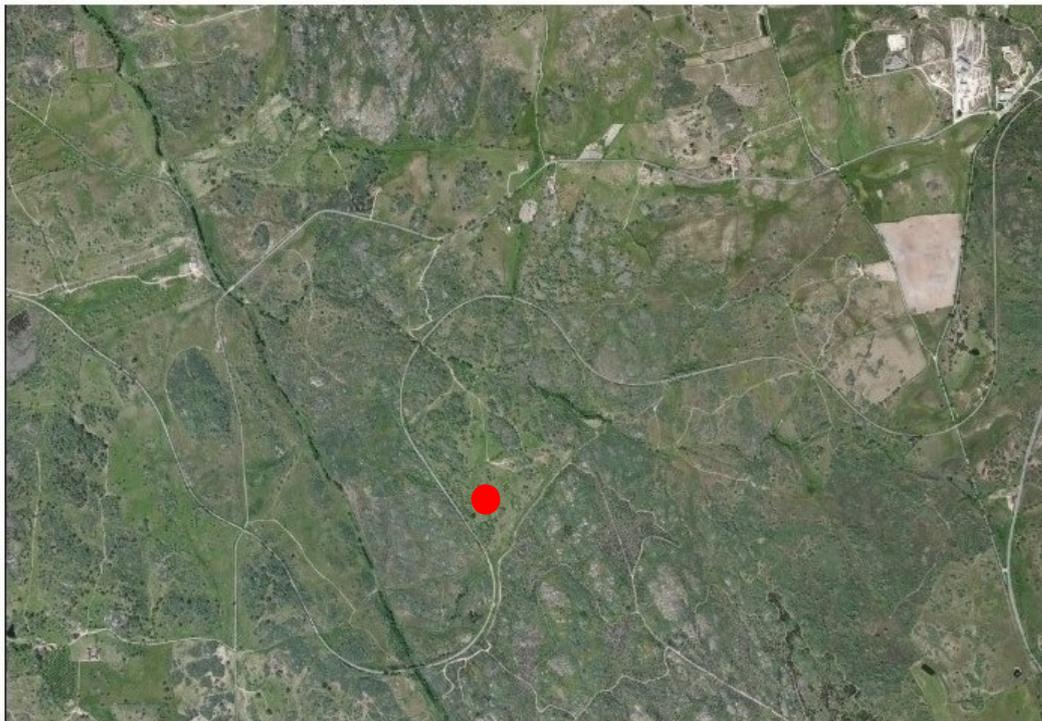
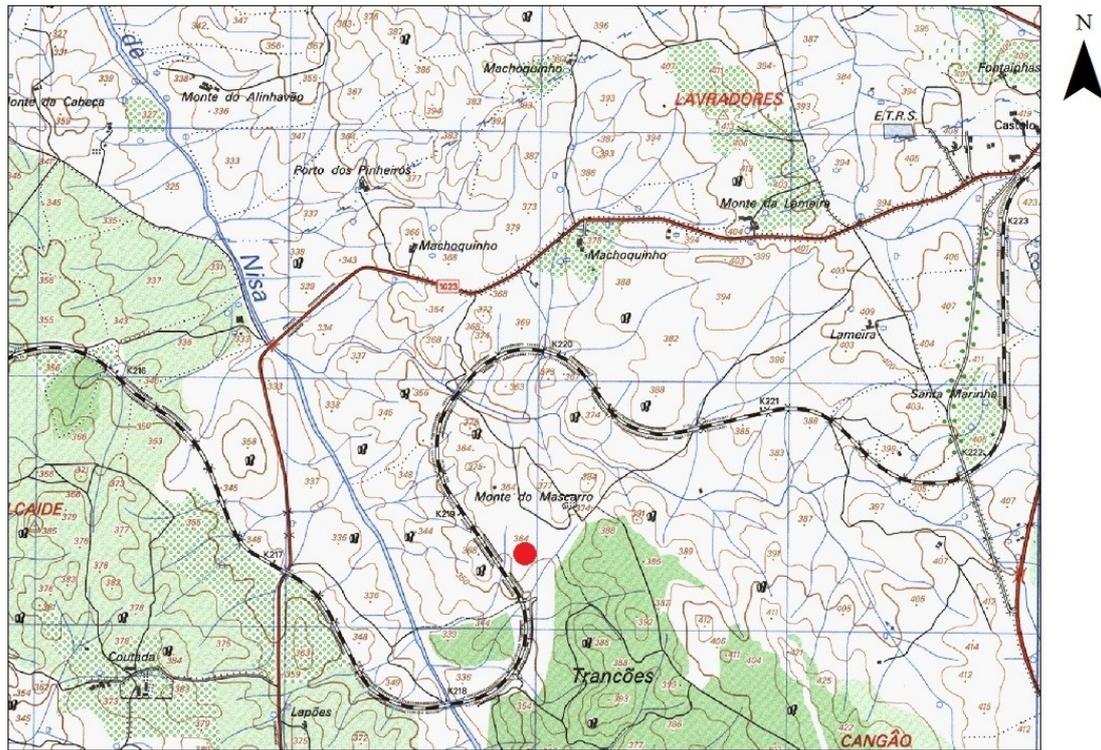


Figura 3 – Localização do sítio do Mascarro num excerto da CMP 335 e em vista aérea

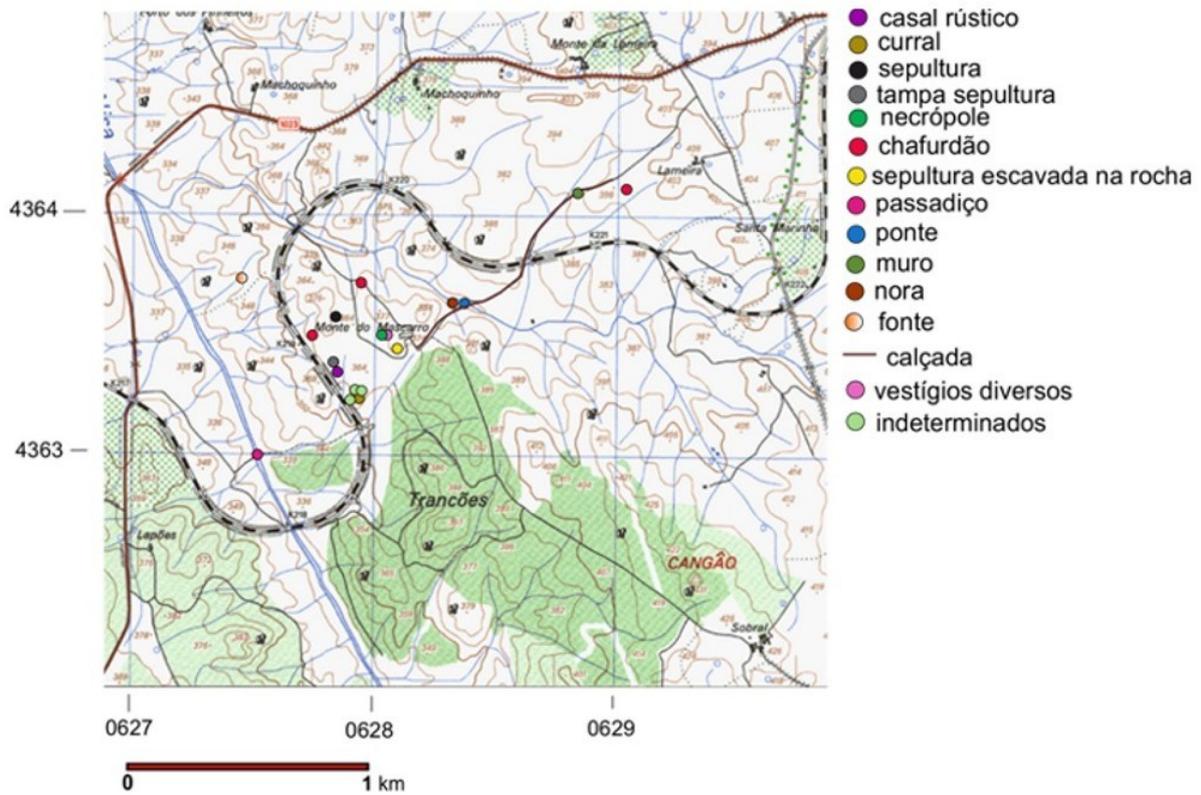
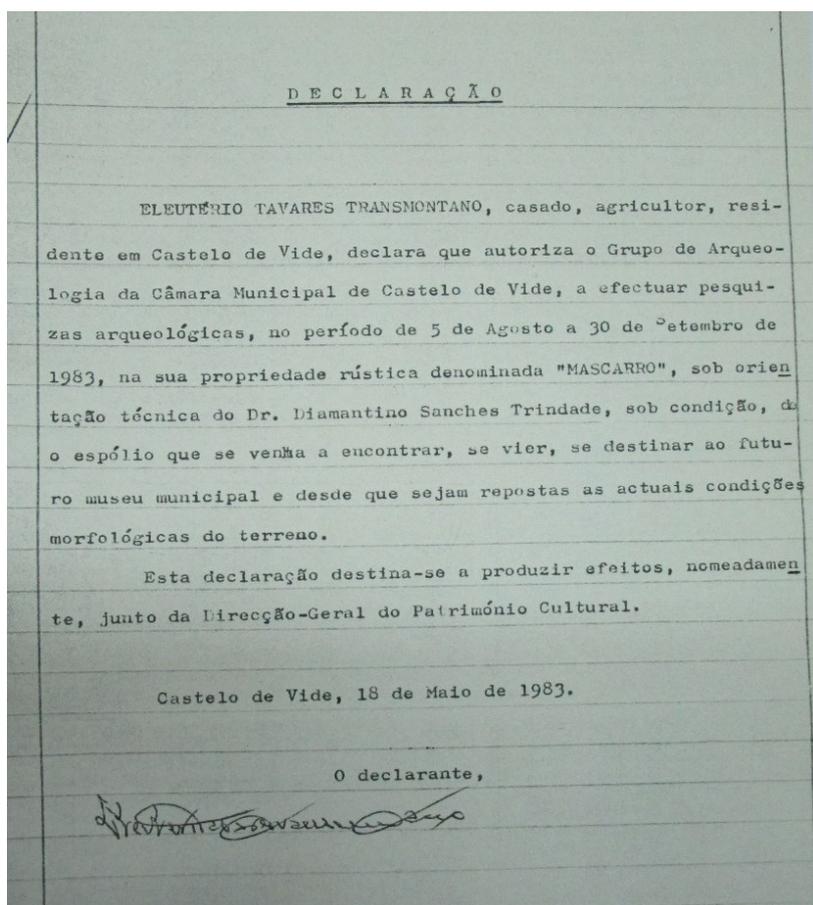


Figura 4 – Georreferenciação dos locais identificados na prospeção de superfície realizada em 2015



Figura 6 – Marcação de outros pontos de povoamento romano existentes em torno do Mascarro (M).

Anexo II – Documentação



Declaração do proprietário do Mascarro, senhor Eleutério Transmontano, a autorizar os trabalhos arqueológicos, 1983 (Documento cedido pela SACMCV)

Transcrição da *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide* - 1975

Autoria: Maria da Conceição Monteiro Rodrigues

PP. 167- 171

«Tivemos conhecimento, através do viticastroense Sr. António Marcelino Gordo que tinha sido oferecida a seu pai uma moeda de ouro visigótica encontrada na herdade do Mascarro, propriedade pertencente ao Sr. Eleutério Transmontano. Imediatamente pensamos visitar o local. Os acessos são difíceis. Tivemos que percorrer 2 Km por azinhaga sinuosa e de pavimento mal conservado.

Dista 5.5 Km para poente de Castelo de Vide, 250m para sudoeste do monte da casa pertencente ao Mascarro e 500m para noroeste da Ribeira de Nisa.

Depois de percorrermos uma área de cerca de 6000 m² no local onde a moeda tinha sido encontrada constatamos, pelos numerosos fragmentos de tegulae, imbrices, dolias, alinhamentos de paredes e fragmentos de colunas de granito, estarmos em presença de mais um núcleo onde a permanência de povo romanizado se fez sentir.

Junto a um dos alinhamentos de paredes procedemos a uma pequena escavação. A cerca de 30 cm de profundidade detectamos um pavimento feito de tijolo moído que assentava sobre uma camada de seixos dispostos regularmente. (Est. CVII; fig. 2) Como a tarde estava a findar abandonamos os trabalhos.

A 27 de fevereiro de 1972 as prospeções continuaram.

Enquanto um operário procedia à escavação já iniciada, descobrimos um muro de alvenaria de pedra e cal, opus mixtum, com 90 cm de espessura, encoberto pela vegetação. (Est. CVII) Perto apareceu um fragmento de tijolo que se supõe ter pertencido ao estabelecimento de banhos.

A escavação veio a pôr a descoberto uma sepultura. Forrada lateralmente por lajes e antropomórfica, ainda continha no local da cabeça vestígios de ossos de crânio. (Est. CVIII; figs. 1 e 2).

Os trabalhos só prosseguiram no Verão seguinte. Desta vez as prospeções incidiram junto ao muro acima referido onde iniciamos uma escavação.

A 10 cm de profundidade apareceu um pavimento formado por argamassa de tijolo moído. Aprofundando mais a escavação, a cerca de 70 cm, detetamos outro pavimento mas diferente do primeiro. Era constituído por grandes ladrilhos de 48 cm de comprimento, 25 de largura e 4 cm de espessura.

Concluimos ter existido, neste local, duas correntes culturais diferentes, uma de base romana ou visigótica. Veio confirmar esta hipótese a análise tipológica das tegulae, o aparecimento de uma moeda de ouro visigótica da época do rei Égica, cunhada em Toledo e três moedas romanas, de bronze, bastante gastas, datadas do século IV ou V.»

Ara: (Est. XXXI-A)

«Quando alguns operários lavravam o terreno, próximo do local anteriormente descrito, encontraram a parte inferior de uma ara, em granito.

Como a Sr.^a D. Miriam Rydel Laranjo Gonsalves mostrasse muito interesse pela inscrição nela gravada, por relacionar o topónimo «Judiarías» com os seus compatriotas, o proprietário da herdade ofereceu-lha. Entramos em contacto com a senhora que, gentilmente, permitiu que a ara fosse transportada para o Museu Arqueológico de Lisboa onde seria fácil a um especialista ler tao complicada inscrição, quase apagada pela erosão. Foi o Dr. Fernando de Almeida que nos forneceu a sua leitura:

Q? SIVNIO

IBROLV

ANI A.L.I

V.S.

Q(uintus)? SIUNIO

IBROLUANI A(nimo) L(ibens)

V(otum) S(olvit)

Concluimos tratar-se de uma inscrição romana votiva.»

Material de superfície

Fragmentos de cerâmica

1 – Bordos de dolia: (Est. XXXI; fig. 1)

Alt. – 8,2 cm

Larg. – 10 cm

Esp. – 3,8 cm

Pasta – argila com pequeníssimos grãos de quartzo

2 – Fragmento de uma grande dolia decorado: (Est. XXXI; fig. 2)

Alt. – 9,3 cm

Larg. – 5,5 cm

Esp. – 2,8 cm

Cor - negra

Pasta – argila com abundantes grãos de quartzo

3 –

Comp. – 16 cm

Alt. – 8 cm

Larg. – 9 cm

Esp. – 2 cm

Cor - vermelho

Pasta – argila com abundantes grãos de areia e mica.

Vários fragmentos de ladrilhos calcinados e vidrados.

Tegulae:

1 –

Comp. – 12 cm

Larg. – 6 cm

Alt. – 5 cm

Esp. – 2 cm

Cor – vermelho claro

Cor – vermelho claro

Pasta – argila com abundantes grãos de areia. (Est. XLI; Fig 3).

2 –

Comp. – 9 cm

Larg. – 10 cm

Alt. – 4,4 cm

Esp. – 2,3 cm

Cor – castanho por fora e negro no interior

Pasta – argila com abundantes grãos de quartzo grosso.

2 troncos de colunas: (Est. CIX; figs. 1 e 2)

Material – granito de grão fino

1 –

Alt. – 70 cm

Diametro – 34,5 cm

2 –

Alt. – 85 cm

Diametro – 40 cm

Moedas romanas

Na posse da Sr.^a D. Miriam Rydel Laranjo Gonsalves encontram-se as seguintes moedas provenientes de Castelo de Vide, classificadas como a seguir se descreve.

1 – Pequeno bronze de Teodósio (?)

(379 - 392)

Inscrição – ilegível

2 – Pequeno bronze (Baixo - Império)

Inscrição – ilegível

Cabeça do Imperador com coroa radiada

3 – Galillienus (?) – bronze

(214 - 268)

4 – Marcionus (?) – bronze

(260 - 262)

5 – Quietris (?) – bronze

(260-262)

6 – Pequeno bronze de Teodósio (?)

7 – Pequeno bronze de CONSTANTIVS

(Baixo Império)

8 – Pequeno bronze de Magnêncio

(350 a 353)

A.D.N.MAGNENTIVS

*P.F.AVG R – VOT (vota)
V (quinquinalia)
MUL (multis)*

9 – 7 pequenos bronzes romanos do Baixo Império. Ilegíveis.

Transcrição do Relatório de Escavação - 1983

Autoria: António Pita (G.A.C.V.)

«Introdução

A descoberta de vestígios romanos na tapada do Mascarro, propriedade do Sr. Eleutério Transmontano, data de 1970, altura em que Diamantino Sanches Trindade e Maria da Conceição Monteiro Rodrigues, procuravam elementos para a elaboração da sua tese de licenciatura que viria a ser difundida em 1972 e publicada mais tarde com os títulos, "Castelo de Vide, Subsídios para o Estudo da Arqueologia Medieval" e "Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide", respectivamente.

Grandes quantidades de tijolo, telhas, paredes em alvenaria de pedras e cal, pedaços de colunas em granito e mármore, cerâmica diversa e moedas constituíram o material que dava como certa a ocupação Romana e Visigótica.

Visitado o local pelo então Director da Faculdade de Letras de Lisboa confirmou-se a nossa opinião sobre a origem dos vestígios de superfície. Além disso tomámos conhecimento de que o proprietário tinham encontrado duas moedas visigóticas de ouro, uma das quais (EGICA - séc. VI) cunhada em Toledo pelo que concluímos da continuidade habitacional que abrangeria certo período da época Romana e seguida Visigótica.

Não conseguimos saber a razão do topónimo "Judiarías" com que o local também é designado.

Contactados em 1983 pelo FAOJ no sentido de se organizar um campo de trabalho internacional foi escolhido o local denominado Mascarro pelas seguintes razões:

- 1 - Urgência de estudo do local devido ao risco de se perder na totalidade, destruída pelas modernas máquinas agrícolas, uma estação que nos parecia importante.*
- 2 - Autorização e interesse do proprietário pelo estudo dos seus terrenos.*
- 3 - Dificuldade em conseguir autorização doutros proprietários onde os vestígios são mais ricos e abundantes.*
- 4 - Fácil acessibilidade.*
- 5 - Exumação do espólio com vista a ser depositado no futuro museu municipal.*
- 6 - Contribuição para o estudo da arqueologia no Concelho de Castelo de Vide no que diz respeito à época da estação.*

Escavação

Uns dias antes do início dos trabalhos o Grupo limpou o terreno das áreas a escavar e do local onde se montaram as tendas de campanha.

Depois da estação estar convenientemente assinalada e localizada, tirámos fotografias do local onde se pretendia escavar.

Procedeu-se depois à quadriculação dos respectivos sectores por quadrados de 2m x 2m. Os quadrados assim delimitados foram numerados de um lado com letras (A, B, C, etc...) do outro lado com algarismos (1, 2, 3, etc...)

A escolha de orientação da quadrículas foram os seguintes pontos cardeais:

Sector A: N Û S

Sector B: E Û O

Sector C: N Û S

Após a chegada dos componentes do grupo de trabalho fez-se uma sessão de esclarecimento, expôs-se os objectivos, normas, horários de trabalho, programas culturais e visitas.

No dia 29 de Agosto de 1983 iniciaram-se os trabalhos, assim que foram distribuídas as tarefas pelos elementos componentes da equipa de escavação.

Toda a terra vegetal foi removida e peneirada, visto que à superfície era visível muito material fragmentado que é prova flagrante dos remeximentos, ora vegetais (raízes de carvalhos que revolveram as camadas cimeiras), ora humanas (acção dos trabalhadores agrícolas na preparação dos terrenos), e, mesmo até efeitos geológicos (erosões).

Retirada a camada vegetal procedeu-se à decapagem de 10cm sem retirar qualquer objecto da sua posição original sem ser fotografado e registadas as suas coordenadas.

Após a remoção dos objectos, foram estes limpos, registados e catalogados por nível e sector e devidamente embalados para estudo posterior no relatório das escavações.

Apesar da inúmera quantidade de pedras existentes no local, nenhuma foi retirada sem se ter comprovado não pertencer a alguma parede.

Assim a escavação foi prosseguindo até se atingir o solo virgem.

SECTOR A:

Neste sector foram encontradas paredes (quase só alicerces) de compartimentos que delimitavam áreas muito pequenas o que nos leva a supor ter sido local de guarda de cereais e alfaias agrícolas.

Numa das paredes ao nível do pavimento da entrada, (fig. 6) rasga-se uma pequena fresta retangular para escoamento das águas que porventura entrassem pelo portal voltado a nascente (fig. 6).

O compartimento assinalado com o nº2 revelou quase à superfície um pavimento constituído por 3 camadas de tijolo moído.

O compartimento nº3 estava entulhado de pedras, assim como o nº4, provenientes das paredes que abateram para o interior.

De todas as quadrículas desta secção foram removidas grandes quantidades de "tegulae" e "imbrice" sendo raro aparecer outro tipo de cerâmica. Contudo, foi a secção que mais moedas da época romana ofereceu.

SECTOR B:

Foi aberto outro sector (B) a 55m para Noroeste do sector A onde eram visíveis quinais alinhados com algumas pedras afeiçoadas.

Após a primeira decapagem de 10cm apareceram bem visíveis as pedras que delineavam as duas sepulturas. A 20cm de profundidade descobriu-se um pavimento de certa forma semelhante ao do compartimento nº2 no sector A. Este pavimento de tijolo moído ligado por uma argamassa pouco espessa assenta numa base de calhaus rolados trazidos da Ribeira de Nisa.

Foi neste sector que apareceu, sem dúvida alguma, a maior quantidade de cerâmica de cobertura, associada a alguns objectos de metal - pregos -.

As paredes neste sector não revelavam vestígios de argamassa, o que por efeitos erosivos sofreram um maior desgaste.

Pensamos que é de salientar o aparecimento de uma base de coluna de calcário que pressupomos fazer parte de uma coluna, também em calcário que o tractor anos atrás revolveu.

Os compartimentos deste sector eram de maiores dimensões que os do sector atrás referido.

As sepulturas não continham qualquer tipo de espólio. Pensamos que as moedas de ouro encontradas a pouca distância (15m), possam ter sido arrastadas das sepulturas. Aliás, assim aconteceu com algumas pedras, ora das construções, ora daquelas que se vêm espalhas e partidas pela área.

SECTOR C:

Numa pequena vala de prospecção, junto de um quinal, revelou-se a 30cm de profundidade uma camada constituída por cinzas, carvões e escória de ferro e chumbo. Devido ao interesse suscitado pela abertura da vala, foi então aberto o sector C nesse local.

Podemos considerar este sector como sendo o mais importante, pois, foi o que conseguiu reunir o maior espólio. As sucessivas decapagens iam fornecendo vidros esverdeados, bordos de vasos e muita outra cerâmica queimada, duas moedas e vestígios de pequenos ossos. Porém todos os objectos estavam em mau estado.

Voltada a poente, quase à superfície, descobriu-se a soleira da porta, a qual denota um grande polimento devido à sua utilização.

Todas as paredes tinham uma estrutura irregular "Opus Incertum", mas algumas são formadas por tijolo e pedra formando fiadas paralelas "Opus Mixtum".

Cerâmica

A cerâmica do Mascarro, cujo estudo sistemático se tem prolongado, quer o da técnica do fabrico e natureza das pastas empregues, quer o das suas formas e perfis, não nos deixa aprofundar muito, limitando-nos a noções gerais que possam dar uma certa visualização ao leitor. Esperemos que em breve se possam dar noções mais específicas sobre a matéria em questão. No entanto, procuraremos dar uma sumária ideia desta indústria, muito difundida e de alto nível entre o povo romano.

De entre os fragmentos das vasilhas podemos distinguir claramente o "dolium" feito de um barro grosseiro repleto de grânulos de areia e de palhetas micáceas. A cor é geralmente um vermelho vivo, encontrando-se, por vezes, alguns de cor cinzenta muito escura.

Pelos fragmentos podemos observar que o "dolium" era, na sua generalidade, pesado, forte e de largas proporções.

Existem muitos outros fragmentos de vasilhas, testemunhos das gentes que aqui habitaram, que apresentam uma enorme variedade em relação às pastas e formas. Aparece uma cerâmica preta de pasta brunida, dura e fina, do mesmo tipo da vasilha exumada nas escavações da necrópole do Cerejeiro.

A grande diversidade de tipos nos mesmos estratos estratigráficos, leva-nos a estabelecer uma divisão entre a utilização de uma indústria cerâmica de camadas sociais mais pobres e de uma cerâmica mais perfeita utilizada por classes sociais superiores. Os fragmentos de "tegulae" são abundantes. Contudo, apenas um deles tem marcas de oleiro - sinais impressos de patas de um animal doméstico. Um gato, exactamente. Concomitantemente, surgem os fragmentos de telha hemecilíndrica (imbrice) em que se revela a inexistência de marcas.

Não se verificou nenhuma ornamentação de especial relevo. A técnica empregue é geralmente a do fabrico ao torno.

Numismática

COBRE - Tipo 3 de Constantino II, na função de César (d.C. 317 - 337)

Anverso: CONSTANTINUS IVN. NOB. C.

Reverso: CESARVM NOSTRORVM - VOT X (no centro da coroa de louros)

Exergo ASIS ?

Valor (1974): £ 6.00

Seaby 3843

COBRE - Theodora (afilhada de Miaximianus e 2ª mulher de Constâncio I) (d. C. 337 - 340)

Moeda comemorativa cunhada depois da sua morte.

Anverso: F L. MAX. THEODORAE AUG (busto com diadema à direita)

Reverso: PIETAS ROMANA (Piedade de pé, à direita, segurando criança nos braços)

Seaby 3811

COBRE - Constancio II - AE4 (d.C. 337 - 346)

Anverso: D.N. CONSTANTIVS P.F.AUG

Reverso: FEL. TEMP. REPARATIO + OFICINA MONETÁRIA:CON (Constantinopla)

Seaby 3900

COBRE - AE4

Anverso: D.N. CONSTANTIVS P.F. AUG. (d.C. 346 - 354)

Reverso: FEL. TEMP. REPARATIO

Seaby 3910»

Transcrição do Relatório de Escavação - 1984

Autoria: Jorge de Oliveira

«3. QUADRICULAGEM E ALTIMETRIA

Incumbido de dirigir o Campo de Trabalho Arqueológico do Mascarro, apenas alguns dias antes da data de início dos trabalhos, tornou-se de todo impossível proceder às "demarches" prévias e imprescindíveis a qualquer actividade de campo desta natureza. Na ausência do levantamento topográfico e na presença de três sectores já abertos, sem obedecerem a qualquer tipo de orientação e por sua vez desfasados entre si, obtidos, tanto quanto se apercebe, pela procura de definição de estruturas, optámos logo de início por uma tentativa de inserção destes três sectores numa rede de quadrículas geral, tomando como eixo dos YY uma linha imaginária que tentasse ligar os sectores por nós denominados de A e C, sendo o sector B definido pelo espaço intercalar destes dois sectores já parcialmente escavados.

Aquando desta tentativa de ligação dos sectores A e C verificou-se que, nem o primeiro, nem o segundo se encontravam com cortes perpendiculares, o que nos levou mais uma vez a solucionar a situação com a correcção destes pelo alargamento do eixo dos XX.

Após a ligação em rede quadriculada de 2 x 2m dos sectores A e C já antes parcialmente escavados verificou-se que eles formam com o seu eixo dos YY em relação ao corte Magnético um ângulo de 164,568 graus para E.

É de 27,37m a distância que separa o sector A do sector C. Perante esta distância irregular e pela necessidade de marcação da rede de 2 x 2m, estabeleceu-se um separador de 1,37m a Sul do sector C, sendo o restante espaço (sector B) subdividido em 13 quadrículas de 2 x 2m.

A área do sector A já escavada anteriormente desenvolve-se por 10m de eixo XX com 6m de eixo YY, perfazendo assim uma área de 60m², subdividida em 15 quadrados de 2 x 2m.

A área do sector C já anteriormente escavada era de 6m de eixo XX por 6m de eixo YY perfazendo uma área de 36m², subdividida em 9 quadrados de 2 x 2m.

O sector por nós denominado de D que se encontra a NW dos anteriores e totalmente desorientado em relação à rede por nós estabelecida para os A, B e C, não pode por isso mesmo entrar na rede de quadrículas anterior, estabelecendo-se para si um rede arbitrária em função da área já escavada, sendo mais uma vez notórias as preocupações da escavação anterior de seguir estruturas visíveis não se tendo atendido a uma escavação em área, traduzindo-se deste modo numa irregular perpendicularidade dos eixos orientadores. Assim, a quadriculagem por nós elaborada foi de modo a abranger totalmente este sector proporcionando uma figura retangular com 14 x 6m, abrangendo assim uma área total de 84m², dividida em 21 quadrados de 2 x 2m.

A marcação da rede de quadrículas que une o sector A, B e C traduziu-se numa figura retangular definida pelo eixo dos XX com 10m e pelo eixo dos YY com 45,37m. Atendendo a uma possível ligação desta rede ao sector D, o eixo dos XX será legível da direita para a esquerda e legendável com letras, dando-se início a essa marcação pela letra F. O eixo dos YY iniciou-se pelo número 6. Deste modo o quadrado já escavado situado mais a SE da área envolvente dos sectores A, B e C denomina-se de F/6 e o situado mais a NW denomina-se de H/27.

Assim, a área do sector A já escavada no ano anterior desenvolve-se pelos quadrados: F/6, F/7, F/8; G/6, G/7, G/8; H/6, H/7, H/8; I/6, I/7, I/8; J/6, J/7 e J/8.

A área já escavada anteriormente do sector C insere-se nos quadrados: F/25, F/26, F/27; G/25, G/26, G/27; H/25, H/26 e H/27.

A marcação das cotas de localização dos materiais efectuou-se em relação ao nível da terra vegetal para posteriormente serem reconvertidos em função da cotagem geral da estação inserta no levantamento topográfico solicitado ao Gabinete de Apoio Técnico de Portalegre.

4. ESCAVAÇÃO

4.1 - Sector A

No sector A a escavação iniciou-se pelo acerto dos cortes em relação à quadrícula, passando-se seguidamente à desmontagem dos derrubes ainda existentes neste sector, especificamente em I/6, I/7, I/8 e J/6, J/7 e J/8.

Neste quadrados verificou-se a existência duma primeira camada de derrube, constituída sobretudo por cerâmica de construção, sendo notória a existência de grande número de fragmentos de tijoleira com marca de "pata de cão" e fragmentos de tegulae e imbrices.

Certamente a deposição profusa desta cerâmica advém deste sector se encontrar a cotas bastante baixas o que naturalmente se constituiu como depósito dos arrastes naturais e agrícolas.

Levantada que foi esta primeira camada que não ultrapassou os 12cm, entrámos num segundo nível definido por derrubes das estruturas habitacionais deste sector. A grande quantidade de pedra ligeiramente afeiçãoada dificultava bastante a leitura de continuidade das estruturas o que naturalmente provocou a morosidade deste trabalho. Com a retirada dos derrubes, não indo além de 25 a 30cm, entrou-se num nível de terra muito arenosa onde se dispersavam fragmentos de cerâmica comum, um fundo de ânfora e uma moeda de bronze de Constantino.

É por baixo deste nível que vamos encontrar um piso estreito, lajeado, definindo-se como corredor ou escoador. Se por um lado este piso é obtido por lajes bem trabalhadas mostrando-nos um possível acesso humano, por outro os contornos dos muros laterais que infletem para a base levam-nos a pensa-los como canal de escoamento de líquidos. Esta segunda hipótese parece-nos mais plausível se atendermos às restantes estruturas deste sector. Assim, tinha já sido posta a descoberto no ano anterior, neste sector, o fundo dum reservatório de líquidos quadrangular com vestígios de "meia-cana". A fábrica desta possível talha foi obtida pela sobreposição de três camadas perfeitamente visíveis de um opus constituído por tijolo moído unido por uma argamassa pobre, sendo notório que o primeiro assento obedeceu a um trabalho mais esmerado. Todo o recipiente assenta num nível de calhaus rolados que se elevam sobre um enchimento de pedras e terra um pouco acima do nível dos muros ainda visíveis. Por outro lado em J/8 verificou-se uma pequena abertura (0,50m) definida por dois blocos de granito afeiçãoados que comunicava com uma outra possível talha, pois há vestígios de opus semelhante agarrado aos contornos deste espaço. Não foi, contudo, possível escavar o seguimento deste espaço devido à escassez de tempo.

Atendendo às características atrás apontadas pensamos que no sector A se terá implantado uma construção relacionada ou com a obtenção de vinho ou azeite.

4.2 - Sector B

O Sector B é definido pelo espaço que separa o sector A do C. Abrangendo uma área de 10m de eixo dos XX e 32m de eixo dos YY sendo separado do sector C pelo separador B/C de 1,37m x 10m.

Neste sector ainda não foi iniciado qualquer tipo de sondagem.

43. - Sector C

Este sector tinha já sido no ano anterior parcialmente escavado, numa área de 6 x 6m² não tendo, contudo, sido atingidos ainda os pisos reais. Assim, tal como aconteceu no sector A, iniciamos os trabalhos pelo acerto dos cortes, passando-se seguidamente à retirada das poucas pedras de derrube que ainda existiam, entrando-se de imediato nos quadrados G/26 e G/27 num nível de terra impregnada de cinzas e escória de ferro e borra de vidro. Não foi possível delimitar com precisão esta área, já que os quadrados H/25, H/26 e H/27 já se encontravam a um nível bastante inferior onde a terra já não apresentava as mesmas características. Em G/25 e H/25 são visíveis duas pequenas estruturas retangulares definidas por cantarias irregulares com piso de tijoleira, que sofreu altas temperaturas, se atendermos às suas múltiplas fracturas, podendo-se, por agora pensá-las como possíveis lareiras ou câmaras de fundição. Em H/26 abre-se uma entrada, definida por uma soleira de porta onde são visíveis os assentos dos gonzos e tendo-se aí encontrado quatro pregos em ferro com a ponta retorcida. A cerâmica recolhida neste sector continua a traduzir-se em fragmentos de cerâmica comum, bastante grosseira e fragmentos de material de construção.

Este sector abrange totalmente uma divisão habitacional que se atendermos aos vestígios aí encontrados poderá estar relacionada com actividades metalúrgicas, ou mesmo de fabrico de vidro. Foi também neste sector que apareceram vários fragmentos de peças em vidro de tonalidade verde, bem como fragmentos de pequenos canos em chumbo. É de notar que foi o sector C que maior número de registos proporcionou atingindo-se um total de 70.

4.4 - Sector D

O trabalho realizado este ano no sector D limitou-se exclusivamente à retirada de alguma terra que se acumulava sobre as estruturas habitacionais, ao seu desenho e fotografia.

Este sector define-se por uma extensa divisão habitacional que na sua maior parte apresenta um piso de tijolo moído sobre um nível de calhaus rolados. Num dos extremos desta habitação encontram-se duas sepulturas, já anteriormente escavadas, sobre o piso de tijolo moído, tratando-se naturalmente de inumações posteriores a este solo. Por outro lado, verificasse neste sector a existência de muros abaixo do nível de tijolo moído. Era sobre este muros que se implantava, assente em tijoleiras ainda "in situ", uma base de coluna possivelmente visigótica já recolhida no ano anterior para a sede do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. Sabe-se também que foi recolhida nesta divisão "uma moeda de ouro visigótica da época do rei Egica, cunhada em Toledo e três moedas romanas, de bronze, bastante gastas, datadas do séc. IV ou V."(1)

Torna-se difícil compreender este sector já que não sabemos se os muros que se encontram mais a SW dele, abaixo do solo de tijolo moído foram postos a descoberto pela sua destruição, ou se faziam parte dum pequeno compartimento não pavimentado.

Para isso será necessário numa próxima campanha, proceder a uma pequena sondagem abaixo do solo de tijolo moído. A presença das sepulturas que assentam directamente sobre este piso parecem indicar a existência de dois níveis arqueológicos. É de notar que o fundo das sepulturas é constituído pelo mesmo piso, dele tendo sido apenas abertas como rompimento alvéolos para fixação das pedras constituintes das estruturas tumulares.

Se atendermos às sepulturas acima do piso de tijolo moído e se se confirmar a existência de muros abaixo dele, poderemos pensar na hipótese de haver três níveis arqueológicos neste sector, ao contrário do que à primeira vista parecem indicar os restantes sectores, onde apenas podemos notar a existência duma fixação romana.

6. CONCLUSÃO

No estado actual da escavação ainda é cedo e perigoso tirar ilações sobre os vestígios postos a descoberto. Contudo, pensamos não estar longe da verdade se afirmarmos que estamos em presença duma "villa" romana que posteriormente foi ocupada aquando do domínio visigótico.

Pela inexistência de qualquer tipo de cerâmica fina (sigilata ou paredes finas), a ausência de solos de mosaicos, a escassez de colunas ou fragmentos delas, a presença de estruturas habitacionais ligadas a actividades agrícolas e própria inserção na paisagem, poderemos para já levantar duas hipóteses de leitura: - ou se tratava duma "villa" extremamente pobre, ou fazia parte dum grande complexo agrícola, não se localizando neste local a parte senhorial da "villa".

Da presença visigótica, os poucos elementos existentes (moeda, base de coluna e possíveis sepulturas), levam-nos a pensar que a sua fixação foi pouco demorada.

A existência na actualidade do velho monte do Mascarro a escassos 500m das ruínas em estudo, poderá certamente assentar sobre as ruínas da área senhorial da "villa".

Pensamos ser conveniente para uma melhor compreensão proceder no próximo ano à abertura duma sondagem junto ao Monte, bem como a ligação da escavação do sector A ao C, e ao alargamento do sector D até definir as estruturas envolventes ainda não delimitadas na totalidade.»

Setembro 1984

Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira

Transcrição do Relatório de Escavação - 1985

Autoria: Jorge de Oliveira

«1. INTRODUÇÃO

OS trabalhos realizados no Mascarro durante a primeira quinzena de Agosto de 1985, contaram com o apoio da Câmara Municipal de Castelo de Vide, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide e universidade de Évora.

Solicitada que foi a colaboração do S.R.A.Z.S. para a apoio científico aos trabalhos arqueológicos no Mascarro, foi por este Serviço indigitada, por sugestão do G.A.C.V., a equipe de trabalho dirigida pelo Dr. Jorge Oliveira com a colaboração da Dr^a Carmen Balesteros, com o fim de consolidar e criar zonas de drenagem das estruturas postas a descoberto em anteriores escavações. Não se realizando, portanto, no ano de 1985 qualquer tipo de escavação sistemática, mas tão só o alargamento, quando necessário dos sectores com vista à criação de planos desnivelados que possibilitassem a drenagem das águas pluviais.

Os trabalhos levados a efeito no verão de 85 incidiram unicamente nos sectores A e C.

2 . SECTOR A

Os trabalhos realizados neste sector constituíram-se primordialmente no alargamento deste para Poente de modo a possibilitar a definição de derrubes já anteriormente detectados, a fim destes serem consolidados, criando-se paralelamente junto ao muro Ocidental um plano desnivelado com capacidade de condução das águas pluviais.

Deste modo, em L/8 foi posto a descoberto parte de um reservatório para líquidos, apresentando vestígios de revestimento a argamassa com grande percentagem de tijolo moído. Junto à base são ainda visíveis vestígios duma “meia-cana” material. Este reservatório comunica com o exterior por um largo canal obtido por grandes blocos graníticos.

Os quadrados justapostos (L/7 e L/6) apresentavam derrubes de construção, até uma profundidade de 0,96 m em relação ao nível do solo arável, local onde se recolheram seis moedas atribuíveis a Constantino.

Neste Setor A, procedeu-se à abertura duma vala de 0,50m de largura no sentido E/W por 3,00 m no sentido N/S, com o fim de possibilitar a drenagem de águas pluviais. Esta vala localiza-se a Sul e perpendicular ao quadrado H/6 que em anteriores escavações atingiu a profundidade de 1,20m,ultrapassando,assim,a base dos alicerces das estruturas habitacionais, necessitando deste modo uma urgente saída de águas, que a acumularem-se levariam à derrocada das principais e melhor conservadas estruturas da Vila do Mascarro.

Durante os trabalhos de abertura desta vala de drenagem detectaram-se novas estruturas, demonstrando que a Villa se prolongava mais para Sul, certamente até junto do velho caminho de acesso à Herdade.

SECTOR C

Realizaram-se também durante a campanha de 85 trabalhos de drenagem no sector C. Estes trabalhos traduziram-se na definição das estruturas da face Poente deste núcleo.Com o fim de drenar este sector procedeu-se à retirada de derrubes que se amontoavam sobre os muros.

Após uma primeira camada de pedra e terra que não ultrapassou os 0,20 m entrou-se num nível de terra escura com grande abundância de cinzas, onde escória de ferro foi

detetada em grande quantidade, conjuntamente com fragmentos de cerâmica que apresentavam sinais de terem sofrido altas temperaturas directamente. Pelas características das estruturas e pelo espólio recolhido pensamos estar em presença das ruínas duma oficina ou anexos de ferreiro.

CONCLUSÃO

Se por um lado o trabalho já desenvolvido na Herdade do Mascarro justifica o alargamento das áreas escavadas, por outro, e dado o reduzido interesse arquitetónico, arqueológico e turístico da estação, pensamos que novas ações deste género devem ser canalizadas para estações arqueológicas que pela sua eminência de destruição, interesse arqueológico e turístico se tornem mais imperiosas. Contudo, não queremos com isto dizer que os trabalhos já efetuados no Mascarro, não se tenham mostrado cientificamente úteis, pois deram a conhecer estruturas duma villa rústica que se estende de finais do Império até à presença dos Visigodos, deixando só praticamente nos nossos dias de ser habitada.

Pelo acima exposto pensamos que a realizarem-se novos campos de trabalho no Concelho de Castelo de Vide estes deveriam incidir sobre outras estações arqueológicas que justifiquem uma actuação imediata tais como sejam o complexo arqueológico dos Mosteiros, o monumento de falsa cúpula da Atalaia ou a possível necrópole do Bronze da Tapada da Nave Redonda.»

Outubro de 1985
Jorge de Oliveira

Transcrição do Caderno de campo Mascarro - 1984

Autoria: Jorge de Oliveira

VILLA RÚSTICA DO MASCARRO Castelo de Vide

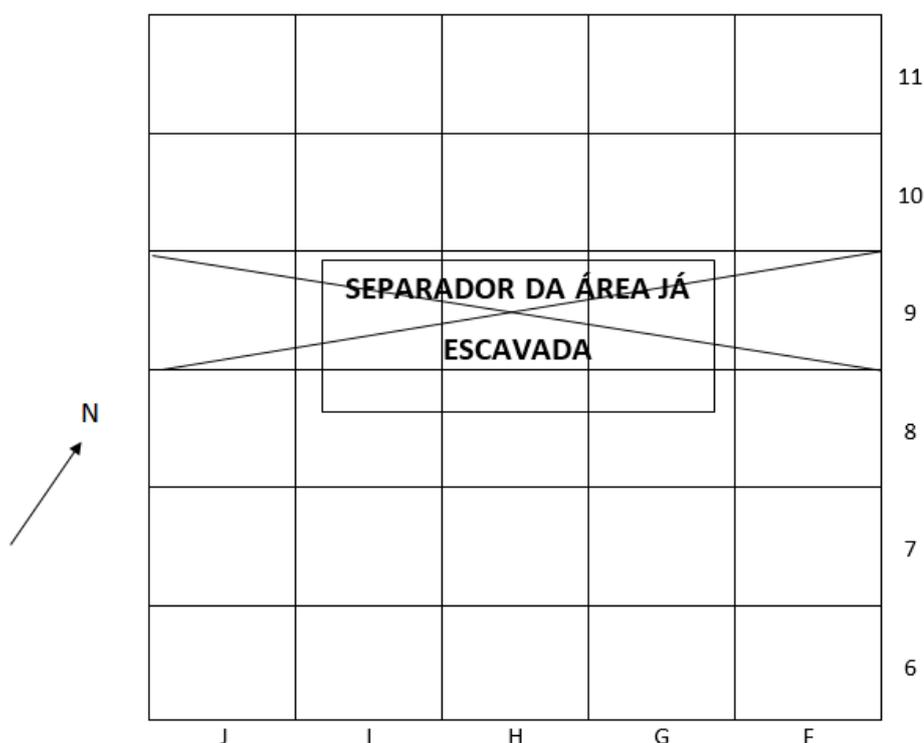
«Fui contactado em inícios de Julho de 1984 pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul e pelo grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, para dirigir o Campo de Trabalho Internacional de Arqueologia, em substituição de Diamantino Sanches Trindade, que tinha iniciado no ano de 1983 escavações neste local.»

Segunda-feira – 30/07/84

«Para um primeiro encontro, desloquei-me com o Joaquim Mateus a Castelo de Vide, para se proceder à escolha da área a escavar. Cheguei à conclusão que ainda não há levantamento topográfico, e os picos eram apenas os picaretos do FAOJ. O código de estação será [MA/84]. O registo das peças será MA/84/nº do quadrado/nº Serie do

quadrado. A marcação de rede de quadrículas será de 2 em 2 metros, sendo o eixo dos XX discriminado com letras e o dos YY com números. No terreno deparei-me com a marcação de três setores, completamente desorientados entre si. Para além desta desincronia entre setores, apercebi-me que os sectores em si também não estavam orientados segundo qualquer eixo pré-estabelecido, não havendo mesmo marcação de setores geometricamente. Perante este desencontro total, optei pela marcação duma rede de quadrículas a partir do sector mais a Sul em direção aproximada do Norte, de modo a que se possibilitasse uma compressão das estruturas habitacionais já visíveis. O setor mais a Sul que se estende por uma área de 10mX6m, foi assim prolongado por uma nova marcação de 6X10m, sendo a nova marcação separada da antiga por um separador de 2X10m.»

Terça-feira – 31/07/84



«Às 14.30h desloquei-me com o Joaquim Mateus a Castelo de Vide para se proceder à marcação das quadrículas internas. Quando se ia a proceder a esse trabalho, verificamos que o mato era tanto que nos impossibilitou esse trabalho, assim deixamos essa marcação para amanhã depois de se ter limpo o mato todo.

Acompanhado pelo Pita, Joaquim Mateus e Caldeira, andamos a ver as estruturas já escavadas, onde se verificou haver ainda bastante por escavar nessas áreas. Deste modo, para além do início de escavação da nova área iremos proceder a conclusão das áreas já iniciadas. Ao mesmo tempo que nós verificamos a área a escavar, o resto do pessoal montava as tendas. Não se fez mais nada hoje.»

Quarta-feira 01/08/84

«Chegado ao campo à 11 horas. Ainda não se sabe se há Teodolito.

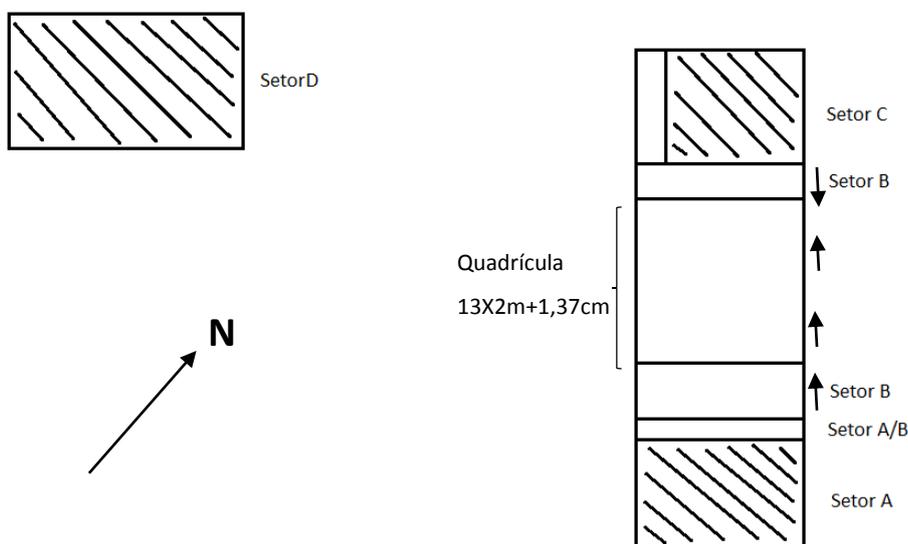
Denominei por sector A o mais a Sul, já anteriormente a ser escavado, o separador – por separados A/B. Imediatamente acima para Norte do primeiro sector depois do separador, onde se ira abrir um novo sector terá o nome de sector B. Sendo o sector C o já anteriormente escavado, a Norte de todos estes.

Como responsável do setor A onde se procederá a uma definição de estruturas ficou a Maria José Coimbra Amaro da Silva e como seu apoiante João Alexandre Transmontano Laranjo.

Denominei como setor D o setor, aquele que se encontra mais deslocado desta anterior série, já anteriormente escavado.

A Maria Rosa Pinheiro Martins, ficou responsável pelo registo fotográfico.

O Joaquim Henrique Santos Costa fica responsável pelo material de escavação acompanhado pelo Paulo Morais.



No sector C, abrir-se-á uma nova área para que o prolongamento proveniente do sector A e B para ficar unido, já que este sector C tem abertos apenas um eixo dos XX 6 metros enquanto que no sector A e B é de 10 metros.

Assim abrir-se-á no sector C uma nova área de 4 metros do eixo XX. O Joaquim Mateus ficará responsável pelo setor B. Em relação ao setor C e ao setor D, ainda não se optou por nenhum responsável aguardando à chegada dos outros participantes.

Na parte da tarde, iniciou-se o trabalho às 17.30m com a desmontagem do “Moroço” que fica no setor B, mudando-se as pedras por “formiga” para junto da formação granítica que fica a Nascente.

Aquando da limpeza superficial do setor D começou a aparecer carvão, abaixo do nível de piso (opus).

Recolheu-se parte do carvão, nivelando-se este nível de carvão pelo nível geral de escavação nesta área.

*O setor C ficou já quase totalmente varrido para se iniciar amanhã a fotografia.
O setor A já ficou com a quadrícula de fio montada para ser fotografado e iniciar-se
amanha a escavação.*

RESPONSÁVEIS

Setor A - Maria José Coimbra Amaro da Silva
- João Alexandre Transmontano Laranjo

Setor B - Joaquim Mateus Serigado

Setor C -

Setor D -

Registo fotográfico }
Registo materiais (peças) } Rosa Martinho
Material da escavação - } Joaquim Costa
- Paulo Morais

Material recolhido - Paula Manso
- Caldeira

*«O setor B está em fase de limpeza, ficando amanhã já limpo.
Em relação ao sector D, à primeira vista, parece-me ser o mais complexo a nível de
análise. Assim, penso existirem possivelmente três fases de construção uma, a mais
recente, contemporânea das sepulturas que se encontram implantadas sobre um nível
de solo, um segundo nível deferido pelo solo de barro triturado e com o aparecimento
de carvão em grande quantidade abaixo das estruturas delimitadas dos pisos (solos)
penso ser este o mais antigo em relação a esta construção. Por agora ainda se torna
arriscado tecer considerações de carácter cronológico mas certamente não estarei longe
de poder afirmar a existência de três fases de ocupação, sendo naturalmente a primeira
não muito distante cronologicamente da segunda, enquanto a terceira e última seria
possivelmente já a visigótica.»*

Quinta-feira - 02/08/84

*«Chegado ao campo às 8 horas. Início dos trabalhos com a continuação dos trabalhos já
anteriormente iniciados.*

*No sector D continuou-se a aprofundar o local onde ontem apareceu carvão, tendo-se
aprofundado cerca de 2cm, aparecendo terra muito escura e manchas de cinzas.*

*O pessoal do GAT de Portalegre visitou-nos para saber qual o tipo de levantamento
desejado. Perante a dificuldade de cedência de pessoal optou-se pela elaboração duma
planta de localização dos cortes e pela chamada de cotas arbitrárias ao corte e a fixação
dum ponto de cota zero que possibilite a existência sempre de cotas negativas, a toda a
área a escavar.*

*No sector D iniciou-se a limpeza em profundidade da sepultura afim de compreender a
sua forma de implantação.*

*O Pita começou a desenhar o corte A na escala 1/20, acompanhado por outra equipe de
desenho.*

Depois de almoço iniciou-se a escavação dos F27 e F26 (sector C). Na primeira camada artificial F26 apareceu um fragmento de um bordo dum peça em bronze. Chegou-se ao fundo da sepultura onde se encontrou um piso igual ao resto do piso geral.»

Sexta-feira - 03/08/84

«Continuou-se com o trabalho ontem iniciado. Ficaram dois jovens a desmontar o moroiço que se situa no corte B. Chegou-se finalmente ao fundo da sepultura no sector D encontrando-se um piso exatamente igual ao exterior – barro triturado e pisado. No sector C (F-27) que se encontra ainda a um nível de 15cm do terreno recolheu-se uma semente e um fragmento de molar de herbívoro. Em F-26 continuaram a aparecer fragmentos de peças em bronze aos 47 cm. Em G-27 iniciou-se a decapagem da parte ainda não escavada.»

Sábado - 04/08/84

«Continuação dos trabalhos iniciados antes. Em F26 atingiu-se os 0,55m começando-se a delimitar estruturas que se prolongavam para Nascente. Como se tinha marcado um prolongamento de 1 m de XX para Nascente a fim de enquadrar a escavação efetuada no ano anterior iniciou-se a escavação nesse local para compreender a estrutura que se começou hoje a delinear. A este prolongamento que se infiltra em metade dos EE passou-se a denomina-los de Eb. Sendo o que se iniciou hoje a escavar o EB26. No sector apos a fixação do corte junto ao piso verificou-se a inexistência de calhaus rolados e verificou-se também que este piso foi constituído sobre uma estrutura que parece ser mais antiga. Iniciou-se em F8 o contorno do quadrado que não tinha ficado totalmente escavado no ano anterior.»

Segunda-feira - 06/08/84

«Chegaram os topógrafos e iniciou-se a marcação. Também chegou a reto-escavadora para a limpeza da área do sector B. A marcação da quadrícula demonstrou o total desencontro das anteriores áreas escavadas. No sector A à direita do muro superior direito apareceu material osteológico. Procedeu-se à fotografia das estruturas do sector A e B com ajuda da retro. No setor C continuou-se a avançar normalmente sem haver nada de importante a apontar. Da parte da tarde no setor A, iniciou-se a desmontagem do derrube nos quadrados J6 e I6, onde apareceram fragmentos de tijoleira com marca de pata de cão.»

Terça-feira - 07/08/84

«Por necessidade de me deslocar a S.to António das Areias não pude estar presente durante todo o dia na escavação.

Continuou-se a abrir áreas anteriormente iniciadas. Tendo-se recolhido no setor A uma moeda de Constantino em bronze (J6). Os topógrafos acabaram as marcações nesta estação.

À noite desloquei-me à estação para saber do que se passava»

Quarta-feira - 08/08/84

«No setor D O Sr. Joaquim Mateus mais o senhor António Cerqueira iniciaram as marcações das quadrículas para posterior desenho.

Em J26 começou a aparecer um piso de tijoleira. Em J26 apareceu o início duma estrutura encimada por uma pedra aparelhada com duas ranhuras pensando-se de momento ser uma soleira de porta.

Da parte da tarde iniciou-se a escavação duma casa na zona palaciana que ainda mantinha paredes de 2m de altura. Recolheu-se aí uma moeda romana.

No setor A iniciou-se a desmontagem do material de arraste para uma definição das estruturas habitacionais.

Na barreira de F8 para F9 apareceu um fundo de ânfora.»

Quinta-feira - 09/08/84

«Continuação dos trabalhos iniciados nos dias anteriores.

Em I25 setor C aparecem um fragmento de asa de ânfora.

Em G25 conjuntamente com dois grandes blocos de escória de ferro apareceu carvão e uma grande mancha de cinzas.»

Sexta-feira - 10/08/84

«Procedeu-se à recolha de amostras de terra do setor A de terra de superfície e da mancha de cinzas do setor C.

O Pita concluiu o desenho do setor D.

Fomos visitados pelo Sr. Delegado do FAOJ.

Continuou-se com a desmontagem, dos derrubes do setor A começando-se a delinear as estruturas habitacionais.»

Segunda-feira - 13/08/84

«Reinício dos trabalhos com reduzido número de pessoal já que não se encontravam no acampamento.

Com os poucos jovens que compareceram continuou-se a desmontagem do derrube do setor A e a definição dos muros do setor C. Na casa da área senhorial continuou-se novamente a escavação. Deu-se por concluído o trabalho no setor D pois a dois dias do fim da campanha não se justificavam a abertura de novos quadrados.

Continuou-se a lavagem de cerâmica.»

Terça-feira - 14/08/84

«Reiniciaram-se os trabalhos de modo a permitir uma leitura geral das estruturas. Assim, e atendendo a que este é último dia de trabalho efetivo procedeu-se à limpeza dos setores, especialmente do setor A onde se pretendeu definir o piso de pedra deste setor. No setor C estão se a concluir os desenhos e a proceder à limpeza geral.»

Quarta-feira - 15/08/84

«Fim dos trabalhos com fotografia geral e limpeza dos cortes. Arranque dos pregos das quadrículas. Ultimação dos desenhos.

Após o almoço, fotografia geral dos participantes e pequeno “briefing” do ponto da situação, onde foram por mim abordados os seguintes temas:

- Desenhar da escavação*
- Administração*
- Trabalhos a realizar em gabinete*
- Agradecimentos.»*

Jorge de Oliveira

Transcrição do Caderno de campo Mascarro - 1985

Autoria: Jorge de Oliveira

2ª CAMPANHA

«Com o apoio da C.M. de Castelo de Vide e do FAOJ vão realizar-se novos trabalhos arqueológicos na estação romana/visigótica do Mascarro.

A presença de Cármen Balesteros e de Jorge de Oliveira devem-se ao pedido feito pelo GACV ao SRAZS para acompanhar as consolidações e drenagens nesta estação.»

Quinta-feira - 01/08/85

2ª Campanha realizada na Herdade do Mascarro

«Chegada ao acampamento as 8:30h da manhã. Montagem do acampamento. Apresentação de alguns dos elementos do campo de trabalho. Ultimação dos preparativos nos banheiros. As 13h, almoço. As 16h início dos trabalhos. Prolongou-se o setor A, dois metros para Poente. No setor B realizou-se um prolongamento de dois metros para Poente! Marcação das marcas com o teodolito. Chegaram agora, 17h mãos dois elementos do Porto.

Limpeza do setor A e do setor B.

Início da escavação no prolongamento do setor A.

A Cristine e a Catherine estão na área de transição do setor I para o setor J. Estão a afundar o setor J à mesma cota do setor I, que se encontra à cota de 56cm abaixo do nível da terra arável.

Os prolongamentos nos setores A e B justificam-se por um lado pela necessidade de compreender as estruturas já postas à vista nas campanhas anteriores que se prolongam para Poente bem como pela necessidade de criar áreas desniveladas para drenagem das áreas já abertas.

Pela quantidade de participantes penso ser possível proceder à abertura dum novo setor de 4X4m junto à casa da mouta de carvalhos, local onde são detetáveis blocos graníticos amontoados e alguns deles afeiçãoados.

Esta abertura a efetuar-se só se processará na manhã seguinte.»

Sexta-feira – 02/08/85

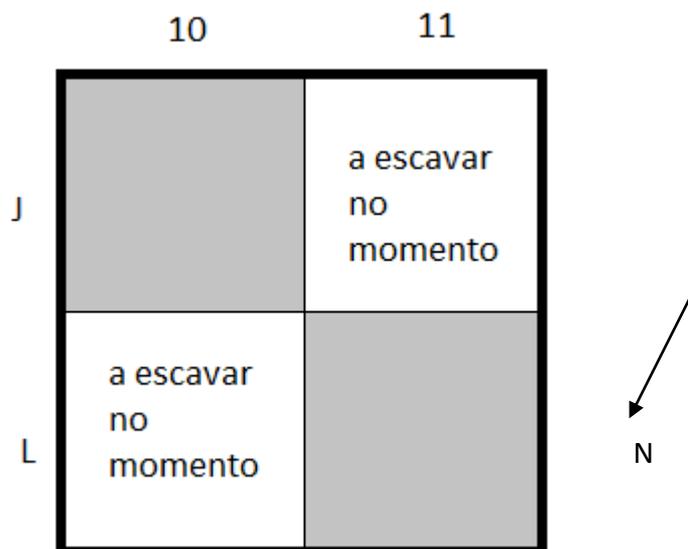
«Chegada ao acampamento às 9.00h. Início dos trabalhos as 9.30h. Prolongamento de 2m no setor B. Começou a escavar-se os quadrados I25, I26, I27.

Marcação com o teodolito de um novo setor (setor E) 26 metros a poente do setor B a partir da estaca B do levantamento topográfico. Marcou-se um quadrado de 4mX4m.

No setor A, quadrado J apareceu um fragmento de osso à cota de 46 cm de terra arável.

A estaca B está à cota de 96,23.

No setor E junto aos carvalhos, de 4X4m iniciou-se a escavação em xadrez.»



Marco B – 96,23
+147
97,70

O ponto da cota arbitrária para o setor E está numa cota numa pedra a 97,70.

Setor A – Aos 92,72 sobre 0.98 ca (a converter) está a aparecer material de derrube cerâmica e lítico quadrado 8I.

Setor E – Continua aparecer cerâmica romana em quantidade no setor E.

Fim da semana

3 e 4 de Agosto

Segunda-feira – 05/08/85

«Início dos trabalhos às 9.30.

No setor A, zona de entulho, quadrado 18 apareceu uma moeda romana, na terra do crivo, 0.36 ca.

X (?) – 1,60m

Y (?) – 66cm

Z – 92,62m

No setor B apareceu um objeto de cerâmica que se pensa ser um fundo de ânfora, 0,13 ca.

Y – 75cm

X – 1,36m

Z – 96,10m

Continuação da escavação nos setores A, B e E.

No setor A quadrado 18 apareceu fragmentos de cerâmica romana que parecem pertencer a um mesmo vaso.

X – 0,59m

Y – 0,47cm

Z – 92,71m

No setor B quadrado 126 apareceu um fragmento de vidro.

X – 1,80m

Y – 1,00cm

Z – 0,28ca 96,84

No quadrado 127 apareceu fragmento de cerâmica.

No setor B quadrado 126 apareceu escória de ferro e vidro e pedaços de cerâmica comum. Apareceu também um pedaço de lápis-lazúli.

No setor A quadrado 7L apareceu um fragmento de bronze trabalhado.

No quadrado 8L apareceu cerâmica comum, terra de possível talha e ossos na zona de entulhamento.

No setor E começou a aparecer as estruturas definindo-se talvez um muro.

No setor A quadrado 7L apareceu um artefacto de chumbo.

No setor E quadrícula J11 estão a aparecer estruturas Z – 0,26.»

Terça-feira - 06/08/85

«Início dos trabalhos as 9.30h. Continuação da escavação no setor A, B e E. No setor E esta a aparecer muita escória de ferro.

No setor B quadrado I26 apareceu fragmentos de um vaso. No setor B quadrícula I26 tem aparecido escória de ferro na quadrícula I27 tem aparecido fragmentos de vidro.

No setor A quadrícula 7L apareceu um prego de ferro.

Início do trabalho as 16h. No setor A quadrícula L7 apareceu um fragmento de objeto de ferro. Na quadrícula L8 foi retirado um osso de animal. No setor E tem aparecido fragmentos de vidro.

No setor B quadrícula I26 definiu-se mais um muro.

No setor A quadrícula L7 apareceu uma moeda romana.»

Quarta-feira - 07/08/85

«Início dos trabalhos as 9.30h. No setor E quadrícula L10, estão a aparecer pregos.

No setor A quadrícula L8 apareceram fragmentos de vaso que dão colagem.

No setor E quadrícula L10 apareceu um fragmento de gargalo e outro de fundo. No setor A, quadrícula L8 apareceu um fragmento de ferro. No setor E quadrícula L10 continuaram a aparecer pregos de ferro. No setor A quadrícula L7 apareceu duas moedas romanas.

No setor B quadrícula I26 apareceram mais duas moedas romanas.

Início dos trabalhos as 16 horas. Continuaram a ser escavados os setores A, B e E.

No setor A quadrícula L7 apareceram hoje sete moedas. Também aqui apareceu um fragmento de Sigillata.»

Quinta-feira - 08/08/85

«Início dos trabalhos as 9.30h. Apareceu uma moeda no setor A quadrícula L7.

Apareceu outra moeda no setor A quadrícula L7. No setor B estão a aparecer grande quantidade de cinzas.

No setor B quadrícula I27 apareceu um gargalo de ânfora. No setor A quadrícula L8 apareceu um fuste.»

Sexta-feira - 09/08/85

«Início dos trabalhos as 9.30h. No setor B e E estão a aparecer muitas cinzas.

Sob um nível de telhas (imbrex) no setor a cor da terra demonstra a existência de cremações.»

Segunda-feira - 12/08/85

«Início dos trabalhos as 9.30h. Pessoal reduzido a menos de metade. Continuação dos trabalhos nos setores A, B e E. Nivelamento das quadrículas de cada setor. No setor B apareceu cinzas à cota de 96,36 aparece também muita cerâmica queimada. No setor E aparecem muitas cinzas a cota de 96,12. O Pita está a fazer o desenho do setor B.»

Transcrição do Levantamento Arqueológico do Cangão aos Lavradores - 1991

Autoria: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

«INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta surge no desenvolvimento do projecto de actualização da Carta Arqueológica do Concelho, cuja finalização desde há muitos anos a esta parte é um dos objectivos prioritários deste Grupo. Com efeito, os esforços que têm sido desenvolvidos no sentido de inventariar os testemunhos arqueológicos existentes ou corrigir as eventuais informações erróneas em registos de estações arqueológicas já há muito conhecidas e referenciadas, mal-grado não serem dispendidos com a intensidade e rotina necessárias, têm-se traduzido em resultados indiscutivelmente positivos.

Efectivamente, apesar do concelho de Castelo de Vide ter sido beneficiado com diversos trabalhos de âmbito arqueológico, mormente a Carta Arqueológica de 1974, que acabaram por identificar uma grande parte dos vestígios existentes, resta, ainda, uma imensa área por prospectar, e onde, certamente, se irão recolher novos e importantes dados para o estudo da permanência do Homem no espaço vertente.

A área da intervenção desta prospecção justifica-se pela noção de continuidade pela qual optámos desde que tomámos consciência da necessidade de sistematizar este tipo de actividade, exceptuando os casos que obrigam às prospecções pontuais e isoladas do contexto espacial de base.

Assim, para uma primeira fase do projecto global, tomando como referências o limite do Concelho a sul e a estrada nacional 246 a norte naturalmente que depois de todo o extremo sudeste e a Serra da Penha terem sido prospectados, sucedia-se a área subsequente (mapa 1).

Por último, refira-se que os nomes "Cangão" - "Lavradores" usados para referenciar esta fase do levantamento arqueológico tem origem nos nomes correspondentes dos dois marcos geodésicos existentes no espaço em análise. (...)

DESCRIÇÃO DOS LIMITES DA PROSPECÇÃO

A área prospectada por este levantamento arqueológico figura no mapa anexo nº1, sendo definida pelos seguintes limites:

- Desde os extremo sul do Concelho com o concelho vizinho de Portalegre, junto à placa sinalética de divisão de Concelhos colocada na E.N. 246 (a 100m da "Casa de Cantoneiros"), acompanha para oeste a linha divisória concelhia (Vale Serrão) onde encontra a Ribeira de Nisa. Nesta segue por toda a margem direita até à Ponte Panasco. Aqui acompanha a E.N. 246 - Alpalhão - para este até ao antigo entroncamento da "Estação C.F.". Deste inflete pela E.N. 246 na direcção de Portalegre até chegar novamente à linha limite dos Concelhos.

DIÁRIO DE PROSPECÇÃO

Dia 02/03/1994

(...)

A cerca de 150 m para SE da fonte acima indicada, encontrámos uma fontela que parece ser mais recente que a anterior. Está encimada por uma base de coluna, granítica, com talhe idêntico a uma outra em depósito desta Secção (no Castelo de Castelo de Vide), proveniente da estação arqueológica do Mascarro, oferecendo esta, porém, menores dimensões. Procedeu-se ao seu registo gráfico e fotográfico. (...)

17 CALÇADA DO MASCARRO

Processo - (aguarda nº de inventário)

Inédita - Bom estado de conservação

Cronologia indeterminada

Troço entre a Ribeira de Nisa e o monte do Mascarro

Junto à estação arqueológica do Mascarro passaria uma via cujos vestígios são ainda hoje visíveis, sobretudo no troço atrás referido. Pressupomos que a calçada será coeva à estação arqueológica, no entanto seria conveniente tentar proceder ao estudo do seu trajecto. É também aconselhável efectuar registos fotográficos da mesma.

18 SEPULTURA, ESCAVADA NA ROCHA, DO MASCARRO

Processo - 65/335/52

Bibliografia - Mau estado de conservação

Idade Média

Coordenadas U.T.M. - 29SPD 2808 6345

Sepultura escavada na superfície de um bloco granítico.

Apresenta uma fractura ao nível dos pés, pelo que seria conveniente consolidar as fissuras existentes que aumentam os riscos de maior degradação.

Propomos a sua classificação.

19 ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MASCARRO

Processo - 44/335/35

Bibliografia - Mau estado de conservação

Tardo-Romano / Alta Idade Média

Coordenadas U.T.M. - 29SPD 2790 6330

O seu mau estado de conservação deve-se, sobretudo, ao facto de se terem realizado várias campanhas de escavação e após as quais não terem sido tomadas as medidas de protecção adequadas. Propõe-se que sejam desenvolvidos esforços no sentido de preservar a área escavada, bem como conseguir a sua classificação.

21 SEPULTURA 1 DO MASCARRO

Processo - 63/S/22

Inédita / Praticamente destruída

Cronologia indeterminada (Luso-romano / Alta Idade Média)

Coordenadas U.T.M.: - 29SPD 2790 6355

A sepultura está praticamente destruída e este estado deve-se certamente às violações a que foi sujeita, bem como à eventual acção das máquinas agrícolas.

Actualmente esta sepultura encontra-se visivelmente isolada, porém segundo as informações orais já mencionadas na ficha de levantamento do Mascarro, proc.

44/335/35, poder-se-à levantar a hipótese dela ter pertencido ao cemitério de que há memória.

É urgente a sua escavação! antes que seja totalmente destruída.

22 SEPULTURA 2 DO MASCARRO

Processo nº 64/S/23

Inédita / Mau estado de conservação

Cronologia indeterminada (Luso-romano / Alta Idade Média?)

Coordenadas U.T.M. - 29SPD 2785 6355

Sepultura que se encontra bastante alterada em relação à sua planta original, facto que se deverá certamente às violações ou às práticas agrícolas.

Não oferece tampa e os esteios dos pés parecem já não existir.

Seria de toda a conveniência efectuar a sua escavação.

23 CHAFURDÃO 1 DO MASCARRO

Processo – 53/M/31

Bibliografia - Mau estado de conservação

Cronologia indeterminada

Coordenadas U.T.M. - 29SPD 2801 6369

O monumento corre graves riscos de aluimento total da cúpula. É urgente a consolidação das suas estruturas e limpeza da vegetação que o envolve.

24 CHAFURDÃO 2 DO MASCARRO

Processo – 58/M/32

Bibliografia - Péssimo estado de conservação

Cronologia indeterminada

Coordenadas U.T.M. - 29SPD 2772 6360

A vegetação que envolve o monumento é de tal forma densa que não foi possível observar a construção de modo desejável, pelo que não foi realizado o registo gráfico. A cobertura ruíu quase na totalidade.

É necessário efectuar a limpeza da vegetação e registo gráfico, a consolidação das estruturas e a proposta de classificação.»

Anexo III – Apêndice Gráfico

Plantas dos Setores

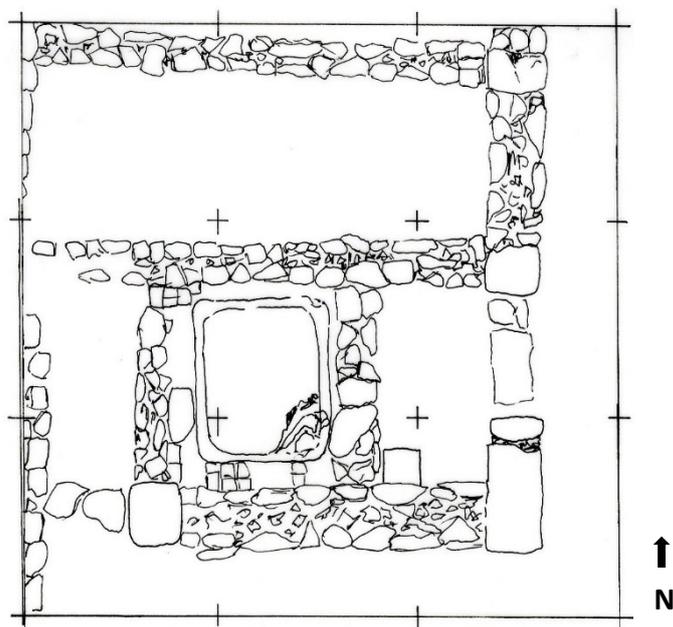


Figura 7 - Desenho do Setor A, 1983 (Relatório de Escavação de 1983)



Figura 8 - Desenho do Setor A, 1984 (Relatório de Escavação de 1984)

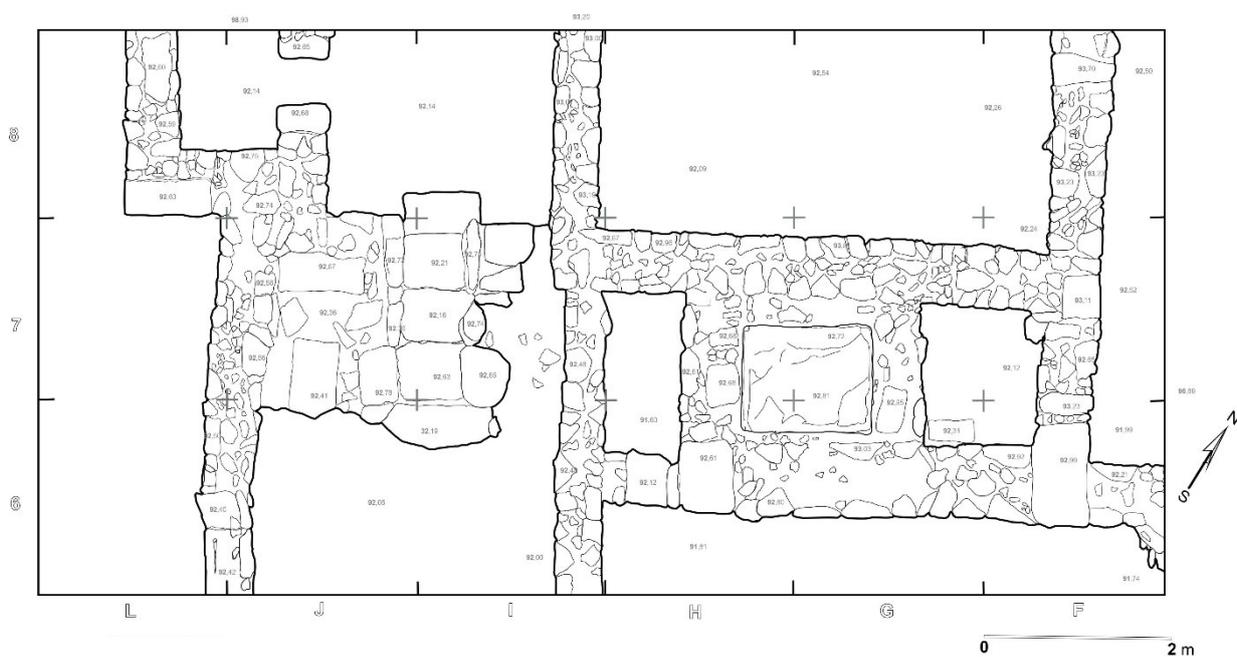


Figura 9 - Desenho do Setor A, 1985 (Relatório de Escavação de 1985)

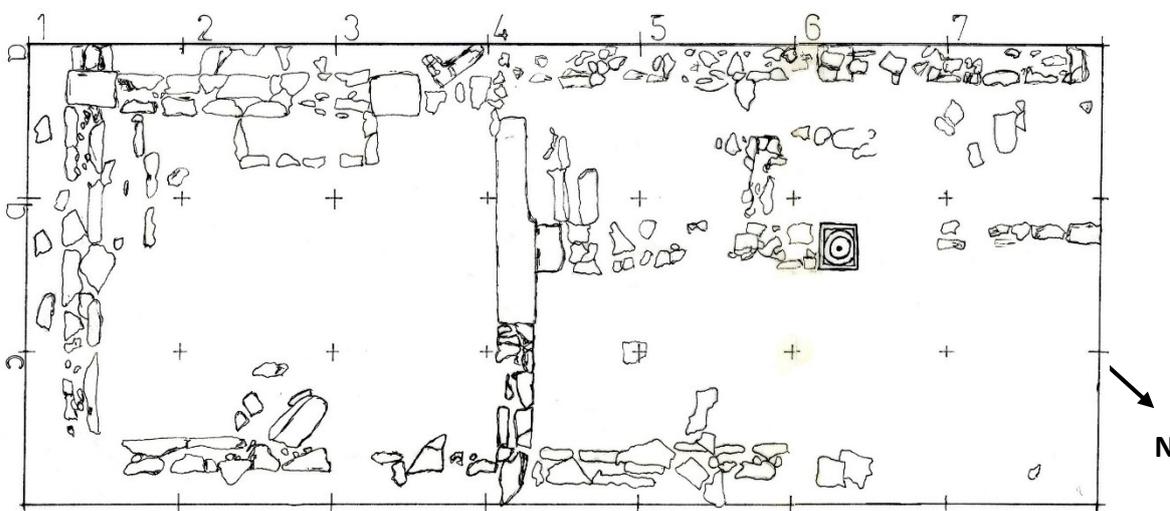


Figura 10 - Desenho do Setor B, 1983 (Relatório de Escavação de 1983)

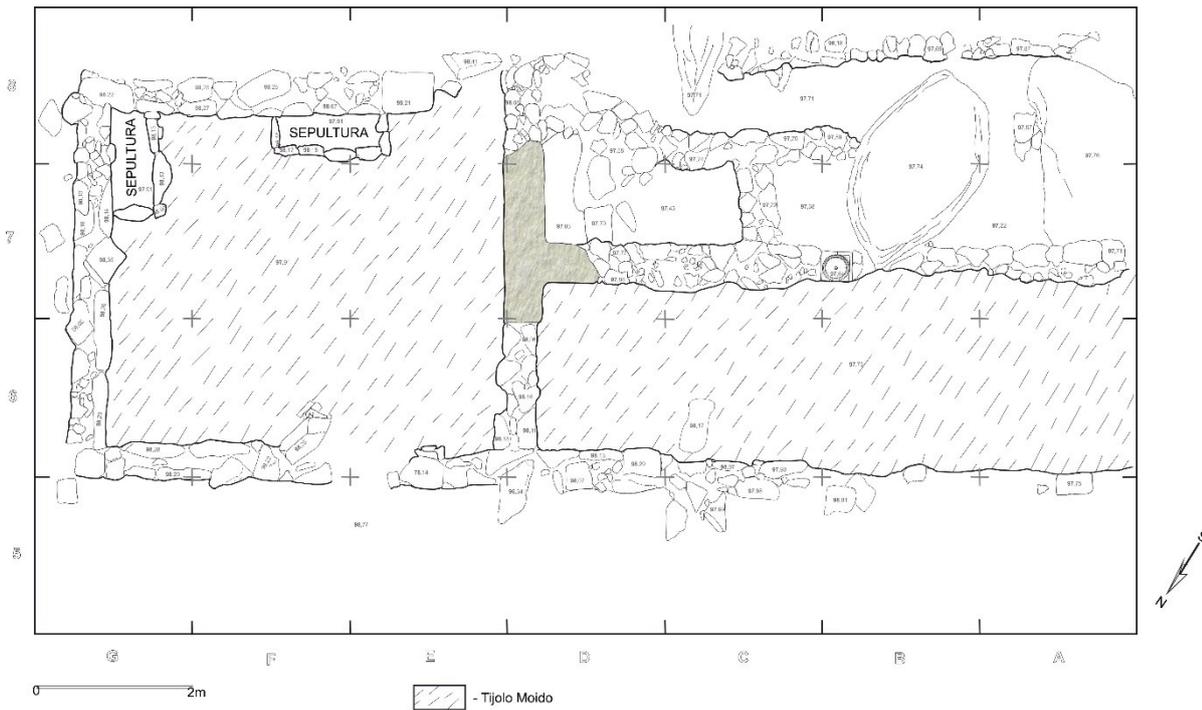


Figura 11 - Desenho do Setor D, 1984/1985 (Relatório de Escavação de 1984)

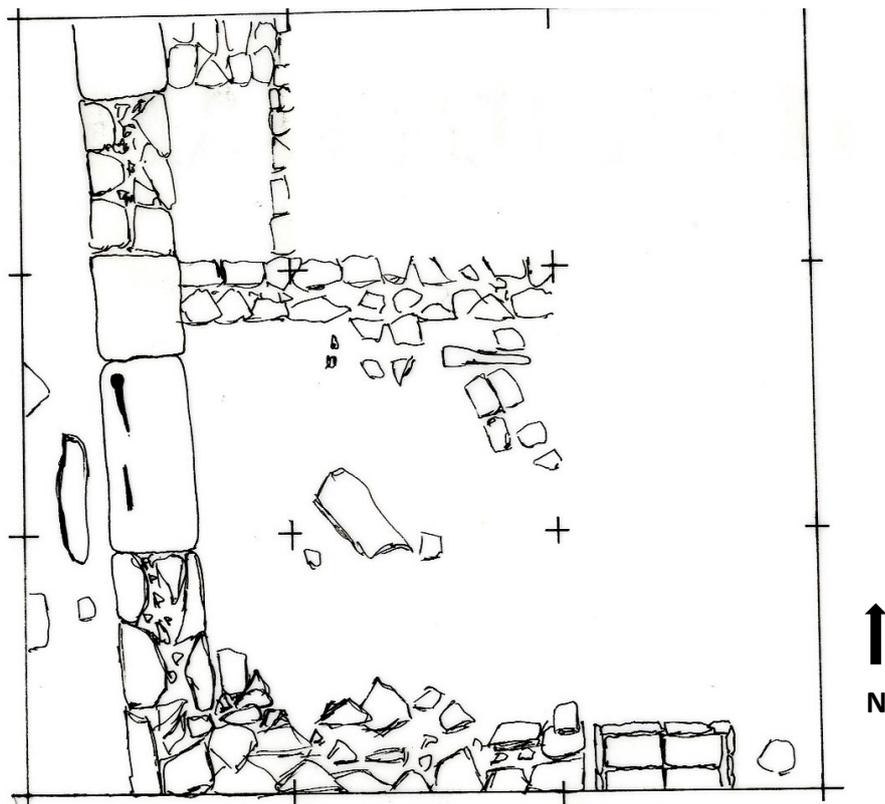


Figura 12 - Desenho do Setor C, 1983 (Relatório de Escavação de 1983)

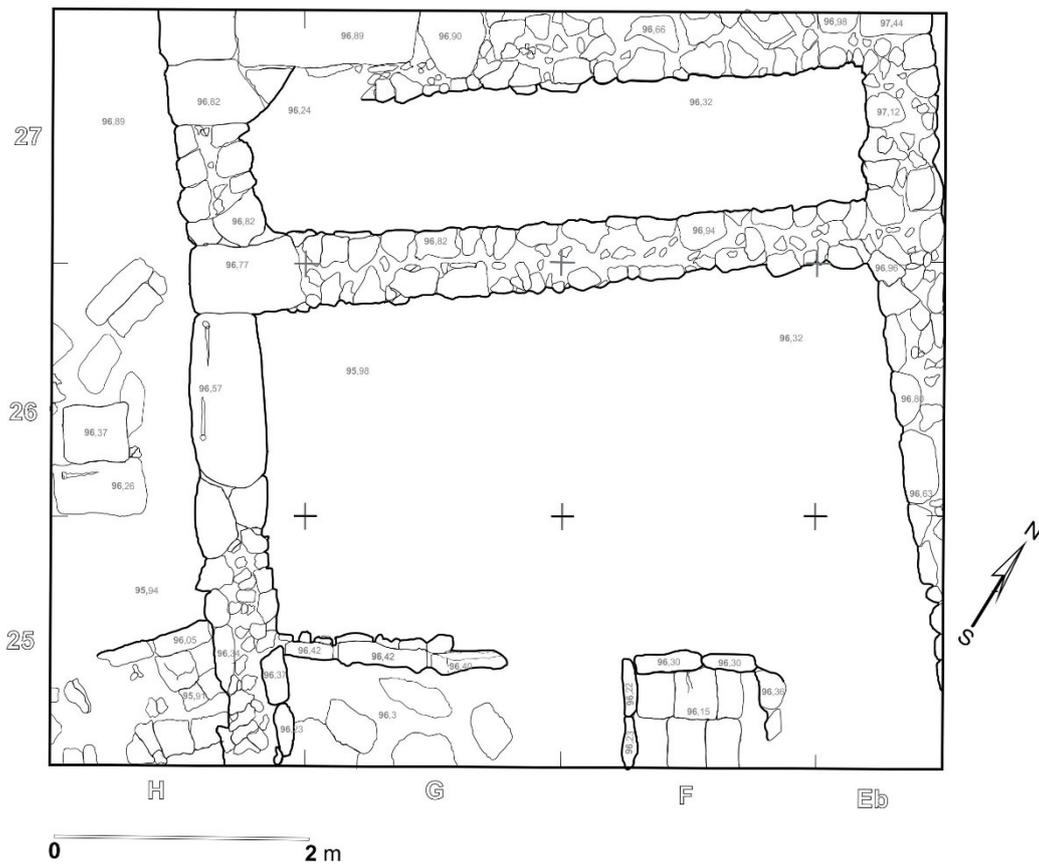


Figura 13 - Desenho do Setor C, 1984 (Relatório de Escavação de 1984)

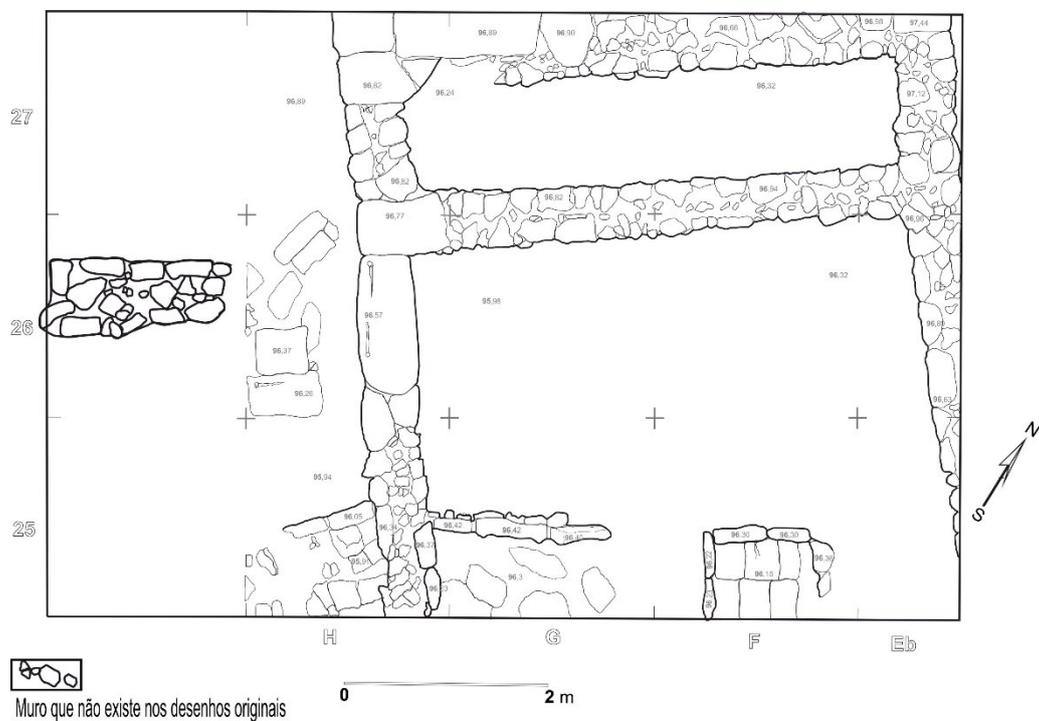


Figura 14 - Desenho do Setor C, 1985 com acrescento de muro (Relatório de Escavação de 1985)

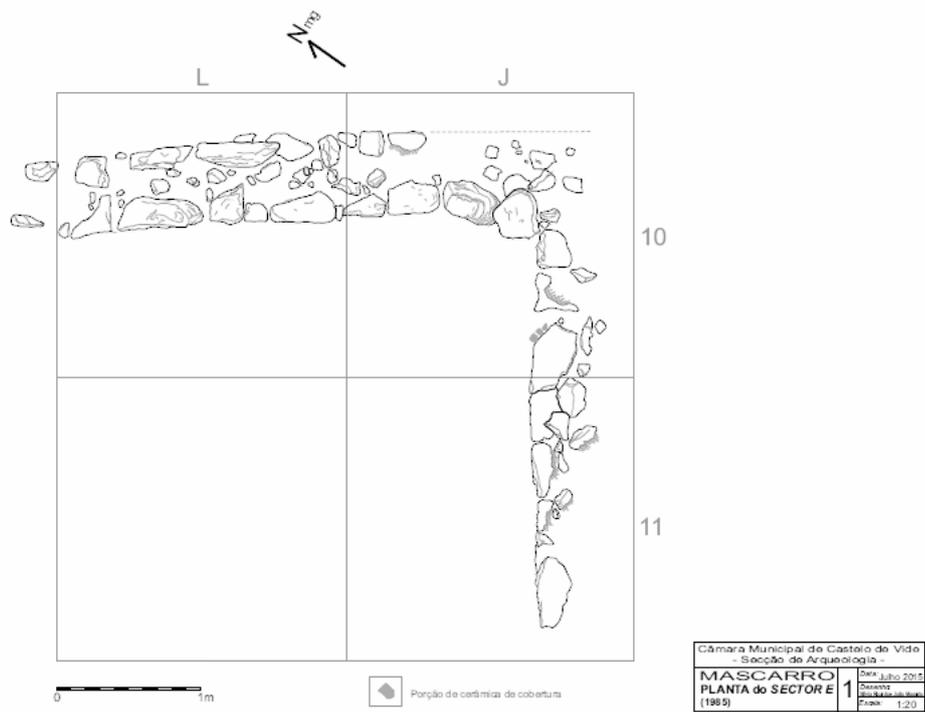


Figura 15 - Desenho do setor E, 1985 (realizado em 2015, por João Magusto e Sílvia Ricardo)

Levantamento Topográfico

Impressões em A3

Levantamento Pré-Escavação – 1983

Levantamento Escavação Final – 1983

Levantamento Escavação Final – 1984

Levantamento Escavação Final – 1985

Levantamento Final - 1986

Fotografias e Imagens



Figura 17 - Fotografia do Mascarro ainda em fase de pré-escavação, 1983
(Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 16 - Marcação do setor C com estacas, 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 19 - Setor B durante os trabalhos de 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 18 - Base de coluna em mármore recolhida no setor B, 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)

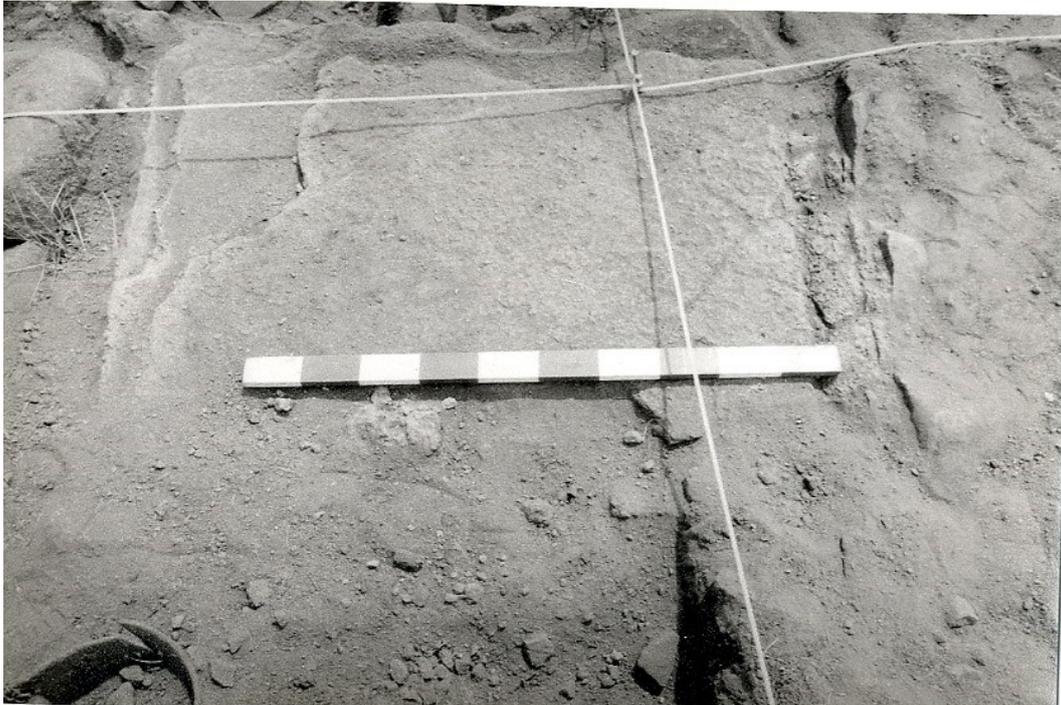


Figura 22- Fundo de tanque em *opus signinum*, do setor A, aquando da sua descoberta, 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 21 - Fragmento de coluna mármore encontrada no setor B, 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 20 - Uma das estruturas adossadas aos muros do setor B, orientada Este-Oeste, 1984 (Fotografia cedida por Jorge de Oliveira)



Figura 23 - Plano final do Setor B, 1984 (Fotografia cedida por Jorge de Oliveira)



Figura 24 - Plano final do setor C onde se destacam as zonas de lareiras no corte Sul, 1985 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 25 - Soleira da porta *in situ* existente no setor C, 1984 (Fotografia cedida por Jorge de Oliveira)



Figura 26 - Zona de derrube do setor C onde se destaca fragmento de fuste de coluna fraturado, 1985 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 27 - Setor F ou Casa do Arco Senhorial, localizada junto à linha de caminho-de-ferro, 1983 (Fotografia cedida pela SACMCV)



Figura 28 – Setor F atualmente, no topo, sobre zona de silharia e derrubes. (Fotografia: Sílvia Ricardo, 2015)



Figura 30 - Setor A, 1984 (Fotografia cedida por Jorge de Oliveira)



Figura 29 - Plano final do Setor A, 1985, onde se destaca o canal de escoamento em granito e a vala de drenagem (Fotografia cedida por Jorge de Oliveira)



Figura 31 – Zona de derrubes localizada entre os setores e a linha de caminho-de-ferro. Identificam-se silhares, pedra solta, cerâmica de cobertura e alguns alinhamentos. (Fotografia: Sílvia Ricardo, 2014)



Figura 32 – Parte de uma pia, junto à zona de derrubes. (Fotografia: Sílvia Ricardo, 2014)

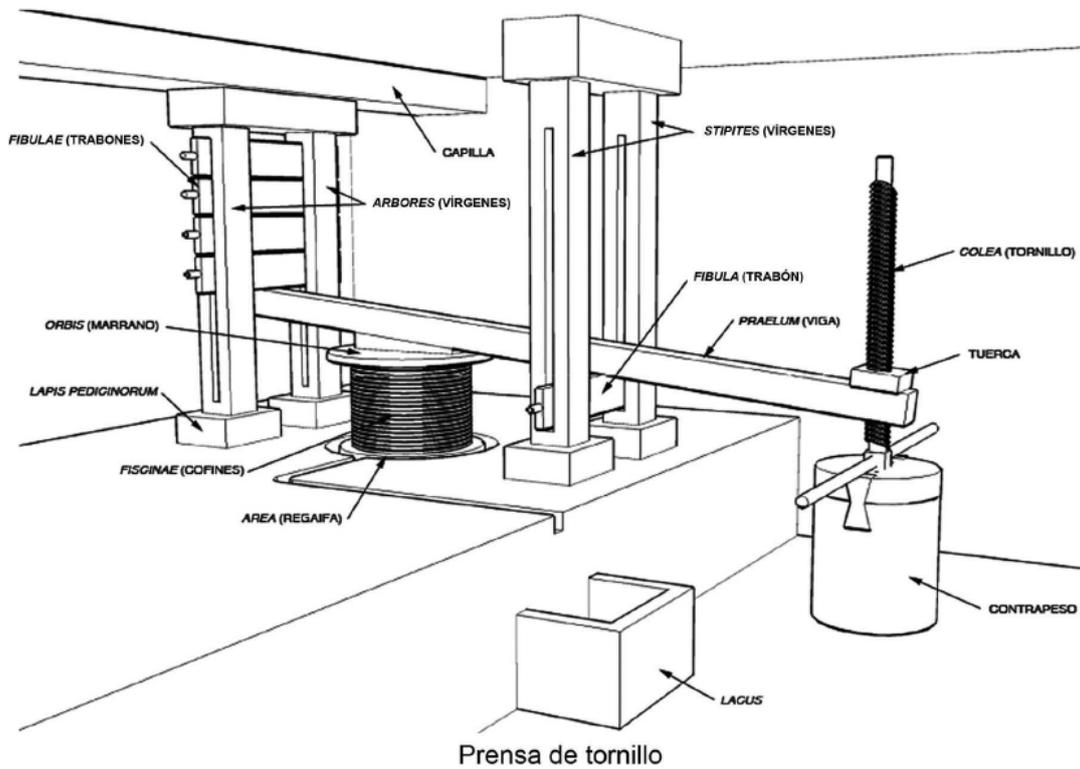
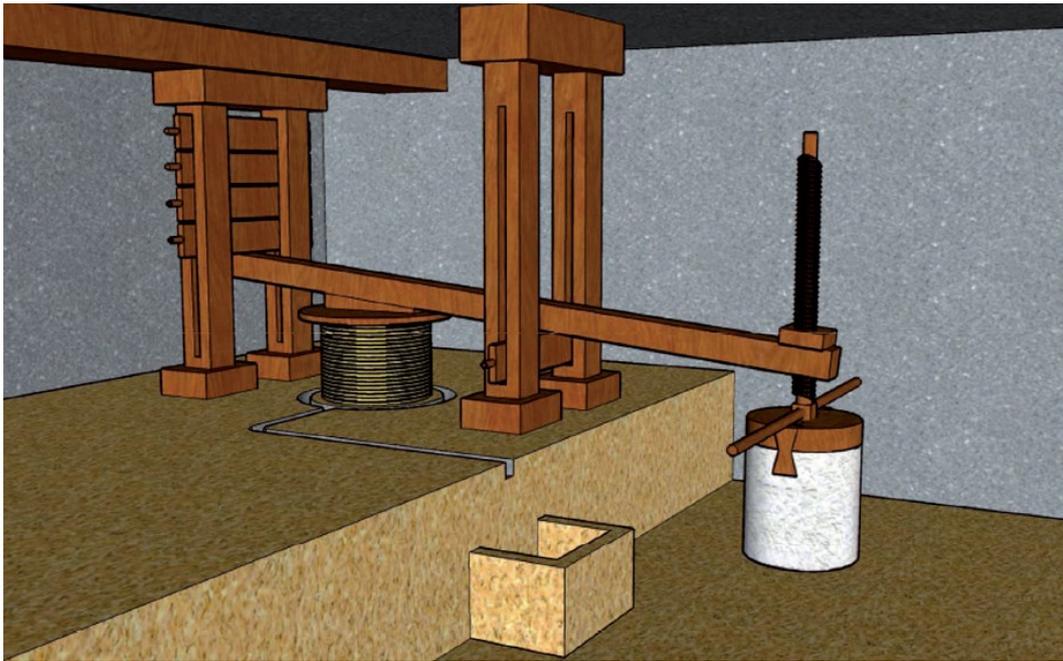


Figura 33 - Esquema do “lagar de parafuso”, segundo PEÑA CERVANTES, 2010

Tabela de Inventário

Nº inventário	Campanha	Setor	Quadrado	Tipo	Descrição	Nº inventário anterior
MA001	1983	B		Tégula	Fragmento tégula em cerâmica.	MA062
MA002	1983	C		Fundo	Fragmento de fundo de pote. Pasta negra com engobe. Decorado com incisão.	MA078
MA003	1983			Asa	Fragmento de asa com secção oval. Pasta castanha com ENP.	MA079
MA004	1983			Asa	Fragmento de asa com secção côncava com pasta castanha.	MA086
MA005	1983	B		Prego	Ferro com cabeça com forma quadrangular irregular e espigão de secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento 20,4 mm, espessura 4,8 mm.	MA191
MA006	1983	B		Cavilha	Ferro com cabeça com forma retangular irregular e espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento 14,7 mm, espessura 5,5 mm; espigão: comprimento 58 mm, espessura 5,3 mm.	MA192
MA007	1983	B		Escápula	Ferro com cabeça de forma retangular e espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento - 15 mm, espessura 8 mm, espigão comprimento 83,5 mm, esp 6.3 mm.	MA193
MA008	1983	B		Escápula	Ferro com cabeça retangular irregular e espigão de secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento 22,7 mm, espessura 8 mm, espigão comprimento 70,6 mm, espessura 8,2mm.	MA194

MA009	1983	B		Prego	Ferro com cabeça retangular irregular e espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento 12 mm, largura 16,4 mm; espigão comprimento 67,5 mm; espessura 7mm; esp. Cabeça 2,5 mm.	MA195
MA010	1983			Capitel	Capitel jónico liso de influência toscana, em granito. Fraturado. Dimensões: 35cmX45cmX36cm	
MA011	1983	B		Bojo	Bojo de ânfora.	
MA012	1983			Indeterminado	Elemento de metal.	
MA013	1984	C	H27	Bordo	Fragmentos de tigela com pasta de cor negra.	MA001
MA014	1984	C	G25	Asa	Fragmento de asa de recipiente cerâmico de grandes dimensões. Dolium?	MA002
MA015	1984	C	H25	Asa	Asa de bilha?	MA003
MA016	1984			Asa	Asa de pote em cerâmica.	MA004
MA017	1984	CAS		Indeterminado	Marca em " V " num pequeno fragmento de objeto cerâmico.	MA005
MA018	1984	A	I6	Fundo	Fragmento de fundo de ânfora de pé cilíndrico Almagro 51 C, século III até V	MA009
MA019	1984	C	F26	Bordo	Terra Sigillata Hispânica do vale do Ebro. Bordo de prato.	MA010/MA037
MA020	1984	C	F26	Bordo	Fragmento de bordo de prato cor de laranja.	MA011
MA021	1984			Asa	Asa com decoração incisa.	MA012
MA022	1984	A	I6	Asa	Parte do arranque superior da asa.	MA013
MA023	1984			Bordo	Fragmento de almofariz de bordo triangular e parede levemente arqueada.	MA015
MA024	1984	CAS		Bordo	Fragmento de bordo de pote de cor negra.	MA017
MA025	1984	A	J6	Bordo	Bordo horizontal de dolium. Diâmetro: 27 cm. Decoração grafitado ziguezague.	MA018

MA026	1984			Bordo	Recipiente com porção do bordo extrovertido de tigela.	MA019
MA027	1984	A	F8	Fundo	Recipiente com porção do fundo de panela. Decorado com caneluras.	MA020
MA028	1984			Bordo	Fragmento de bordo de prato de bordo direito, com marcas de ir ao fogo.	MA021
MA029	1984	CAS		Bordo	Porção de bordo de prato de bordo direito.	MA022
MA030	1984			Fundo	Fundo de pote com pasta de coloração negra.	MA024
MA031	1984			Bordo	Porção de bojo e bordo de panela com bordo voltado para fora.	MA025
MA032	1984	A	I6	Fundo	Fragmento do fundo de panela de coloração negra.	MA026
MA033	1984	CAS		Bordo	Fragmento com porção do bordo de <i>dolium</i> ?	MA028
MA034	1984	CAS		Fundo	Fundo de pasta cor de tijolo, de pote.	MA030
MA035	1984	CAS		Fundo	Fragmento de fundo de púcaro.	MA031
MA036	1984	CAS		Bordo	Fragmento com porção do bordo extrovertido de tigela.	MA032
MA037	1984			Fundo	Fragmento de fundo de panela.	MA033
MA038	1984	A	I6	Bordo	Fragmento de <i>dolium</i> .	MA034
MA039	1984	A	J6	Bordo	Fragmento de bordo de potinho.	MA038
MA040	1984	C	F26	Fundo	Fragmento com porção de bojo e de fundo de panela/púcaro? Arranque de asa. Decorado com incisão.	MA039
MA041	1984			Bojo	Fragmento de <i>dolium</i> . Decorado com incisão.	MA041
MA042	1984	C	F25	Bordo	Fragmentos de alguidar com porção do bordo semicircular de superfície superior plana. Decorado com incisão.	MA044
MA043	1984	CAS		Bordo	Fragmento com porção de bordo de pote.	MA045
MA044	1984	A	J6	Bojo	Conjunto de 3 fragmentos de bojo.	MA047
MA045	1984	A	I8	Fundo	Fragmento de fundo de pote com pasta castanha-alaranjada.	MA049

MA046	1984			Bordo	Fragmento de bordo extrovertido de tigela.	MA050
MA047	1984	?	F8?/H27?	Asa	Fragmento de asa com secção oval, pasta cor de laranja.	MA051
MA048	1984	?	H27/F8?	Asa	Fragmento de asa, com pasta castanha-alaranjada.	MA052
MA049	1984			Fundo	Fragmento do fundo com pasta castanha alaranjada.	MA053
MA050	1984	C	F25	Bordo	Fragmento com porção de bordo, espessado de pote.	MA054
MA051	1984	C	F26	Fundo	Fragmento de talha com porção de bojo e arranque da base.	MA055
MA052	1984	A	J8	Bordo	Fragmento com porção do bordo de pote.	MA056
MA053	1984	C	G27	Bordo	Fragmento de bordo de bilha, pronunciado para o exterior, com secção semicircular.	MA057
MA054	1984	C	H25	Bojo	Fragmento de bojo com arranque da asa. Decorado com incisão.	MA060
MA055	1984	CAS		Telha/tijolo	Fragmento de telha ou tijolo cerâmica laranja. Decorado com digitados.	MA061
MA056	1984			Bojo	Fragmento de bojo de recipiente cerâmico com superfície interna muito escura. Decorado com incisão.	MA063
MA057	1984	C	I25 - Corte B	Bordo	Fragmento com porção do bordo de pote.	MA065
MA058	1984	A	I6	Fundo	Fragmento de fundo de pote. Pasta bege-alaranjado.	MA066
MA059	1984	A	I6	Bordo	Fragmento de bordo de pote de pasta negra com englobe castanho claro.	MA067
MA060	1984	CAS		Asa	Fragmento de asa com secção oval.	MA068
MA061	1984	C	F27	Asa	Fragmento de asa com secção oval. A pasta é negra.	MA069
MA062	1984	C	H25	Bordo	Fragmento de bordo de pote. Pasta negra com englobe.	MA070
MA063	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de bordo de pote.	MA071
MA064	1984	C	H26	Fundo	Fragmento de fundo de panela.	MA072
MA065	1984	A	J6	Fundo	Fragmento de tigela. Pasta negra com engobe rosa.	MA073

MA066	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de bordo de pote.	MA074
MA067	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de bordo de tigela?	MA075
MA068	1984	C	F27	Bordo	Fragmento de porção do bordo de pote. Decorado com incisão.	MA077
MA069	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de bordo de panela.	MA081
MA070	1984	A	J6	Bojo	Fragmento de panela.	MA082
MA071	1984	CAS		Bojo	Fragmento de púcaro. Arranque de asa ao nível do bordo.	MA083
MA072	1984	CAS		Bordo	Fragmento de bordo de pote envasado.	MA084
MA073	1984	CAS		Bojo	Fragmento de panela.	MA085
MA074	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de recipiente com porção do bordo de pote com a pasta muito negra.	MA087
MA075	1984	C	H27	Bordo	Fragmento de bordo direito de prato, de pasta negra.	MA088
MA076	1984	CAS		Bordo	Fragmento de pote. Pasta negra.	MA089
MA077	1984	C	F27	Fundo	Fragmento de prato. Decorado com incisão.	MA091
MA078	1984	C	H27	Fundo	Fragmento de fundo de panela. Manchas de lume.	MA092
MA079	1984			Tijolo	Fragmento de tijolo. Decorado com incisão.	MA093
MA080	1984	A	J6/I6	Telha/tijolo	Fragmento de telha plana e retangular (tégula) com marca de pata de canino? incisa na fase de secagem, antes da cozedura.	MA094
MA081	1984			Telha/tijolo	Fragmento de telha plana e retangular (tégula) com marca de pata de canino? incisa na fase de secagem, antes da cozedura.	MA095
MA082	1984			Telha/tijolo	Fragmento de telha plana e retangular (tégula) com marca de pata de canino? incisa na fase de secagem, antes da cozedura.	MA096
MA083	1984			Tijolo	Fragmento cerâmica cobertura. Incisão.	MA097
MA084	1984	A	I8	Bordo	Fragmento de bordo de tigela. Pasta laranja.	MA098

MA085	1984	C	H25	Imbrice	Fragmento cerâmica cobertura. Decorada com incisão.	MA099
MA086	1984	CAS		Asa	Fragmento de asa. <i>Dolium?</i>	MA101
MA087	1984	CAS		Bordo	Fragmento de bordo de potinho.	MA102
MA088	1984	CAS		Bordo	Fragmento de bordo de pote, com pasta escura.	MA103
MA089	1984	CAS		Bojo	Fragmento de bojo e arranque do fundo.	MA104
MA090	1984	C	F27	Tijolo	Fragmento de telha plana e retangular (tégula) com marca de pata de canino? incisa na fase de secagem, antes da cozedura.	MA105
MA091	1984	CAS		Fundo	Fragmento de fundo de pasta cinzenta. Bilha?	MA106
MA092	1984	CAS		Bojo	Fragmento de recipiente com porção de fundo e de bojo. Pasta cor-de-laranja.	MA107
MA093	1984	C	F26	Fundo	Fragmento de fundo de recipiente. Pasta cinzenta.	MA108
MA094	1984	A	J6	Fundo	Fragmento de fundo de garrafa?	MA111
MA095	1984			Tégula	Fragmento de tégula ou tijolo.	MA112
MA096	1984	C	G27	Bordo	Fragmento de bordo de pote com secção semicircular.	MA113
MA097	1984			Asa	Fragmento de asa de secção oval. Pasta castanha alaranjada.	MA114
MA098	1984	A	J6	Fundo	Fragmento do fundo de coloração negra de pote.	MA115
MA099	1984	C	H25	Bordo	Fragmento de bordo de pote, com pasta escura.	MA116
MA100	1984			Bordo	Fragmento de bordo. Decorado com incisão.	MA117
MA101	1984	C	F27	Bojo	Fragmento de fundo de pote.	MA119
MA102	1984	C	F26	Bojo	Fragmento de panela. Pasta castanha escura.	MA120
MA103	1984	C	F27	Asa	Fragmento de asa, de secção côncava. Pasta com núcleo cinzento claro e superfícies cor de laranja.	MA121
MA104	1984	C	F27	Imbrice	Fragmento de Imbrice. Decorado com caneluras.	MA122

MA105	1984	C	H27	Bojo	Fragmento de fundo de prato. Pasta laranja clara. Decorado com caneluras.	MA123
MA106	1984	C	H27	Bojo	Fragmento de porção de bordo de pote.	MA124
MA107	1984	C	H27	Bojo	Fragmento de fundo de pote. Pasta castanho-escuro.	MA125
MA108	1984	A	J6	Fundo	Fragmento de fundo de pote. Pasta alaranjada. Decorado com caneluras.	MA126
MA109	1984	C	H26	Fundo	Fragmento de fundo de prato de pasta laranja.	MA127
MA110	1984	CAS		Bojo	Fragmento de fundo de panela, com pasta cinzenta.	MA128
MA111	1984	A/B?	F6		Conjunto de 3 fragmentos de cerâmica.	
MA112	1984	C	F27	Bordo	Bordo de pote em cerâmica comum.	
MA113	1984	CAS			Conjunto de 15 fragmentos de cerâmica comum.	
MA114	1984	C	F26	Cerâmica	2 fragmentos de cerâmica comum.	
MA115	1984	C	F26	Fundo	Fragmento de fundo de pote.	
MA116	1984	C	F25		Conjunto de 2 fragmentos de cerâmica comum.	
MA117	1984	C	F27	Bordo	Bordo de pote.	
MA118	1984	C	G25		Fragmento de cerâmica comum.	
MA119	1984	C	H25		Conjunto de 3 fragmentos de cerâmica. Um dos fragmentos é um bordo.	
MA120	1984	C	F26		Fragmento de cerâmica comum.	
MA121	1984	C	F27	Bordo	Bordo de pote em cerâmica.	
MA122	1984	A	I8		Conjunto de 29 fragmentos de cerâmica comum. Dos quais alguns são de ânfora.	
MA123	1984	C	H25		Conjunto de 43 fragmentos de cerâmica comum.	
MA124	1984			Fundo	Taça campanulada baixa. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA135
MA125	1984	A	I6	Bordo	Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	MA136

MA126	1984	C	F27	Forma	Vidro soprado. Forma com gola tubular de copa?	MA138
MA127	1984			Bojo	Taça campanulada. Vidro soprado. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semifundidas com a parede.	MA139
MA128	1984	C	H26	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	MA140
MA129	1984	C	H26	Bordo	Taça campanulada. Porção do bordo de secção semicircular. Vidro esverdeado.	MA141
MA130	1984			Bordo	Taça campanulada alta. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semifundidas com a parede, abaixo do bordo.	MA144
MA131	1984			Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	MA146
MA132	1984	C	H27	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA147
MA133	1984	C	H25	Bordo	Garrafa-balão quadrangular. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA148
MA134	1984	C	H26	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semifundidas com a parede.	MA149
MA135	1984	C	F27	Bordo	Taça campanulada alta. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA151
MA136	1984	C	F27	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA152
MA137	1984	CAS		Botão	Bronze, forma subcircular, com argola de fixação, diâmetro 15.5 mm.	MA178

MA138	1984	C	F26	Indeterminado	Bronze, lábio de secção sub-triangular, irregular no interior.	MA180
MA139	1984	C	F26	Indeterminado	Bronze, tem forma irregular, secção plana e fina. Decoração: incisão.	MA181
MA140	1984	C	F26	Grampo	Grampo de chumbo, forma irregular, secção plano côncava. Dimensões: comprimento máximo 85 mm, largura 36 mm, espessura máxima 9 MM.	MA186
MA141	1984	C	F26	Grampo	Grampo de chumbo. Dimensões: comprimento 47 mm; Largura 30 mm; espessura 6,8 mm.	MA187
MA142	1984	C	H26	Cavilha	Ferro, cabeça com forma quadrangular irregular; espigão de secção quadrangular, Dimensões: cabeça : comprimento 20,4 mm, espessura 4,8 mm.	MA189
MA143	1984	C	H25	Escápula	Ferro; cabeça com forma retangular irregular; espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comprimento 14,7 mm, espessura 5,5 mm; espigão: comprimento 58 mm, espessura 5,3 mm.	MA190
MA144	1984	CAS		Escápula	Ferro, cabeça em pentágono; espigão com secção quadrangular, encontra-se dobrado a meio. Dimensões da cabeça: comp.14,8 mm; larg. 18,5 mm; esp. 3 mm, espigão: comp. 56 mm; esp. 6,3 mm.	MA199
MA145	1984	CAS		Escápula	Ferro, cabeça retangular irregular, espigão com secção retangular. Dimensões da cabeça: comp. 18,2 mm, larg. 8,3 mm; espigão: comp. 56,2; esp. 6.6 mm.	MA200
MA146	1984	CAS		Escápula	Ferro, cabeça com forma irregular, espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comp.13 mm, Larg. 15,4 mm, Espigão: comp.60,7mm, esp. 7,4 mm.	MA201

MA147	1984	CAS		Escápula	Ferro, cabeça retangular, espigão de secção quadrangular, fragmentado. Dimensões da cabeça: comp.19.4 mm, Larg. 5.2 mm, esp. 7.5 mm; espigão: comp. 33 mm, esp. 7,2 mm.	MA202
MA148	1984	CAS		Prego	Ferro, cabeça está fragmentada, espigão com secção quadrangular irregular. Dimensões da cabeça: comp. 8,4 mm, esp. 3,8 mm; espigão: comp. 53.3 mm, esp 4.4 mm.	MA203
MA149	1984	CAS		Prego	Ferro, cabeça está fragmentada, espigão com secção quadrangular irregular. Dimensões da cabeça: comp.11,6 mm, esp, 2,2 mm; espigão: comp.35,5 mm, esp 4,7 mm.	MA204
MA150	1984	CAS		Indeterminado	Ferro, tem forma de " Y ".	MA206
MA151	1984	CAS		Prego	Ferro, cabeça larga com forma irregular, espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: larg máx. 17,2 mm, esp. 3,4 mm; espigão: 70 mm, esp. 6 mm.	MA207
MA152	1984	C	F26	Indeterminado	Fragmentos de chumbo fundidos.	
MA153	1984	CAS		Prego	Ferro, cabeça com forma triangular, arredondada nas arestas; espigão com secção quadrangular. Dimensões da cabeça: comp.18,6 mm, Larg. 13,9 mm, esp. 13,4 mm;; espigão: comp. 64,3 mm, esp. 6,5 mmm;.	MA208
MA154				Prego	Ferro, cabeça larga com forma irregular, espigão curto. Dimensões da cabeça: Larg. Máxima 14,3 mm, esp. 3,4 mm; espigão: 25,4 mm, esp. 4,5 mm.	MA209
MA155	1984			Vários	Conjunto de vários fragmentos de vidro.	
MA156	1984	C	F26	Bordo	Fragmento de vidro de coloração verde.	

MA157	1984	C	F27	Vidro	Fragmento de vidro de coloração branca.	
MA158	1984	C	G27	Bordo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA159	1984	C	F26	Bordo	Dois bordos.	
MA160	1984	CAS		Bordo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA161	1984	C	H26	Bordo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA162	1984	A	I6	Bordo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA163	1984	C	F26		Borra de vidro?	
MA164	1984	C	H26	Bordo	Fragmentos de vidro.	
MA165	1984	C	H27	Bordo	Fragmentos de vidro.	
MA166	1984	C	H25	Bojo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA167	1984	A	J6	Bojo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA168	1984	C	H26	Bojo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA169	1984	A	J6	Bojo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas.	
MA170	1985	E		Asa	Bordo de panela, com arranque superior da asa.	MA006
MA171	1985	E	L10	Indeterminado	Fragmento de um objeto cerâmico decorado com cordões plásticos horizontais.	MA007
MA172	1985	C	I26	Indeterminado	Fundo de objeto cerâmico.	MA008
MA173	1985	E	L12	Fundo	Fundo ânfora?	MA014
MA174	1985	E	J10	Bordo	Bordo de potinho.	MA016

MA175	1985	A	L8	Bordo	Bordo e bojo de pote de cor negra.	MA023
MA176	1985	A	L8	Bordo	Fragmento de bordo de prato com pasta negra.	MA027
MA177	1985	E	L10	Fundo	Fragmento com porção do fundo e de bojo de bilha?	MA029
MA178	1985	A	L7	Fundo	Terra Sigillata africana D1. Fragmento de fundo. Pasta dura, algo compacta. Estampilhado estilo decorativo A (II) motivo 71.	MA035
MA179	1985	E		Bordo	Fragmento de alguidar com bordo pouco pronunciado, parede espessa e quase reta. Decoração: incisão.	MA036
MA180	1985	CAS		Fundo	Fragmento de fundo de panela, de cor avermelhada. Decoração: caneluras.	MA043
MA181	1985	C	I25	Bojo	Fragmento de bojo. Pasta rosa.	MA046
MA182	1985			Bordo	Fragmento de bordo de panela. Pasta alaranjada com manchas negras na superfície externa.	MA048
MA183	1985	C	I26	Bojo	Fragmento de prato com engobe castanho alaranjado.	MA076
MA184	1985	A	L7	Asa	Fragmento de uma asa de <i>dolium</i> .	MA080
MA185	1985	C	I26	Bordo	Fragmento de porção do bordo de pote. Arranque superior da asa	MA090
MA186	1985	C	I26	Fundo	Fragmento de fundo de prato.	MA100
MA187	1985	C	I27	Fundo	Fragmento de pasta cor de laranja, de fundo e de bojo de bilha?	MA109
MA188	1985	C	I27	Fundo	Fragmento de fundo, com pasta alaranjada.	MA110
MA189	1985	CAS		Bojo	Fragmento de bojo de púcaro onde é visível o arranque da asa.	MA153
MA190	1985	CAS		Bojo	Fragmento de bojo de pasta laranja.	MA154
MA191	1985	CAS		Bojo	Fragmento de cerâmica comum.	
MA192	1985	C	H27		Conjunto de 7 fragmentos.	
MA193	1985	C	H27		Conjunto de 2 fragmentos de cerâmica comum.	

MA194	1985	A	L7	Moeda	<i>Nummus, Teodora, tipo Pietas Romana, casa da moeda indeterminada, 337-340.</i>	MA155
MA195	1985	A	L7	Moeda	<i>Nummus, Constâncio II (César) (?), tipo Gloria Exercitus (1 estandarte), casa da moeda indeterminada, 335-337.</i>	MA156
MA196	1985	A	L8	Moeda	<i>AE2, Magnêncio, tipo Victoria Aug Lib Romanor (Imperador segurando globo encimado por águia e calcando prisioneiro inclinado para a frente), Roma (A - //R.F.P), 19 Janeiro-3 Junho 350, RIC VIII 180.</i>	MA157
MA197	1985	A	L7	Moeda	<i>Nummus, Séries urbanas (Vrbs Roma), tipo Gloria Exercitus (1 estandarte), Constantinopla, 336-Primavera 340.</i>	MA158
MA198	1985	A	L8	Moeda	<i>Nummus, Constâncio II (César), tipo Gloria Exercitus (1 estandarte), Arles (chi-ro//?CONST), 335-337.</i>	MA159
MA199	1985	A	L7	Moeda	<i>AE4, Juliano (César), tipo Spes Reipublice, Constantinopla (- - //CONS?), 355-361, RIC VIII 150.</i>	MA160
MA200	1985	A	L7	Moeda	<i>Nummus, Constâncio II ou Constante, tipo Victoriae dd augg q nn, Arles (G//PARL), 347-348, RIC VIII 72-74.</i>	MA161
MA201	1985	A	L7	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361.</i>	MA162

MA202	1985	A	I7	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), Arles (D - //SCON), 353-355, cf. RIC VIII 215 e segs.</i>	MA163
MA203	1985	Corte B	I25	Moeda	Imperador, tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.	MA164
MA204	1985	A	L7	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361</i>	MA165
MA205	1985	A	L7	Moeda	Imperador, tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.	MA166
MA206	1985	E	L10	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), casa da moeda indeterminada, 351-361.</i>	MA167
MA207	1985	A	L7	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), Casa da moeda indeterminada, 351-361.</i>	MA168
MA208	1985	A	L8	Moeda	<i>Nummus, Imperador indeterminado, tipo Gloria Exercitus (1 estandarte) ou Victoriae dd augg q nn, casa da moeda indeterminada, 335-348 .</i>	MA169
MA209	1985	A		Moeda	Imperador e tipo e casa da moeda indeterminados, século IV.	MA170
MA210	1985	A	L7	Moeda	<i>AE3, Constâncio II, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado), Cízico (•M• - //SMK[...]), 355-361, RIC VIII 115</i>	MA171
MA211	1985			Coluna	Tronco de coluna mármore. Dimensões: 1,40cm	MA172

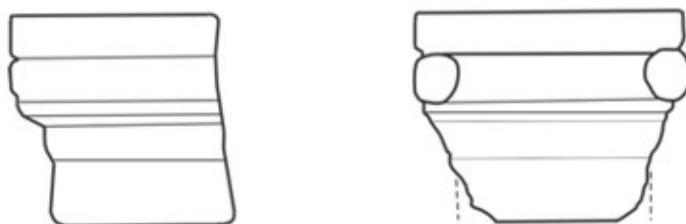
MA212	1985	B		Base coluna	Base de mármore, de forma quadrangular. Nota-se o arranque do fuste, de secção circular. Dimensões:42cmX42cmX16cm	MA173
MA213	1985	C		Coluna	Porção de coluna. Dimensões:14X11X20cm	MA175
MA214	1985			Base coluna	Pequena base de coluna em mármore. Dimensões: 24cm diâmetroX9cm altura	MA176
MA215	1985	A	L7	Indeterminado	Objecto de chumbo, forma triangular, marcas de corte, secção plana. Dimensões: comprimento máximo 170,4; Largura máxima 140,8.	MA177
MA216	1985	CAS		Indeterminado	Bronze. Dimensões: Comprimento 33,3 mm, Largura 19,5 mm.	MA179
MA217	1985	A	L7	Adorno	Bronze, forma retangular, secção plana. Dimensões: Comprimento 31 mm, Larg 9,6 mm, Espessura 0,5 mm. Decoração: incisão.	MA182
MA218	1985	A	L7	Adorno	Bronze, forma retangular, secção plana. Dimensões: Comprimento 21,2 mm, Largura 6,5 mm, espessura 0,5 mm. Decoração: sete círculos	MA183
MA219	1985	A	L8	Indeterminado	Forma retangular, secção plana. Dimensões: comprimento 43,6 mm; largura 9,3 mm; espessura 2 mm.	MA184
MA220	1985	E		Indeterminado	Forma triangular irregular, arredondada nas arestas, fragmentado. Dimensões: comprimento 24 mm, largura 9,4 mm, espessura 2,3 mm sector E.	MA185
MA221	1985	C	I25	Peso chumbo	Peso de Chumbo, forma cilíndrica. Dimensões: comprimento 17 mm; largura 16 mm.	MA188
MA222	1985	E		Cavilha	Ferro, cabeça em pentágono; espigão com secção quadrangular, encontra-se dobrado a meio. Dimensões: Cabeça comp.14,8 mm; larg.	MA196

					18,5 mm; esp. 3 mm, espigão: comp. 56 mm; esp. 6,3 mm.	
MA223	1985	E	J10	Escápula	Ferro, cabeça retangular irregular, espigão com secção retangular. Dimensões: Cabeça: comp. 18,2 mm, larg. 8,3 mm; espigão: comp. 56,2; esp. 6.6 mm.	MA197
MA224	1985	E	J11	Escápula	Ferro, cabeça com forma irregular, espigão com secção quadrangular. Dimensões: Cabeça: comp.13 mm, Larg. 15,4 mm, Espigão: comp.60,7mm, esp. 7,4 mm.	MA198
MA225	1985	A	L8	Indeterminado	Ferro, forma em omega irregular; secção retangular. Dimensões: comp. 70 mm, esp. 2,2 mm, larg. Do arco 30.4 mm, larg. 7 mm.	MA205
MA226	1985	C		Adorno	Pendente/Amuleto de pasta vítrea negra, em forma de pequeno jarro com uma asa. Dimensões: 2,1X1,7X1,2cm	MA132
MA227	1985	E		Bordo	Jarro/garrafa de bocal afunilado com cordão aplicado. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA133
MA228	1985	E	L11	Asa	Vidro soprado. Asa de garrafa quadrangular.	MA134
MA229	1985	C		Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	MA137
MA230	1985	C	I26	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	MA142
MA231	1985			Bordo	Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semifundidas com a parede.	MA143

MA232	1985	E		Bordo	Jarro/garrafa de bocal afunilado com cordão aplicado. Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo.	MA145
MA233	1985	C	I27	Bordo	Taça campanulada. Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	MA150
MA234	1985	E			Vários fragmentos de vidro.	87MA
MA235	1985	A	L8	Bordo	Fragmento de bordo de vidro.	
MA236	1985	E		Vários	Conjunto de vários fragmentos de vidro.	
MA237	1985	E		Vários	Conjunto de vários fragmentos de vidro de várias cores e formas.	
MA238	1985	C	I27	Bordo	Fragmento de vidro.	
MA239	1985	C	I27		Conjunto de 6 fragmentos de vidro.	
MA240	1985	C	I25	Bojo	Vários fragmentos de vidro.	
MA241	1985	C	I26	Bordo	Conjunto de vidro.	
MA242	1985	C	I26		Vários fragmentos de vidro, incluindo uma bolinha de vidro, escória.	
MA243	1985	A	L8		Dois fragmentos de vidro.	
MA244	1985	A	I26	Bojo	Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	
MA245	1985	E		Vários	Conjunto de vários fragmentos da mesma cor.	
MA246	1985	E	L11		Dois fragmentos de vidro.	
MA247	1985	C		Bordo	Vidro soprado. Fragmento de bordo simples espessado e polido ao fogo.	
MA248	1985	E		Bojo	Fragmento de bojo de vidro.	
MA249	1985	C	I27	Fundos	Conjunto de fundos de vidro.	
MA250	1990			Tégula	Tégula	MA040
MA251	1990			Tégula	Fragmento de tégula.	MA129
MA252	1990			Tégula	Fragmento de tégula.	MA130
MA253	1990			Ladrilho	Fragmento de tégula.	MA131
MA254	2000				Conjunto de 5 fragmentos de cerâmica e material lítico.	
MA255	2002			Bordo	Bordo de cerâmica comum.	

MA256	2002				Conjunto de 10 fragmentos, nos quais 1 é uma placa de mármore e 1 é um quadrante.	
MA257	2015			Ara	Metade inferior de ara votiva de granito. A peça, de base quadrangular, é trabalhada nas quatro faces. A moldura é constituída por um filete reverso seguido de dois toros. Dimensões: 27,5X24,5X24,5cm.	2015.13.1 EPI 517
MA258	2015			Contrapeso	Metade de peso de lagar em granito. Dimensões: 74cm diâmetroX67X68cm	
MA259	2015			Contrapeso	Metade de peso de lagar em granito. Dimensões: 68X53cm	
MA260		B/D		Moeda	Triente Égica cunhada em Toledo. Em ouro.	
MA261	2015			Moeda	Moeda visigótica, ouro.	

Desenhos e fotografias dos materiais



MASCARRO - CASTELO DE VIDE
0 1 m

Figura 34 – Capitel liso de influência toscana MA010 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: Sílvia Ricardo e João Magusto, 2015)

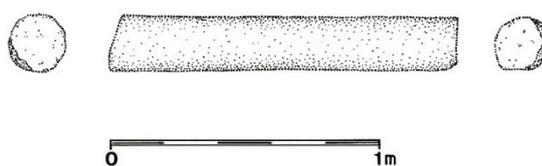


Figura 36 - Coluna mármore MA211 (Fotografia: SACMCV; Desenho: SACMCV)

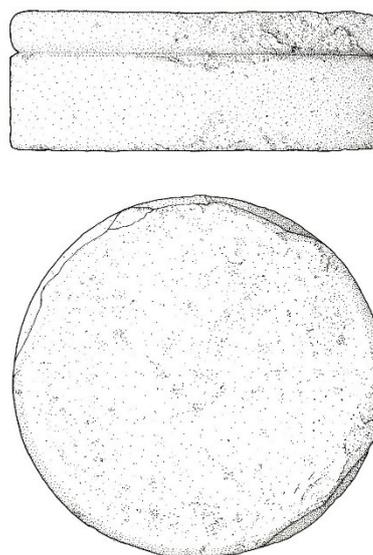


Figura 35 – Base mármore MA214 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1990)

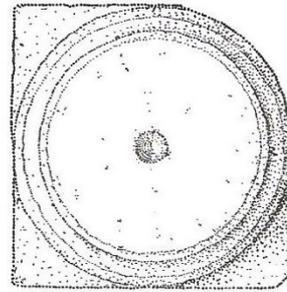


Figura 37 – Base de coluna MA212 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto)

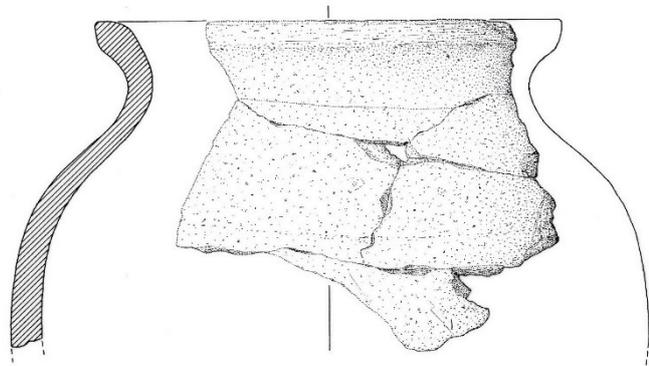


Figura 38 - Bordo de cerâmica comum MA013 (Fotografia: João Magusto; Desenho: João Magusto, 1992)

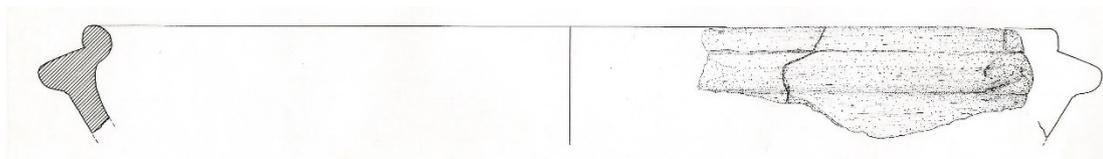


Figura 39 – Bordo almofariz MA023 (Fotografia: João magusto; Desenho: João Magusto, 1992)

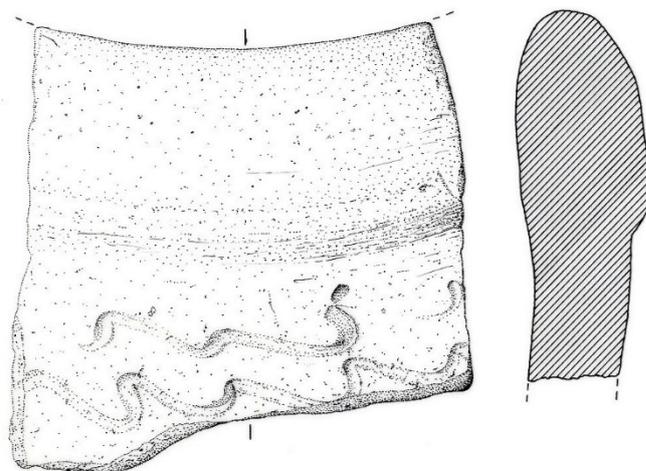


Figura 40 – Bordo *dolium* MA025 (Fotografia: João Magusto; Desenho: João Magusto, 1992)



Figura 41 – Bordo MA029 (Fotografia: João Magusto; Desenho: João Magusto, 1992)



Figura 42 – Fundo MA030
(Fotografia: João Magusto;
Desenho: João Magusto,

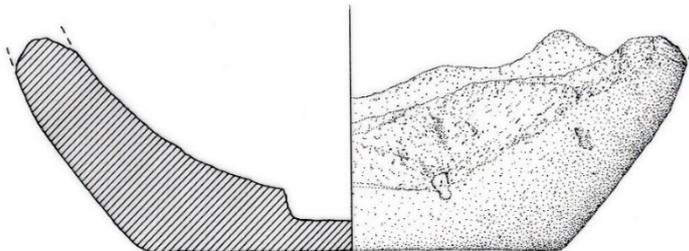




Figura 43 – Fundo *Terra Sigillata* africana D1, decorado com estampilha MA178. (Fotografia: João Magusto; Desenho: João

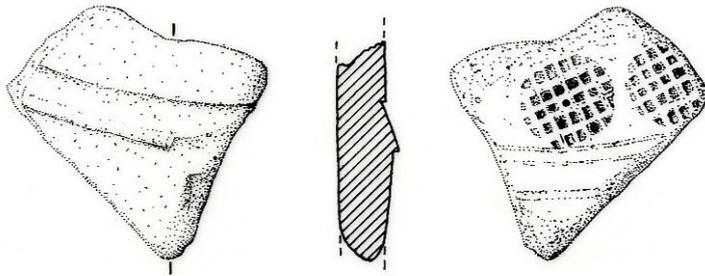


Figura 44 – Bordo *Terra Sigillata* Hispânica do vale do Ebro MA019 (Fotografia: João Magusto

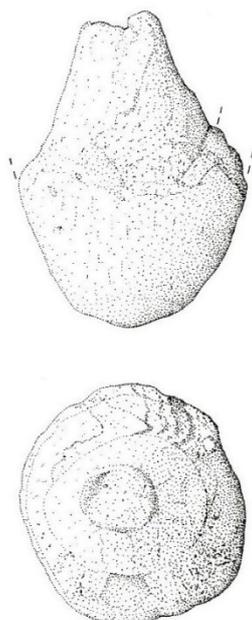


Figura 45 – Fundo de ânfora pé cilíndrico Almagro 51C MA018 (Desenho: João Magusto, 1992)

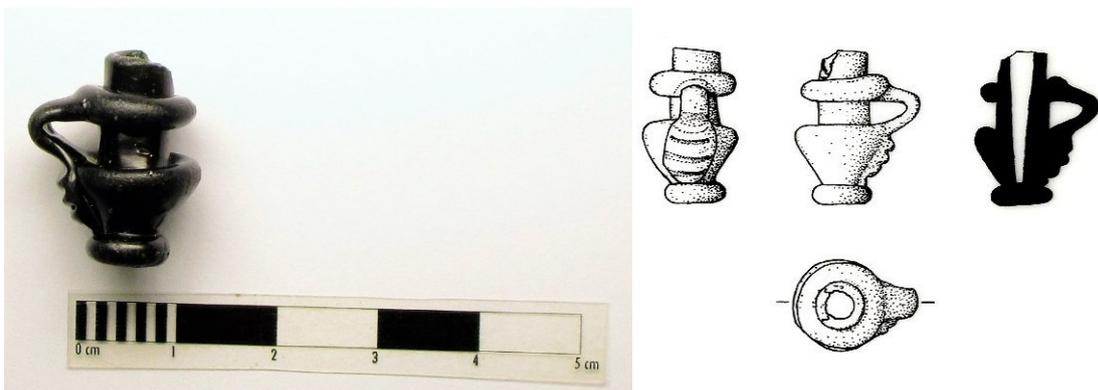


Figura 48 - Amuleto de pasta vítrea negra, em forma de pequeno jarro com uma asa MA226 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)



Figura 47 - Asa de garrafa quadrangular MA228 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)

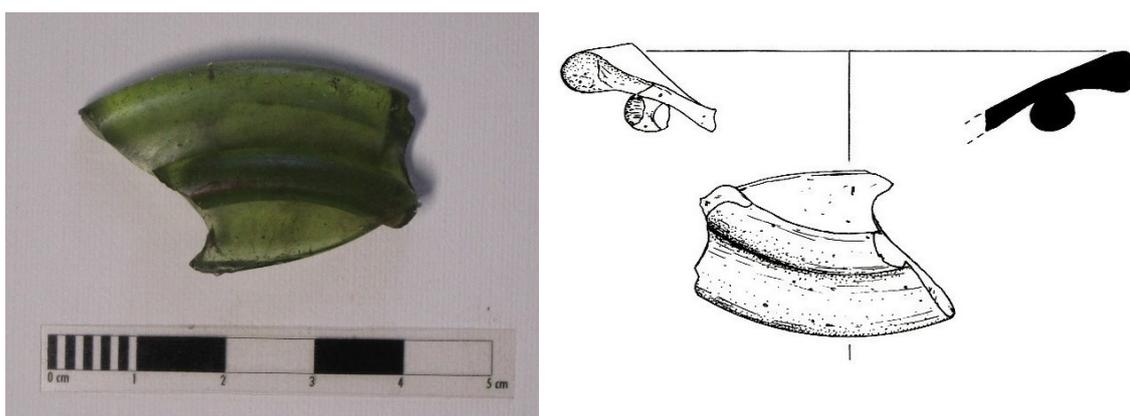


Figura 46 - Garrafa de bocal afunilado com cordão aplicado MA227 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)

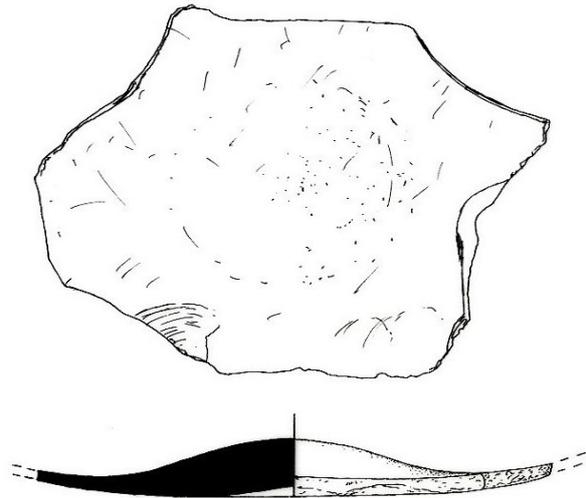
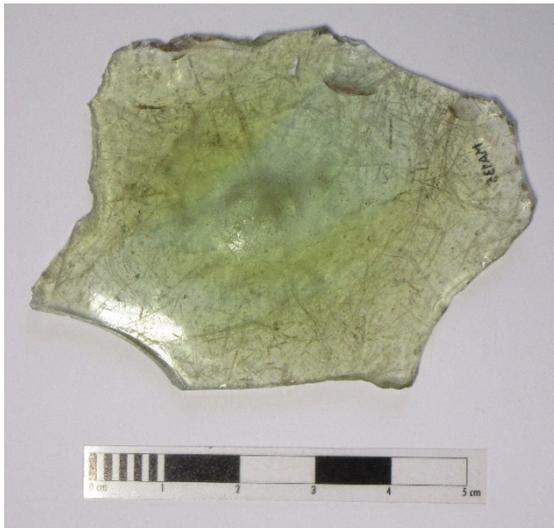


Figura 49 - Taça campanulada baixa MA124 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)

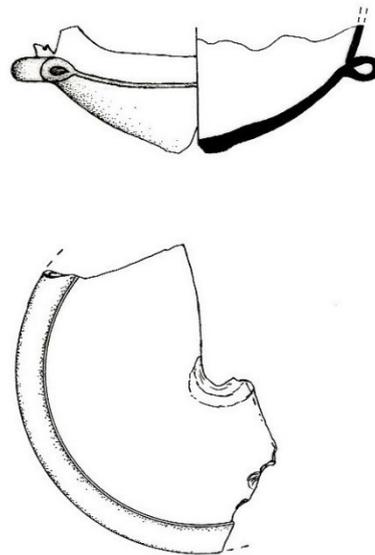


Figura 50 - Forma com gola tubular de copa MA126 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)

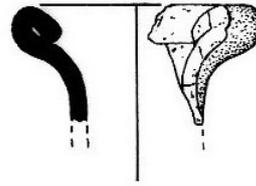


Figura 51 – Bordo de garrafa-balão quadrangular MA133 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 1992)

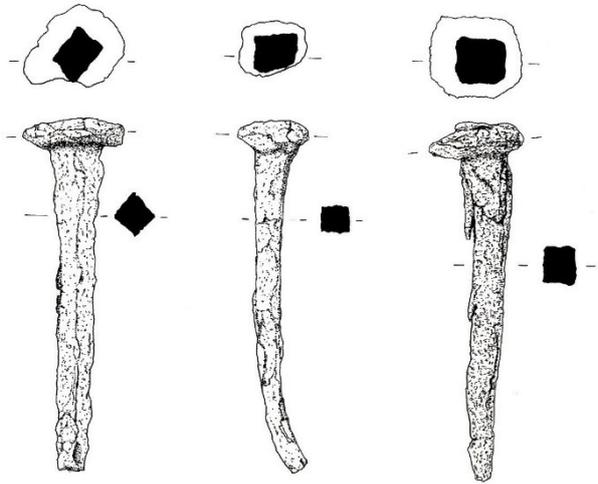


Figura 52 – Pregos e Cavilhas MA142, MA143, MA005 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: GACV)



Figura 53 – Grampos de chumbo MA140, MA141 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: GACV)

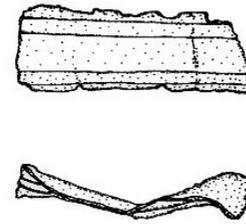


Figura 54 - Adorno MA217 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: GACV)

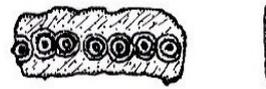


Figura 55 – Adorno MA218 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: GACV)

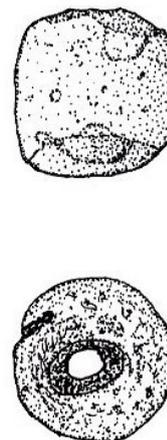


Figura 56 - Peso de Chumbo, forma cilíndrica MA221 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: GACV)

Figura 57 – Ara votiva do Mascarro MA257 (Fotografia: MNA; Desenho: João Magusto, 2015

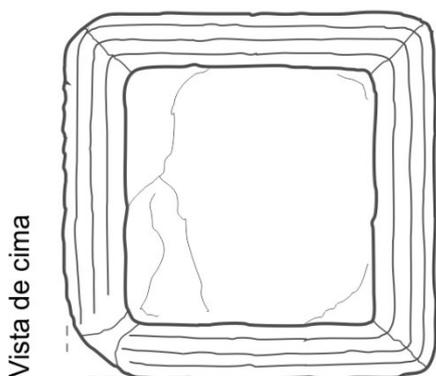
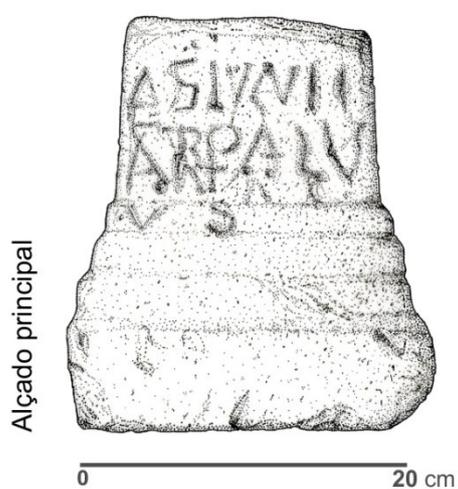




Figura 58 – Numismas do MA194 até ao MA210 (Fotografia: SACMCV)



Figura 59 – Trientes visigóticos de ouro, recolhidos no Mascarro. Publicados por D. Fernando de Almeida e Maria da Conceição Rodrigues, 1971 e 1975 respetivamente

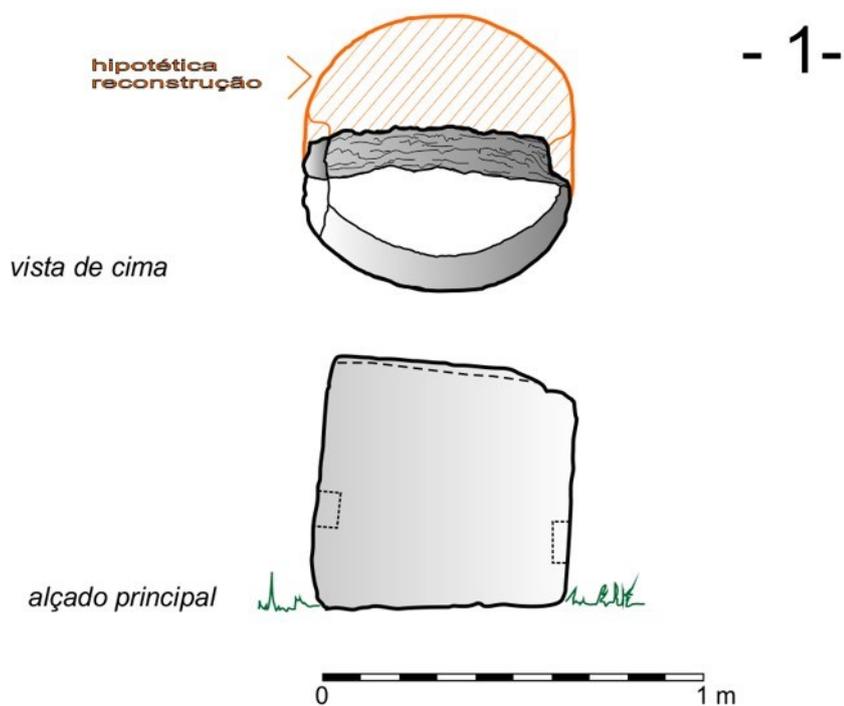


Figura 60 – Peso de lagar 1 Mascarro MA258 (Fotografia: Sílvia Ricardo;
Desenho: João Magusto, 2015)

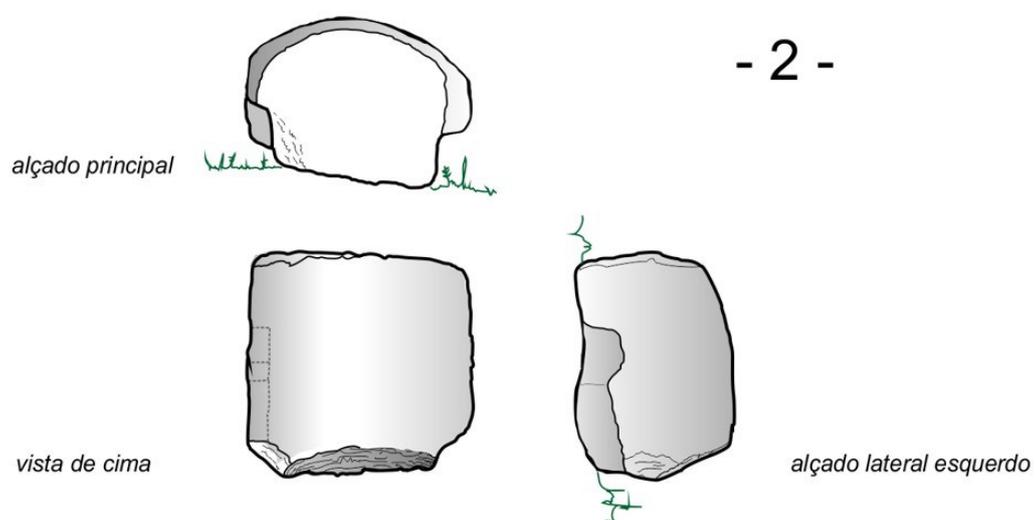


Figura 61 – Peso de lagar 2 do Mascarro MA259 (Fotografia: Sílvia Ricardo; Desenho: João Magusto, 2015)

Modelos 3D



Figura 63 - Modelo 3D da Ara do Mascarro (Autoria: João Aires, 2015)



Figura 62 – Modelo 3D do amuleto em vidro do Mascarro (Autoria: João Aires, 2015)

Fichas de Sítio

Ficha de Sítio 1

Designação: Santo Amarinho

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: S. João Batista

CMP: 335

Coordenadas: X 0629476 Y 4363363

Tipo de Sítio: Mancha de ocupação

Período Cronológico: Romano

Descrição do sítio: Blocos graníticos afeiçãoados, alguns formando alinhamentos, junto à sepultura escavada na rocha I de Santo Amarinho. Nas proximidades deste local foi recolhida uma ara.

Paisagem: Peneplanície, afloramentos graníticos

Estado de conservação: Destruído

Uso do Solo: Pastoreio

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica comum e um peso lagar, em granito

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário: João Afonso Mendes

Acessos: Sair de Castelo de Vide pela EN146 em direção a Portalegre, ao KM 15.5 existe um entroncamento em direção à antiga passagem de nível. A 160m da passagem de nível, uma cancela dá acesso pedestre aos vestígios que se localizam no cimo de uma pequena colina.

Bibliografia: AAVV, Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores 1991, Castelo de Vide: GACV, 1991.

ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições romanas do conventus pacensis subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra: Instituto de arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra, 1984.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1975.

PRATA, Sara, *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.

CARNEIRO, André, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Humanitas Supplementum, II, 2014.

Observações: Vestígios arqueológicos nas imediações – sepulturas escavadas na rocha I, II e III de Santo Amarinho; necrópole medieval de Santo Amarinho e chafurdão do Cangão.

Fotografias/Desenhos: Espólio recolhido e encontrado neste local. Fotografias cedidas pela SACMCV.



Ficha de Sítio 2

Designação: Tapada do ribeiro de Carvalho - Machoquinho

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: Santiago Maior

CMP: 335

Coordenadas: X 0627874 Y 4365455

Tipo de Sítio: Estrutura

Período Cronológico: Romano

Descrição do sítio: Seis fiadas paralelas de muros, e dois compartimentos de planta retangular. Podem ter existido outros compartimentos a Oeste, mas atualmente já não se verifica devido aos trabalhos agrícolas.

Paisagem: Encosta suave, a cerca de 100m da linha de água do Ribeiro de Carvalho, um afluente da Ribeira de Nisa.

Estado de conservação: Regular

Uso do Solo: Outros

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica cobertura, peso tear, dolia

Depósito espólio: SACMCV

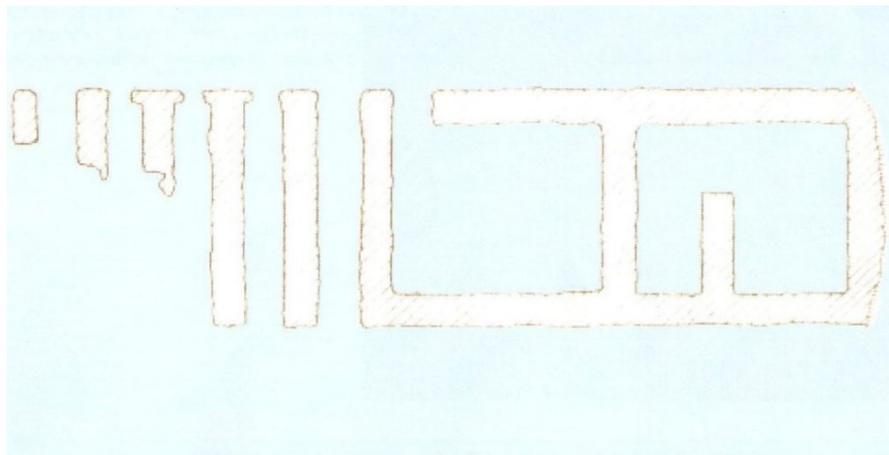
Proprietário:

Acessos: Sair de Castelo de Vide em direção a Alpalhão, ao Km 10.8, existe um caminho de terra batida que conduz ao Monte do Machoquinho. Os vestígios arqueológicos encontram-se a cerca de 250m para noroeste do referido monte.

Bibliografia: RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1975.

Observações: Esta construção parece corresponder a um celeiro romano. O sítio da Tapada da Pedreira fica muito perto destes vestígios.

Fotografias/Desenhos: Fotografia e desenho da estrutura intervencionada, cedidas pela SACMCV.



Ficha de Sítio 3

Designação: Vale da Bexiga VI

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: S. João Batista

CMP: 334

Coordenadas UTM: X 0622423 Y 4363568

Tipo de Sítio: *Villae*

Período Cronológico: Romano/ Alta Idade Média

Descrição do sítio: O sítio foi alvo de destruição por parte do proprietário, por isso pouco resta dos escassos vestígios de materiais cerâmicos e estruturais. Antes da destruição foi possível identificar uma necrópole composta pelo menos cinco sepulturas de inumação e alicerces de construções cuja função não se conseguiu determinar. As sepulturas foram abertas no solo e forradas lateralmente com lajes graníticas. A orientação destas é O/E cabeceira-pés. As restantes estruturas eram compostas por um recinto retangular, bem definido, que parece ser um anexo de outros, estes, provavelmente, de maiores dimensões.

Paisagem: Relativamente perto da ribeira de Figueiró.

Estado de conservação: Destruído

Uso do Solo: Agrícola

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica cobertura, peso tear, dolia, fíbula, colunelos decorados, base de coluna granítica

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário: Pedro Cordeiro, João Cordeiro, Alexandre Cordeiro

Acessos: Saindo de Castelo de Vide pela EN246 em direção a Alpalhão, chega-se à ponte sobre o Ribeiro do Figueiró. Ai continua-se para Sul por um caminho carreteiro de acesso ao Monte do Vale da Bexiga. A Sul estão os vestígios.

Bibliografia: RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1975.

CARNEIRO, André, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Humanitas Supplementum, II, 2014.

CARVALHO, Joaquim, Ocupação Humana no Concelho de Castelo de Vide. *Ibn Marwan. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, Lisboa: Colibri, 8, 1997.

AAVV, *Levantamento arqueológico do Cangão aos Lavradores 1991*, Castelo de Vide: GACV, 1991.

PITA, António, MAGUSTO, João, *Levantamento arqueológico da zona sudoeste do Concelho de Castelo de Vide: Feitosa, Figueiras 1, Lavradores e Cangão*, em Actas do 2º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre. Associação dos Professores de História, Lisboa, 1996.

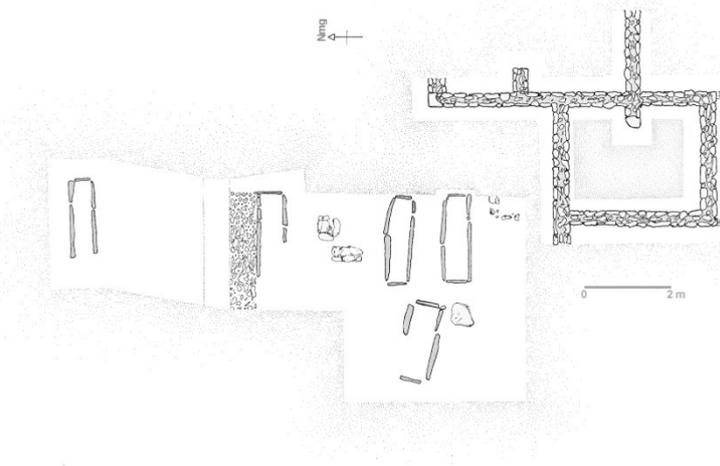
PRATA, Sara, *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Inédita. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.

Observações: Código Nacional de Sítio 506.

Neste sítio estão identificados várias manchas de materiais (Sítio arqueológico 3,4,5,7 do Vale da Bexiga), todos muito semelhantes, que podem pertencer todos a uma só estrutura. Neste local existe também um chafurdão e uma sepultura escavada na rocha.

Fotografias/Desenhos: Fotografia e planta da estrutura intervencionada. Fotografia do moroiço formado após a destruição sítio. Fotografias de alguns dos objetos descobertos na escavação 1982. Colunelo decorado, peso tear, brinco bronze, *terra Sigillata* africana decorada e bordo ânfora. Fotografias e desenhos cedidos pela SACMCV.





Ficha de Sítio 4

Designação: Tapada das Cruzes Lameira

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: S. João Batista

CMP: 335

Coordenadas: X 0622915 Y 4366450

Tipo de Sítio: Casal?

Período Cronológico: Romano/ Alta Idade Média

Descrição do sítio: Mancha de materiais modestos, dispersos por uma pequena área.

Paisagem: Peneplanície onde divergem várias linhas de água.

Estado de conservação: Destruído

Uso do Solo: Outros

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica cobertura, escórias

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário:

Acessos: Sair de Castelo de Vide em direção a Alpalhão, pela EM1032 que liga à Alagoa.

Os vestígios arqueológicos situam-se junto à estrada, a cerca de 300m do monte.

Bibliografia: Inédito

Observações: Há paralelos com outros sítios conhecidos na área.

Fotografias/Desenhos: Sítio e envolvente da Tapada Cruzes Lameira. Fotografia cedida pela SACMCV.



Ficha de Sítio 5

Designação: Tapada da Pedreira

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: Santiago Maior

CMP: 335

Coordenadas: X 0622825 Y 4366480

Tipo de Sítio: Estruturas? *Villae*?

Período Cronológico: Romano

Descrição do sítio: À superfície são visíveis vestígios de alinhamentos de pedra e lajes e algumas ruínas de construções. O sítio parece estar bastante destruído e afetado pela aparente utilização da zona para pedreira, como referida na Carta Geológica de Portugal.

Paisagem: Peneplanície com diversas linhas de água.

Estado de conservação: Mau

Uso do Solo: Outros

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica comum e de construção

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário:

Acessos: Sair de Castelo de Vide pela EN246 em direção à zona industrial de Castelo de Vide, seguindo a estrada que conduz à Alagoa. O sítio arqueológico localiza-se junto à estrada a cerca de 100 m a norte do Monte do Machoquinho.

Bibliografia: RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide, Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1975.

CARNEIRO, André, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Humanitas Supplementum, II, 2014.

Observações: Código Nacional de Sítio 505. Regista-se uma sepultura escavada na rocha, antropomórfica.

Fotografias/Desenhos: Envolvente e zona da “pedreira”. Fotografias tiradas por Sílvia Ricardo.



Ficha de Sítio 6

Designação: Tapada do Laranjo

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: S. João Batista

CMP: 335

Coordenadas: X 0622540 Y 4366430

Tipo de Sítio: Estruturas

Período Cronológico: Romano

Descrição do sítio: Registam-se ruínas de construções e alguns alinhamentos feitos de silhares graníticos. O sítio implanta-se numa encosta voltada a Este da ribeira de Cogulo, sob uma “plataforma artificial”.

Paisagem: Peneplanície, junto à ribeira de Cogulo

Estado de conservação: Mau

Uso do Solo: Outros

Ameaças: Florestação

Descrição de Espólio: Cerâmica de construção e doméstica, silhares

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário:

Acessos: Sair de Castelo de Vide pela EN246 em direção a Alpalhão. Após 4 Km encontra-se um cruzamento à esquerda que segue até à ponte da Ribeira de Nisa. Do lado direito há um caminho, que percorrido 2 Km, tem outro caminho secundário à esquerda pelo qual se segue. Após um 1 Km é a Tapada do laranjo, cujas ruínas ficam no fundo da propriedade.

Bibliografia: Inédito

Observações:

Fotografias/Desenhos: Fotografias dos silhares, vestígios mais evidentes, e de algumas cerâmicas. Realizadas por Sílvia Ricardo.



Ficha de Sítio 7

Designação: Cangão

Distrito: Portalegre

Concelho: Castelo de Vide

Freguesia: S. João Batista

CMP: 335

Coordenadas: X 0629305 Y 4362905

Tipo de Sítio: Estruturas

Período Cronológico: Romano

Descrição do sítio: Vestígios de construções, que foram reaproveitados nos tempos modernos. Vislumbram-se muros em suporte terra e varias porções de cerâmica de construções. Na área existem moroiços que podem pertencer a estas construções.

Paisagem: Relevos irregulares, numa encosta virada a norte existem vestígios de antigas construções.

Estado de conservação: Destruído

Uso do Solo: Agrícola

Ameaças: Agricultura

Descrição de Espólio: Cerâmica de construção

Depósito espólio: SACMCV

Proprietário:

Acessos: Sair de Castelo de Vide em direção a Portalegre, os vestígios distam cerca de 600m para sudoeste de Santo Amarinho.

Bibliografia: Inédito.

Observações: Muito próximo de Santo Amarinho.

Fotografias/Desenhos: Cerâmicas recolhidas neste local, cedida pela SACMCV.

